



Perfeito
PARA MIM

SÉRIE HOMENS DE PALOMINO | *Livro 2*

AGATHA SANTOS



Perfeito
PARAMIM
SÉRIE HOMENS DE PALOMINO | *Livro 2*

Agatha Santos

2019

Copyright © Agatha Santos

Capa e Diagramação: **Criativa TI**

Revisão: **Bah Pinheiro**

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Dedicatória

Dedico esse livro a especialista em achar os mocinhos certos.

A você M F Correa (a vaca)

Agradecimentos

Continuo na busca da leveza nas singelas palavras que escrevo em meus romances.

Criar um mundo fictício e colocar personagens que tem muito de nós e, mais ainda do que deveríamos exercer, é desafiador e instigante.

Agradeço ao meio literário, as minhas leitoras queridas e a todos os amigos que fiz e faço por esse caminho.

Espero que o jovem amor desse casal os encante como me encantou.

Bjs no core

Agatha Santos

Sumário

[Sinopse](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Clarinha](#)

[Capítulo 2](#)

[Marcelo](#)

[Capítulo 3](#)

[Clarinha](#)

[Capítulo 4](#)

[Marcelo](#)

[Capítulo 5](#)

[Clarinha](#)

[Capítulo 6](#)

[Marcelo](#)

[Capítulo 7](#)

[Clarinha](#)

[Capítulo 8](#)

[Marcelo](#)

[Capítulo 9](#)

[Clarinha](#)

[Capítulo 10](#)

[Marcelo](#)

[Capítulo 11](#)

[Marcelo](#)

[Capítulo 12](#)

[Clarinha](#)

[Capítulo 13](#)

[Marcelo](#)

[Capítulo 14](#)

[Clarinha](#)

[Capítulo 15](#)

[Marcelo](#)

[Capítulo 16](#)

[Clarinha](#)

[Capítulo 17](#)

[Marcelo](#)

[Capítulo 18](#)

[Clarinha](#)

[Capítulo 19](#)

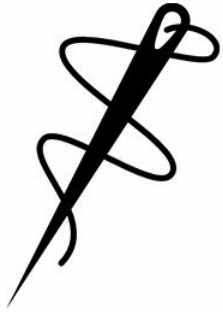
[Marcelo](#)

[Capítulo 20](#)

[Clarinha](#)

[Fim](#)

[Sobre a Autora](#)



Sinopse

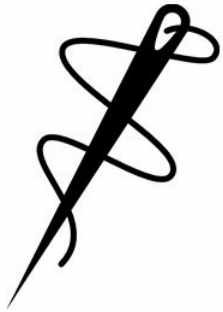
Marcelo é o mais novo de quatro irmãos. Conhecidos como os Queiroz, donos da fazenda responsável pela fundação da cidade de Palomino.

Acostumado a ter tudo o que quer e cultivar um gosto peculiar por mulheres mais velhas e sexo sem compromisso, Marcelo volta à sua cidade, após uma de suas aventuras e não sabe o quanto sua vida vai mudar.

Clara Maria, a doce costureira, filha de dona Lélia e a mais nova de quatro irmãs, sempre sonhadora, nunca conseguiu se envolver com alguém. Esperava o dia que seu príncipe encantado viria e a resgataria de sua vida monótona.

Mas não é um príncipe que a Clarinha encontra e, sim, um mauricinho arrogante, que consegue tirá-la do sério. Em um encontro casual, e com poucas palavras trocadas, a antipatia fica evidente. Clara consegue tirar Marcelo do eixo com suas respostas e os dois começam a sentir algo novo e totalmente viciante.

Um sentimento diferente nasce desse encontro e, tanto Marcelo, quanto Clara, querem descobrir como algo que parece não se encaixar de maneira nenhuma, pode ser perfeito para os dois.



Prólogo

*“Se até os cactos que são cobertos de espinhos,
têm flores lindas para mostrar...
então qualquer ser humano por mais frio que seja,
em algum momento terá sempre um pouco de amor para dar.”*

— [*Bel Coutinho*](#)

Acordo em meu apartamento na capital e sinto a bile subir, levanto tropeçando entre os lençóis, quase caindo, corro até o vaso sanitário e solto tudo que ingeri. O gosto amargo se intensifica na minha boca, vou até a pia, escovando meus dentes.

Encaro o espelho e não reconheço minha feição. Estou um caco.

Ontem visitei uma boate com Diana e duas amigas dela, no fim, aconteceu o de sempre, viemos para meu apartamento e fizemos a nossa festa particular.

Pena que uma das moças era muito jovem, acho que inexperiente, então não topou tudo que Diana e a outra amiga quiseram fazer. Por isso, odeio sair com mulheres novas demais, sempre inseguras e com medo de se entregarem totalmente.

Cansativo demais!

Amanhã retorno para a fazenda. Vinicius, um dos meus irmãos, está voltando depois de um ano fora, viajando pelo mundo. A morte do meu pai causou algumas rachaduras, foi algo inesperado e mudou um pouco o curso das coisas.

Assumi grandes responsabilidades no negócio da família, junto de Rômulo e Guilherme. Minha mãe, apesar de parecer impenetrável, ainda sofre com a perda, assim como nós.

Vou mergulhar em trabalho este mês, visto que o festival se aproxima e preciso entregar bons potros no leilão. Nada de diversão por um bom tempo.

— Bom dia, Marcelinho. — Diana aparece na porta do banheiro.

— Bom dia, Diana. Acorde suas amigas, viajo agora cedo para a fazenda e ainda preciso resolver algumas coisas.

— Tudo bem. Quando nos vemos de novo?

— Não sei — viro-me para ela —, deixemos para o acaso.

— Como sempre, não? — Ela ri, debochada.

— Eu não me amarro a ninguém. Odeio cobranças e frescuras. Você sabe bem disso.

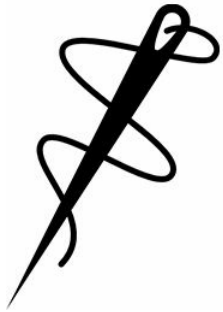
Passo por ela e vou até o meu quarto. Nunca levo nenhuma mulher lá, normalmente usamos a sala ou o quarto de hóspedes.

Tomo um banho demorado, esperando sinceramente que quando eu terminar todas já tenham partido. Minha ressaca me deixou de mau humor, não quero ter que lidar com falsas promessas ou suposições errôneas.

Quando saio do quarto, o apartamento está silencioso, desço para a garagem e entro no meu carro.

Respiro profundamente, dando partida no meu Audi TT e rumo para a fazenda. Em algumas horas estarei na velha e entediante rotina, lidando com os peões ignorantes, indo à cidade e nunca encontrando nada de interessante.

— Vida entediante, aí vou eu...



Capítulo 1

“Quando tudo for pedra, atire a primeira flor.”

— Autor Desconhecido

Clarinha

Observo a pequena bagunça à minha volta e decido que de hoje não pode passar a arrumação deste quartinho. Tem dias que estou atarefada com as costuras e protelando uma faxina neste espaço, dificultando achar qualquer coisa que precise usar.

Normalmente sou organizada com minhas coisas, principalmente no ambiente onde trabalho, mas a alta demanda de serviço por conta da festa da cidade que se aproxima, acaba atrapalhando minha rotina.

Ainda nem é hora do almoço e já estou descabelada, com dor na coluna, os dedos picados pela agulha e um cansaço extremo. Jurei que este ano faria diferente e não sobrecarregaria minha rotina com tanta costura, mas como sempre, não consigo dizer não.

A festa de Palomino é uma tradição que move todos os habitantes em torno dela, a empolgação é contagiante, as tradições de cada família sendo passadas para os seus, unindo a todos em comemoração por mais um ano de existência.

Esse sentimento de realização acaba tomando conta de mim e não resisto aos constantes pedidos que chegam à minha porta. Em sua maioria, são os peões que competem e desfilam na festa, querendo ajustes nas roupas de montaria, algum rasgo ou remendo que precise ser feito.

Espeto a agulha na pedra de sabão à minha frente e levanto o colete que acabei de consertar. Ele é todo marrom escuro, em couro, algumas franjas nas costas dão um certo charme. Lucio, nosso vizinho, é o dono e pediu que remendasse um pequeno rasgo na lateral e aproveitei para pregar alguns apliques na frente.

Ficou uma lindeza só.

Sorrio para mais um trabalho concluído e essa é a resposta para o meu esforço. Poder caminhar pela festa e observar a quantidade de pessoas que ajudei, sentir que meus dedos

puderam deixar os trajes ainda mais bonitos, pessoas mais arrumadas, faz eu me sentir parte do todo. Parece um pouco piegas, mas é assim que me sinto.

Dobro o colete com cuidado e deixo na prateleira para as peças já consertadas, é a única coisa que ainda está arrumada neste cômodo e não quero correr o risco de perder uma delas nesta bagunça de retalhos, panos e fitas espalhadas por aqui.

Estico meu corpo, sentindo meus músculos protestarem pela posição que estava, apesar dos meus dezoito anos, esta cadeira que trabalho acaba judiando das minhas costas. Alongo meu corpo o máximo que posso e solto o ar, com pesar.

Volto minha atenção para a máquina de costura e pego a linha para encaixar na agulha que vou usar no próximo manuseio.

— Oi, maninha. — Ritinha entra sem bater.

— Dia, Ritinha — respondo, concentrada no que estou fazendo.

— Vamos à prainha comigo? Quero aproveitar esse sol bonito lá de fora.

— Ah, não. Eu tenho algumas coisas para fazer... — Tento argumentar e sou interrompida.

— Ordens da mãe. Ela disse que você está tempo demais enfurnada aqui dentro.

— Mas...

— Nada disso. Arruma suas coisas, vamos sair daqui às onze.

— Antes do almoço? — Estranho o horário.

— Sim. Não vamos demorar nada. — Ela sorri, animada, saindo por onde entrou.

Estranho o convite e, ainda mais, toda a animação de Ritinha. Normalmente ela chamaria a Paulinha para um passeio desses e não a mim.

Saio pela porta e avisto todo nosso quintal e, como sempre, sorrio. Aqui passei grande

parte da minha vida, sempre gostei de brincar montando casinhas, com minhas bonecas ou balançando na árvore.

O que restou daquela infância foram os quatro balanços que meu pai fez para cada filha e uma saudade imensa, que sempre me assola quando olho para eles.

Sou a mais nova das irmãs e as regalias pela minha condição sempre foram as mais favoráveis. Fui mimada pelos meus pais, o parto mais difícil da minha mãe, segundo ela. Uma complicação na gravidez me fez nascer antes da hora e, pela falta de tamanho e peso, fiquei na incubadora por semanas.

Minhas irmãs sempre me trataram com cuidado, já que minha mãe, sempre exagerada, achava que eu seria frágil por toda a vida.

Por um longo tempo, todo esse cuidado foi bom e conveniente. Apesar de sempre ter sido uma garota tranquila e preferir aos livros e o quintal, ao invés das aventuras em turma na rua, hoje isso incomoda um bocado.

Aprendi o ofício de costura por gostar de ajudar de alguma maneira as pessoas. Poder consertar peças velhas e deixá-las como novas, ter um pedaço qualquer de tecido nas mãos e transformá-lo em algo de uso era cativante.

No entanto, agora, isso não parece mais suficiente. Nunca me arrependi por ser a filha mais obediente e que vive embaixo das asas dos pais, só que ultimamente não consigo parar de imaginar como seria minha vida se fosse mais aventureira, por assim dizer.

Lembro-me do convite da minha irmã e minha quase negação se ela não fosse mais teimosa do que eu. Eu simplesmente ajo no automático e prefiro o seguro, por isso, as coisas andam sempre de forma lenta na minha vida.

Disperso meus pensamentos e resolvo esquecer por um minuto meus questionamentos. Aproveitar o dia de sol e a minha juventude, foi isso que minha irmã disse e é isso que farei.



Já é noite e eu ainda estou sentada no velho balanço, pensando nos acontecimentos malucos desse dia. Quando pensei que poderia me aventurar um pouco e deixar a mesmice dos meus dias, não estava planejando mentir para os meus pais, visitar a fazenda mais rica da região e conhecer aquele filhinho de mamãe metido à besta.

Ritinha me enganou direitinho com a história de honrar nossa educação e acabou me levando para a fazenda dos Queiroz, onde tive o prazer de conhecer um pouco mais de perto um lugar maravilhoso, ser apresentada à dona Rute, mãe dos rapazes e, infelizmente, lidar com o metido do Marcelo, o filho mais novo.

Lembro-me do seu jeito esnobe no estábulo mais cedo e sinto o sangue ferver. Não gosto de gente metida.

“— Eu não entendo nada de cavalos, mas ela parece ser bem treinada — falo empolgada, acariciando o pelo macio de Estrela do lado de fora do estábulo.

— Naturalmente você não entenderia. Tudo relacionado a equinos é fora de alguns padrões, por assim dizer. — Ele soa natural, talvez não percebendo a grosseria em suas palavras.

— Acho que não entendi o que quis dizer.

— A lida com um cavalo tem um custo alto demais, menina, seja para criação, esporte ou lazer. Mas respondendo ao seu comentário, sim, minha égua é muito bem treinada por mim e pelo tratador daqui.

Tentei acreditar que sua grosseria inicial foi despercebida, mas confirmei o contrário. Ele era realmente o que imaginei quando o vi, um homem inalcançável.

— Uau. Sua grosseria e metideza não tem limites mesmo, não é? — Não consigo controlar minha língua perante a indignação que sinto.

— Desculpe? — Seus olhos calmos se estreitam para mim, mudando completamente seu semblante.

— Eu sou pobre, sim, e não tenho problema nenhum com isso. Pelo menos, aprendi o que é educação, caráter, gentileza e bom senso. Isso, dinheiro não compra, a educação de casa ensina.”

Chuto as pedrinhas que tocam os meus pés, enquanto balanço, a raiva que me tomou naquele momento volta com força e isso me confunde. Nunca senti tanto incômodo e indignação por uma pessoa, como foi ao conhecer e falar com Marcelo Queiroz.

Desde que coloquei os olhos nele, cara a cara, algo dentro de mim gritou. Um desconforto pela forma como olhava dentro dos meus olhos, parecia que ele conseguia decifrar todos os meus mistérios, mesmo que não houvesse muitos. Em contrapartida, imediatamente percebi que ele era totalmente inalcançável, de todas as formas.

Nossa conversa não terminou nada bem e depois da resposta que dei, o deixei falando sozinho, saindo furiosa. Nem seus lindos olhos cor de céu, foram capazes de parar minhas palavras duras.

A fama da família é verdadeira. Ainda não tinha conhecido nenhum dos irmãos pessoalmente e, sinceramente achava exagero todo o alvoroço que as mulheres faziam quando falavam dos irmãos Queiroz. Se fiquei boba com a beleza do Vinicius, Marcelo ultrapassou qualquer expectativa que pudesse criar. Seu rosto é perfeito, liso e harmonioso, os olhos tão claros que parecem de mentira e sua boca grossa emoldura perfeitamente no rosto, tornando-o cativante e singular.

Estou quase certa de que ele tem a mesma altura de Vinicius e, a julgar pelas roupas, o mesmo corpo também. É bem possível que pratiquem algum tipo de exercício, mantendo o corpo

com músculos fortes e definidos.

Faço o sinal da cruz, horrorizada por pensar nessas coisas, mas é beleza demais com atributos demais para negar.

Eu nunca fui a namoradeira da família, salvo alguns meninos no colégio que arrisquei beijar, nunca passei disso. Nenhum deles conseguiu me cativar e fazer sentir as famosas borboletas no estômago, o friozinho na espinha com um simples olhar ou até aquela fisgada de eletricidade quando nos tocávamos.

Com o tempo desisti de procurar o mocinho dos livros nos garotos que conheci e, mesmo sabendo o quão nova sou, prefiro manter meu coração na reserva.

O momento certo chegará, de qualquer forma, só preciso perceber a hora certa que acontecer.

Recolho todos os meus pensamentos e, com os olhos pesados e o cansaço batendo, resolvo dormir. Amanhã é domingo e prometi acompanhar minha irmã Toninha à igreja.

Ela sempre está pegando no meu pé sobre a importância de dedicar um tempo para o sagrado e, com as costuras se acumulando, confesso não estar dando tanta importância para minha fé.

— Toninha? — chamo, assim que entro no quarto e vejo-a de joelhos no chão.

— Estou rezando, Clarinha. Não atrapalhe! — ela responde, com as mãos unidas e os olhos fechados.

Balanço a cabeça, não acreditando muito na cena à minha frente. Claro que entendo sua fé, mas há momentos que acho Toninha um tanto forçada. Parece que usa a religião como penitência por algo, como se ela fosse seu castigo.

Saio do quarto sem fazer barulho para não a atrapalhar. Se sente essa necessidade, quem sou eu para interferir.

Bato devagar na porta do quarto ao lado e quando escuto um “entra” abafado giro a maçaneta, entrando no quarto das minhas irmãs.

— Oi.

— Oi. O que faz aqui?

— Toninha está rezando daquele jeito esquisito — falo, deitando na cama de Paulinha, aproveito que ainda não chegou.

— Toninha é toda esquisita, Clarinha — Ritinha responde, cobrindo os olhos com um braço.

— Você também está esquisita. Desde que conheceu seu amado — falo sorrindo, em tom conspiratório.

— Para de falar essas porcarias. — Ela inclina seu corpo para o meu lado, esbravejando baixo.

— Você acha que daria certo? — pergunto em voz alta meus próprios questionamentos.

— O quê?

— Namorar um Queiroz. A mãe sempre diz que eles são lobos em pele de cordeiro e que conseguem nos enganar sem, ao menos, nós deixar perceber.

— A mãe pensa igual a toda a cidade. Vivem para fofoca e aumentam histórias.

— É... mas ela cairia durinha se você apresentasse o Vinicius como namorado. Já pensou? — falo, animada, com meus pensamentos voando.

— Cala a boca, Clara Maria. — Um travesseiro atinge meu rosto.

— Au... doeu, Ritinha! — protesto, esfregando meu nariz dolorido.

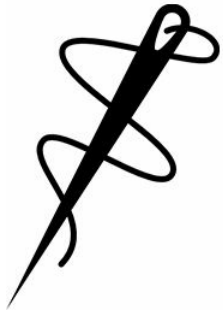
— Vai dormir, Clarinha. *Num* é possível a Toninha *tá* rezando ainda! — Percebo que seu humor azedou e acato sua ordem.

Não sei o que acontece com as pessoas quando o nome Queiroz é mencionado, todo mundo fica afetado de alguma forma, mas minha irmã não me engana. Posso ser inexperiente, no entanto, vi a forma como eles se olham e as alfinetadas típicas de quem tem interesse.

Sua irritação mais cedo, quando questionei ao sairmos do carro, e agora, só mostra o quão envolvida ela já está e não se dá conta.

Ainda estou na dúvida se vibro ou lamento por ela. Viver um grande amor, algo que tire o prumo e a razão, que nos faça cometer loucuras e sentir as sensações mais intensas é tudo que sempre quis e, posso estar enganada, mas Ritinha parece querer tudo isso também.

Deito na minha cama e faço uma oração, pedindo para que o melhor para ela seja feito. Quero sua felicidade e qualquer sinal divino será bem-vindo para ajudá-la nisso.



Capítulo 2

*“Cada flor tem o seu tempo. Eu aceito florescer no
apropriado momento.”*

— Autor Desconhecido

Marcelo

— Me explica de novo, por que estamos indo até a casa da Ritinha? — Vinicius pergunta, sentado ao meu lado no carro, enquanto dirijo.

Como vou dizer ao meu irmão que preciso achar uma forma de me redimir da vergonha que passei ontem. Uma menina tão nova, sem recursos e que mal sabe da vida, soube colocar eu e minha boca grande no lugar certo: embaixo do seu pé.

— Já disse. Eu estou indo para a capital mais tarde e lembrei que preciso mandar arrumar a roupa do desfile.

— Tudo bem. Eu aproveito para atormentar a Ritinha — ele fala, esfregando as palmas das mãos.

— Você está encantado com ela, isso sim.

— Encantado soa forte demais. Intrigado seria mais adequado — ele esclarece e eu rio baixo.

— Vamos ver...

Mesmo tendo certeza de que ele está se enganando, resolvo deixar para lá. Cada um com seus problemas e eu já tenho minha cota para lidar. Confesso minha hipocrisia em mentir sobre o real motivo de estarmos a caminho da casa da Clara Maria.

Não gostaria de contar todos os detalhes de como aquela menina doce e aparentemente ingênua conseguiu acabar com meu ego e ensinar uma boa lição para meu comportamento rude.

Minha mãe provavelmente me daria uns tapas se sonhasse sobre a forma que a tratei no estábulo. E o que me deixa ainda mais confuso é não saber o porquê fiz isso.

Desde o momento que coloquei meus olhos naquele mar negro que são os seus, um rosto com a pele mais lisa e convidativa que já vi e sua boca rústica e grande, destoando da

delicadeza do conjunto, fiquei atordado.

Nunca tive o menor interesse em mulheres mais novas, sempre me pareceram chatas, entediadas e infantis. Desde a adolescência sempre busquei por experiências mais significativas e instrutivas. Descobrir o prazer com quem já sabia como funcionava tudo era muito melhor.

Não que eu tenha algum interesse sexual na garota, mas ela despertou minha curiosidade. A vontade de testá-la de várias formas e saber até onde aqueles olhos inocentes transmitiam a sinceridade que eu via.

Usando da pior forma minha característica rude e imparcial, acabei ofendendo a moça e metendo os pés pelas mãos. Sua reação me deixou tão surpreso que quando pensei em pedir desculpas ou justificar de alguma forma, ela já caminhava para longe de mim.

Por isso, estou indo ao seu encontro. Quero reparar minha indelicadeza e acalmar os ânimos. A forma como respondeu ao meu comentário na mesa ontem, deixou claro que ela não tinha esquecido meu pequeno deslize.

Apesar de ter recebido minha lição, durante a noite não parei de pensar naqueles benditos olhos. Sua beleza é divina e pecaminosa, ao mesmo tempo. Consegui fisgar minha curiosidade de uma forma que há muito tempo não via.

Hoje quero zerar tudo e colocar à prova toda essa confusão de sentimentos.

— Chegamos! — Vinicius fala, animado, ao meu lado.

Um incômodo se instala dentro de mim à medida que estaciono o carro em frente à casa simplória na rua. Preciso me lembrar de não falar nada a respeito disso com ela. Minha sinceridade causa ofensas, já percebi.

— Eu chamo. — Meu irmão salta do carro antes de mim, batendo palmas em frente à pequena entrada.

Assim que a porta da sala é aberta, desço do carro indo de encontro à senhora que

atende Vinicius.

— Oi, dona Lélia, precisamos falar com a Clarinha. Ela está?

— O que querem com a minha filha? — a mulher responde, séria, apoiando as duas mãos na cintura.

— Eu preciso dos serviços de costura dela — tomo à frente, respondendo.

— Ah, sim. Entrem. Ela deve estar no quartinho do fundo.

Vinicius entra e eu o sigo. A casa é bem pequena e simples. Não existe nada de valor significativo, mas, de certa forma, parece acomodar bem quem mora ali.

A mulher chama algumas vezes, enquanto caminhamos para o fundo da casa e pragueja por não ser atendida.

— Onde diabos ela se meteu?

Saímos no quintal e embaixo de uma grande árvore à nossa frente vejo Ritinha e outra moça lhe acompanhando.

— Vou perguntar às minhas meninas.

As duas parecem perceber nossa aproximação e se viram, nos encarando. Ritinha tem uma expressão assustada e parece um pouco pálida daqui, já a outra tem um sorriso provocativo nos lábios.

Somos apresentados oficialmente e dona Lélia pede para que aguardemos por Clara Maria, que foi à igreja com a irmã mais velha. Presencio uma pequena desavença entre meu irmão e Ritinha, confirmando tudo o que pensava sobre eles.

Isso dará uma grande confusão.

— Bom dia. Minha mãe disse que estavam me procurando. — Clarinha aparece em seguida, tomando toda minha atenção.

— Bom dia, Clara. Sim, na verdade, sou eu que a procuro. Preciso que veja alguns reparos na minha roupa do desfile.

— Ah... E quer que eu faça? — ela responde, apontando o dedo indicador para si.

— Sim. Você é a melhor costureira da região — justifico, tentando soar simpático.

— Tudo bem. Vamos até a sala de costura, vou ver o que posso fazer. — Sua resposta é sucinta, mas não grosseira.

Peço licença e caminho com a pequena sacola nas mãos. Meus olhos percorrem seu corpo e novamente estranho meu interesse.

Ela é uma garota miúda em tamanho, mas obviamente tem todas as curvas da forma mais atrativa para um homem. Mesmo usando um vestido até o pé, ele marca perfeitamente a curvatura das costas onde começa sua bunda.

E que bunda!

Desvio o olhar quando noto meu pau se animando dentro da calça. Isso não seria nada apropriado e ainda mais ofensivo do que eu disse ontem, caso ela notasse.

— Não repare a bagunça. Não ando com muito tempo para arrumar isso aqui. — Ela acende a luz e abre espaço para eu passar.

— Sem problemas — respondo, olhando à minha volta e notando a bagunça que mencionou.

Isso daqui parece um campo de guerras, que ao invés de balas perdidas, são pedaços de retalhos, fitas, panos e linhas espalhados para todos os lados.

Ela entra na minha frente, se curvando para tirar algumas peças de cima da cadeira para eu sentar. O que a colocou com aquela bunda magnífica bem de frente para minha linha de tiro e foi inevitável meus pensamentos luxuriosos.

Soltei o ar com força, buscando equilíbrio e olhei para cima, tentando não focar no que está à minha frente. Ela se afasta, sorrindo sem graça, obviamente não percebeu o que fez e, por isso, não notou como me deixou.

— Pode se sentar. — Ela aponta a cadeira.

— Obrigado. Então, eu preciso de reparo nessas duas peças. Não tenho urgência, mas como são para a festa, preferi me antecipar.

Ela pega a sacola que lhe entrego e, sem direcionar o olhar a mim, ela tira as peças uma a uma, analisando com cuidado. Fico inquieto com sua atitude. Parece outra moça e mesmo tentando encontrar seus olhos inocentes novamente, não consigo.

— Tem solução? — digo qualquer merda para que ela me encare.

— Tem sim. Na verdade, não precisaria de grandes coisas aqui, mas tem certeza que eu devo fazer? Talvez seja melhor levar para alguém mais capacitado. — Sua acidez fica evidente.

— Ok. Ponto para você, Clara. Eu também vim aqui para me desculpar. Sou muito sincero com as palavras e, na maioria das vezes, acabo sendo rude, o que nunca é minha intenção. Espero que possamos recomeçar.

Estou sentado, olhando dentro de seus olhos e ela em pé. Sua postura fechada, braços cruzados e, por algum motivo, assim que termino de falar, noto seu semblante suavizar.

— Tudo bem. Todos temos dias ruins, seu Marcelo — ela responde, branda.

— Não me chame de senhor, por favor. Temos quase a mesma idade.

— Tá bom. Marcelo. Eu estou com muitas costuras, mas consigo entregar a sua no começo da semana.

— Sem pressa. Faça no seu tempo. Estou indo viajar, de qualquer forma, quando voltar já deve estar pronta.

— Que bom. Obrigada por vir.

Levanto da cadeira, encarando seus olhos doces e minha inquietação se esvai. O que tanto procurei desde que fui um babaca com ela finalmente eu tenho. Sua docilidade.

— Eu que agradeço, Clara Maria. Espero que possamos tornar isso o início de uma bela amizade. — Estendo a mão para lhe cumprimentar.

Sou sorriso gentil e sincero despondo naqueles lábios pecaminosos e eu preciso piscar algumas vezes, para não agir por impulso.

Que merda está acontecendo comigo?

Sua mão delicada toca a minha e minha pele se aquece. Seguro-a com cuidado e forço a controlar a vontade de puxá-la para meus braços.

— Até breve, Marcelo. — Ela sorri, soltando cedo demais sua mão da minha.

— Até, Clara Maria.



O atendente do bar serve minha segunda dose de uísque da noite e observo o líquido sendo despejado no copo, mas minha cabeça está longe dali. Cheguei na capital há pouco e atendendo à mensagem de Diana, vim ao seu encontro.

Ela é uma das parceiras que mantenho em minha vida. Não temos nada, não cobramos nada, isso funciona como uma troca mútua de interesses sexuais. Gosto de tudo claro e direto, não busco relacionamento algum e nem as complicações de lidar com sentimentos.

Por conta disso, minha opção feminina sempre foram as mais velhas. Elas sabem o que querem e tudo que podem ter de mim. Prazer, intensidade, entrega sexual e só. Em contrapartida, eu obtenho delas o que preciso: sexo sem pudor e questionamentos.

Diana foi um achado, assim como outras tantas que já passaram em minha vida, mas com ela acabou acontecendo um algo a mais, a amizade. Nos conhecemos no período em que meu pai morreu e, de certa forma, precisei ser forte para minha família e ela foi minha válvula de escape e desabafo.

Pego o copo sorvendo um pouco do líquido âmbar, na tentativa de tirar minha mente dos olhos escuros que povoam meus pensamentos. Obviamente Clara é uma criança perto de mim. Apesar da pouca diferença de idade, sei que vivi e experimentei muito mais do que ela sonharia em imaginar.

Tê-la em meus pensamentos não está me deixando em uma situação confortável, ainda mais da forma que tenho pensado. Ela nua deve ser a coisa mais linda feita por Deus, seu corpo imaculado, puro e ingênuo. Poderia fazer tantas coisas com ele, ensinar tantas mais a ela.

Saia dessa merda, Marcelo!

Minha consciência grita com meus desejos, respiro fundo tentando trazer alguma calma para minha ansiedade, uma vontade enorme de voltar meu caminho a Palomino e fazer as coisas de acordo com meus instintos.

— Olá, bonitão! — Sou surpreendido com um beijo no rosto por Diana.

Eu estava tão perdido nos pensamentos que nem a vi chegar.

— Oi.

— Faz tempo que não nos vemos. Como tem sido as coisas na fazenda?

— O mesmo de sempre. Só Vinicius que voltou de viagem.

— Ah, é mesmo? E o que tem planejado para esta semana?

— Preciso resolver algumas questões da fazenda no escritório e volto em seguida. Não devo ficar três dias.

— Nossa, pouco tempo. Pensei que poderíamos aproveitar mais. Tem um novo clube, rola umas coisas bem sacanas, do jeito que a gente gosta — ela fala baixo, apoiando uma mão no meu joelho.

— Interessante, mas vai ter que ficar para uma próxima — respondo, pouco interessado no que disse, minha mente ainda está maquinando as várias possibilidades de me aproximar daquela menina sem chamar a atenção de todos. Isso é uma loucura, eu sei, mas sinto que preciso fazer.

— Tá aí algo que não negaria. Sexo fácil. Arrumou alguém em Palomino?

— Não seja boba, Diana. Dificilmente alguma mulher daquela cidade me chamaria a atenção.

— É o que eu penso, mas você está estranho. — Seu comentário chama minha atenção.

— Só preocupações com a fazenda, nada de mais. Eu preciso ir, amanhã meu dia será cheio. Nos vemos numa próxima oportunidade. — Dou um beijo em seu rosto.

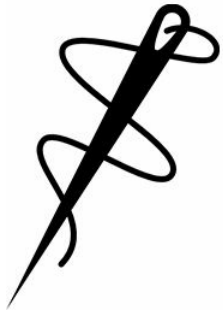
— Já? Pensei que iríamos nos divertir hoje.

— Sinto muito, mas hoje não. — Levanto da banquetta, saindo do bar.

Ela sabe como as coisas funcionam entre nós. Sem cobranças, sem imposições e tudo flui perfeitamente.

De fato, em outra época eu não pensaria duas vezes para levá-la a esse novo clube e testaria nossos limites. Sempre gostei de uma sacanagem e é ótimo quando tenho uma parceira que topa e não questiona.

Só que meus instintos se voltaram para uma costureira jovem, linda como o inferno e com as palavras certas para prender minha atenção.



Capítulo 3

“Brotou uma flor na minha alma. Era a primavera chegando.”

— Autor Desconhecido

Clarinha

Minha sala de costuras finalmente recebeu uma boa arrumação. Agora é possível olhar em volta e saber onde está cada coisa. Terminei algumas costuras que já estavam pendentes e estou livre para começar a mexer nas últimas encomendas.

Abro o pacote ao lado da mesa e um cheiro diferente invade o ambiente. A calça e o colete de Marcelo que estão aqui para conserto, estão dobradas e passadas impecavelmente. Seu perfume de roupa limpa e obviamente cara é evidenciado em todo ele.

Relutei por três dias mexer com essas peças. Preferi dar um tempo para minha cabeça parar de pensar no homem de olhos claros e distantes. Eu entendi que ele tomou essa atitude a fim de se redimir da sua grosseria no sábado, é só uma maneira de pedir desculpas.

Analiso as peças com cuidado e como havia dito, não tem muito o que fazer. Como já tem uns dias que ele deixou, resolvo terminar isso para que quando vier buscá-las vá embora de uma vez.

Não gosto de julgar as pessoas pelo que tem ou pelo que falam dela, mas a fama dos Queiroz nunca foi das melhores e, ao observar Ritinha em torno de Vinicius, é melhor manter mesmo a distância.

Se eu pudesse ter alguma dúvida, elas foram sanadas quando fomos à praia. O pobre Lucio ficou para escanteio mais uma vez e a coitada da Ritinha entre a cruz e a espada. De um lado, o peão apaixonado e do outro, o riquinho interessado.

Não sei o que aconteceu de lá para cá, mas ele sumiu, ela está com um humor insuportável e nada mais se ouve sobre eles na rua.

Estico o colete sobre a mesa e pego meu retro de linha marrom, passo a agulha com cuidado por ela e quando uno as pontas para o nó, espeto meu dedo na ponta da agulha.

— Ai — reclamo, levando o dedo à boca e chupando.

— Cuidado, morena. — Sinto suas mãos cobrirem a minha e o olho assustada.

Meu Pai Amado! É ele.

— Voc... vo... você. O que faz aqui?

— Bom, eu tenho uma encomenda de um serviço com você. Vim verificar se já o fez.

— Não. Eu... eu pensei que viria só na próxima semana. Você não tinha ido para a capital?

— Sim, mas voltei para resolver questões da fazenda.

— Entendo. — Consigo me libertar do seu olhar marcante e vendo que nossas mãos ainda estão unidas, eu afasto.

— Pelo que vejo, está lidando com minhas roupas agora. — Ele olha para a mesa, reconhecendo seus pertences.

— Sim. Estava passando a linha quando entrou.

— E acabou machucando seus dedos por minha culpa. — Ele torna a me olhar daquela forma esquisita.

— Sim, mas a culpa não é sua. Isso acaba acontecendo vez ou outra.

— Precisa ser mais cuidadosa, morena. Suas mãos são delicadas demais para serem machucadas dessa forma. — Ele se aproxima de mim novamente.

Meu peito arfa em busca de ar e tento a qualquer custo não ceder às suas palavras gentis. Ele pega minha mão com cuidado e olha meus dedos, parece analisar todos em busca de machucados.

Seu toque quente desconcerta ainda mais o nervosismo dentro de mim, pigarreio quebrando nosso contato novamente e encaro seus olhos.

— Você precisa de algo, Marcelo? Caso contrário, irei voltar ao trabalho.

— Na verdade, não. Se não lhe incomodar quero ficar e vê-la trabalhando.

— Por quê? — Minha pergunta sai alta demais.

— Por curiosidade, só isso. — Um sorriso contido desponta em seus lábios, o deixando ainda mais belo.

Ficamos nos encarando, ele com olhar divertido, o que é encantador demais e eu com cara mais assustada e desconcertada que poderia ter.

— Tu... tudo bem.

Fico tão atrapalhada com seu pedido, que acabo indo na direção da porta só para lembrar que o serviço a fazer está sobre a mesa na direção oposta. Faço meia volta e sento em minha cadeira de trabalho, escutando um riso baixo que não me atrevo a olhar.

Fecho os olhos por alguns instantes e busco equilíbrio para fazer o que devo. Não é a primeira vez que trabalho com alguém me observando, então, não é algo que deveria me afetar.

Quando os abro, foco em minha tarefa, isso não deve levar mais que alguns minutos e logo me verei livre desta situação inquietante. Não sei o motivo de estar aqui e principalmente querer ver o que farei em suas roupas. De repente, me lembro de seu lado arrogante e uma lâmpada se acende em minha mente.

— Você está aí para garantir que não farei nada de errado com suas roupas? — O encaro indignada.

— O quê? — Ele parece confuso e eu continuo.

— Aí. Você está aqui para atestar meus serviços. Eu disse aquele dia que poderia fazer com qualquer pessoa. Por que veio até mim, se não confia nas minhas habilidades?

— Não é nada disso...

— Olha! Quer saber de uma coisa. Isso não daria certo nunca, então, pegue suas roupas e leve para um alfaiate mais capacitado. — Junto suas peças na sacola e devolvo para ele.

— Clara, acalme-se. — Ele fica de pé, encarando meus olhos furiosos. — Eu não estou colocando nada à prova. Só queria algum motivo para estar aqui e esse foi o único que encontrei. — Minha raiva se dissipa e a confusão volta a me atormentar.

— O quê? Por quê?

— Eu disse que gostaria de tê-la como amiga aquele dia e só estou buscando uma maneira de fazer isso.

Continuo parada, olhando para esse homem que só conseguiu confundir minha cabeça desde que nos conhecemos pessoalmente. Minha raiva já se foi e a confusão resolveu tomar à frente e podar minha fala.

— Por favor, aceite meu pedido e prometo não lhe atrapalhar em nada.

— Eu... *tá*. Tudo bem.

— Clara Maria? — Toninha aparece na porta.

— Oi, Toninha. Entra. Você já conhece o Marcelo?

— Só de vista. Muito prazer. — Ela estende a mão em cumprimento.

— Prazer é todo meu, Toninha. Você é enfermeira no posto médico, certo?

— Sim. Sou.

— Me lembro de você quando socorreu um rapaz que teve uma queda feia do cavalo na fazenda.

— Ah, sim. O Josué. Me lembro dele. Como está?

— Bem. Muito bem. Já voltou a tratar e adestrar.

— Que bom. Clarinha, a mãe saiu e eu preciso ir à igreja. Você vai ficar sozinha aqui. Tudo bem? — Os olhos de Toninha percorrem de mim para Marcelo.

— *Tá* sim. Eu vou terminar a costura do Marcelo e ele já vai. Não demorarei em nada.

— Tudo bem. — Mesmo reticente, Toninha concorda e voltamos a ficar a sós.

— Posso me sentar ou prefere que eu vá? — ele pergunta, acanhado.

— Fique — respondo rápido demais e acabo ficando sem graça.

Marcelo volta a sentar e eu ocupo meu lugar e afazeres na costura. Mantenho toda a minha atenção nisso, em momento algum volto meu olhar para ele, apesar de sentir seu olhar devorando todos os meus movimentos.

Reparo a barra da calça alinhando novamente e refazendo a costura. Passo para o colete e conserto uma pequena falha atrás, nada tão significativo. Em pouco tempo, tenho tudo pronto e fico satisfeita com o resultado.

— Pronto, senhor Queiroz, tudo feito.

Só agora me permito erguer os olhos em sua direção e toda sua atenção está em mim. Sentado com o corpo inclinado para frente e os braços apoiados em cada joelhos, suas mãos unidas sustentam sua cabeça e seus olhos fitam os meus.

— Você é bem eficiente, senhorita Clara.

— Obrigada. É a prática. — Sorrio, envergonhada.

— Acho que é minha deixa para partir. Quanto eu lhe devo? — Levantando, ele se aproxima de mim.

— É um presente, por nossa nova amizade — respondo, entregando a sacola.

— Nesse caso, eu fico lhe devendo uma retribuição. Obrigado, mais uma vez. — Ele pega a sacola da minha mão, não sem antes passar seus dedos por minha pele.

Agradeço quando finalmente quebramos o contato, é muito desconfortável disfarçar a euforia que meu corpo entra cada vez que ele me toca.

— Nada a agradecer.

Eu o levo até o pequeno portão no fundo do quintal.

— Até a festa, Marcelo — me despeço de longe.

— Até breve, morena. — Ele pega minha mão e deposita um beijo em seu dorso.

Minhas pernas fraquejam e o coração quase salta pela boca quando seus lábios encostam na minha mão. Ele sorri de forma contida e, piscando um olho, vai para seu carro.

Continuo parada no portão, olhando na direção onde seu carro seguiu, meus nervos totalmente abalados, minha barriga parecendo conter um enxame de abelhas e a respiração difícil de entrar ou sair.

Entro em casa dando de frente com Toninha, que por estar na janela da cozinha, provavelmente viu tudo o que aconteceu.

— Isso não tá certo, Clara Maria.

— O que não está certo, Antonia?

— Esse Queiroz atrás de você. Isso não vai dar certo, Clara. Escuta o que estou te dizendo.

— Não tem nada acontecendo, Toninha. Ele só está sendo gentil para reparar uma grosseria que me fez outro dia.

— Que dia? Quando ele trouxe a roupa *pra* você arrumar?

— É... esse dia... — Disfarço, concordando com ela.

Toninha não pode nem sonhar que estivemos na fazenda dos Queiroz escondido de todos. Provavelmente ela contaria para a mãe e Ritinha e eu estaríamos encrencadas.

— Eles não valem nada. Nenhum deles.

— Nossa, Antonia. Nunca entendi toda essa raiva que você se refere a eles. Eu sei que a fofoca da cidade rola a solta, mas conosco nada aconteceu.

— Não interessa. Eles não prestam e ponto. Moça direita não tem que dar trela para esse tipo. Já basta Ritinha.

— O que tem Ritinha? — Nossa mãe entra na cozinha, questionando Toninha.

— Ritinha que não anda arrumando o quarto direito, mãe — invento qualquer coisa e lanço um olhar para Toninha fechar a matraca.

— Aquela menina vive no meio do óleo e motores. Nunca que vai ser prendada que nem vocês.

— Pois é... — Toninha concorda e sai da cozinha.

— E você, filha. Dona Mirtes disse que o Queiroz mais novo esteve aqui. O que ele queria?

— Ah, ele veio buscar as roupas que deixou para arrumar. Já até entreguei. — Tento soar o mais tranquila possível.

Dona Mirtes fofoqueira!

— Entendi. Se não tiver ocupada, pode me ajudar a cozinhar essas goiabas *pro* doce?

— Claro, mãe.

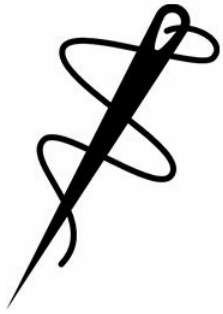
Apesar de não gostar muito de cozinha, Toninha e eu somos as únicas dispostas a ajudar minha mãe com suas encomendas. Ritinha mal sabe acender o fogão e Paulinha sempre está ocupada com algo que não tem tempo de ajudar.

Sento na cadeira com a bacia de goiabas à minha frente e começo a descascá-las como minha mãe pediu.

Meus pensamentos vagueiam para o sorriso contido de Marcelo e toda sua forma educada e atenciosa comigo. Como pode se mostrar um e mudar completamente suas atitudes em tão pouco tempo?

Forço minha cabeça a pensar que ele só quer reparar seu erro e achou essa forma a melhor para isso. Seria irreal demais imaginar um homem como ele querendo algo comigo.

Nossos mundos são completamente diferentes e, mesmo não concordando com o julgamento que Toninha usa quando se refere àquela família, tenho que concordar que deixar me levar por seus cuidados pode não dar muito certo.



Capítulo 4

*“Eu sei que pareço um cacto, mas se você
aguentar os espinhos e souber esperar, eu também sei
dar flor.”*

— Autor desconhecido

Marcelo

Sempre busquei ser coerente com minhas escolhas. Tudo aquilo que sinto, penso e falo tem que estar em perfeita harmonia para eu me sentir bem. Nunca tive problemas com minha forma de agir no mundo, todos sempre respeitaram meus momentos e tenho lidado dessa forma desde que me entendo por gente.

Cheguei há pouco da casa de Clara e tudo o que senti, pensei e falei para ela estão completamente incoerentes dentro de mim. Sei o que devo fazer, mas meu instinto, sentimento, me jogam para o outro extremo e quando consigo falar, nada faz sentido.

Pareço a merda de um moleque frustrado com sua paixãoite do momento. O problema é que não sou um moleque e, principalmente, nunca estive apaixonado.

Apoio meu pé na grade do redondel e observo Lucio trabalhando o novo potro, ele tem a pelagem perfeita para a raça, tivemos muita sorte dessa vez, e já é o momento de prepará-lo para as exposições.

— Tarde, seu Marcelo — Lucio me cumprimenta e eu aceno com a mão.

Observo seu manuseio da corda e do relho para assustar o cavalo e mantê-lo no ritmo. Na doma é necessário mostrar ao animal quem manda, por isso, usa-se esses artifícios. Nunca para machucá-los e, sim, para mantê-los na linha.

Ele inverte a direção do cavalo e ele reage bem e obediente. Como pensei, ele será um ótimo atrativo para a festa de Palomino.

Minha mente volta para a morena que capturou toda minha atenção e foco, quando toquei sua pele mais cedo, meus lábios sentindo uma pequena prova do seu corpo sedoso, fez meu sangue ferver.

Minha vontade era literalmente enfiá-la no carro e passar horas, dias, ou o tempo que

fosse necessário, mostrando a ela o verdadeiro prazer que poderia proporcioná-la.

Vi em sua expressão o quanto a incomodo e posso apostar que ela sente o mesmo calor que eu, quando nossos corpos se tocam de alguma forma. É a brasa mais quente e mais convidativa que senti e só de imaginar que mais abaixo, seu meio quente e úmido seja ainda mais encalorado, sinto meu pau pulsar dentro da calça.

Porra! Não é momento para ficar duro!

Seguro a grade pelas mãos e forço minha mente a sair dessa situação. Meu lado racional entende todos os riscos de continuar por esse caminho, mas meu corpo simplesmente não quer obedecer. Ele simplesmente decidiu que deve tê-la e não está nem aí para porcaria nenhuma sobre o quão errado isso possa parecer.

Pelo amor de Deus, a menina provavelmente é virgem.

E esse pensamento me joga direto para aqueles olhos negros e a vontade que sinto de ver seu rubor crescendo no rosto, enquanto está embaixo de mim, gemendo e implorando para que eu continue a estocar dentro dela.

— *Put a que pariu* — solto, sacudindo a cabeça.

— Angustiado, irmãozinho. — Guilherme aparece ao meu lado.

— Nada de mais — falo, passando a mão pelos cabelos na tentativa de acalmar minha súbita ereção.

— Sei. Viny voltou da capital.

— Eu sei. Ele está completamente apaixonado e vai acabar se ferrando nisso tudo.

— Por que acha isso? — Guilherme me olha, questionador.

— Não é óbvio? Ele está mexendo com uma menina de família, que provavelmente vai se iludir com o mais, e nós dois sabemos o quanto Vinicius é independente e odeia amarras.

— Tudo pode mudar, Marcelo. Ninguém nasce dentro de um molde e segue intacto pela vida.

— Mas não se pode mudar a essência.

— Talvez a essência dele não seja essa e a Ritinha lhe mostre o verdadeiro sentido de tudo para ele.

— O amor mostrando o caminho? *Tá falando sério, Guilherme?* — falo, debochado.

— Claro. Por que não?

— Ah, sei lá... Eu tenho muitas coisas para me preocupar. Não tenho tempo para isso.

— Ou tem medo — ele fala, colocando a mão no meu ombro.

— Não tenho medo de nada, Gui. Agora eu preciso conferir o estoque das rações. Fui.
— Passo batido por ele.

Não tenho tempo para discutir ou cuidar da vida amorosa do meu irmão. Fui sincero quando lhe disse para seguir aquilo que realmente sentia vontade de fazer, mas isso não quer dizer que eu concorde.

Ainda acho uma baita loucura tudo o que está fazendo para ficar com essa menina, e é por isso que meu lado racional tenta vencer a batalha com meus desejos.

Se Ritinha já é um grande risco, Clarinha seria a total derrocada para qualquer um que se aventurasse.

Quando recebi a ligação do Guilherme, tarde da noite, dizendo que precisava de ajuda para lidar com Vinicius, nunca imaginei presenciar essa cena.



Antes mesmo de descer do carro posso ouvir a voz arrastada de Vinicius, que pelo que vejo, está na caçamba de sua caminhonete, abraçado a alguma garrafa e canta algo a plenos pulmões.

— Desce daí, Vinicius! — Guilherme brada, parado ao lado da caminhonete.

— Fala *pra* mim que não me chamou para isso? — lamento, encostando ao seu lado.

— Já esgotei minhas ideias. Sério!

— E o que espere que eu faça? Sou o mais novo dos irmãos, esqueceu?

— Rômulo não ajudaria em nada. Era bem capaz de subir na caçamba e ajudar Viny no show.

— Verdade. Me deixa tentar algo.

— *Manoooo...* — Vinicius se curva próximo de mim e quase cai da caçamba.

— Merda! Se segura aí, Vinicius. Seguinte, acabei de falar com a Ritinha, ela concordou em falar com você amanhã, na oficina. Só que você precisar ir *pra* casa e descansar.

— Sério? *Maravilhaaaa*. — Ele soluça.

— Então vem e me deixa te colocar no carro. Vamos para o seu apartamento.

— Melhor mesmo. Se a mãe ver ele assim, ela arranca o nosso couro — Guilherme comenta.

Com muita dificuldade, conseguimos tirar o bêbado de um metro e oitenta da caçamba e enfiá-lo no carro.

— Valeu a ajuda. — Guilherme toca minha mão, naquele cumprimento característico de homens e parte com Vinicius.

Fico um tempo encostado no meu carro, observando a movimentação na porta do bar e o pensamento maquinando tudo que acabei de ver. Meu irmão bêbado e choramingando por uma

mulher.

Como isso é possível?

Como um flash, as imagens da morena encantadora invadem minha mente e todo o desejo que tento incansavelmente acalmar dentro de mim despertam, e eu começo a associar minha situação com a dele.

Merda!

Entro no carro e resolvo largar tudo isso para lá e focar no que interessa: o Haras da fazenda. Tenho pouco tempo para deixar tudo perfeito para a festa e não tenho cabeça e nem tempo para essas coisas.

Atração é algo natural, posso sentir por qualquer uma e mesmo que pareça estranho meu encantamento por essa menina, não vou pensar demais sobre isso.

Dirijo o carro pelas ruas, apacando meus pensamentos e quando me dou conta, estou na rua lateral à sua casa e vejo o pequeno portão que dá para o quintal. Paro meu carro do outro lado e fico observando o lugar.

Uma casa simples, uma família simples e uma garota ainda mais simples, não é normal todo meu interesse nisso. Nunca senti tal atração, não entendo o que mudou.

Vejo uma movimentação dentro do quintal e estranho. Pelo horário, todos já estão dormindo na redondeza. Pensando que possa ser um invasor, eu desço do carro e, na calada da noite, me movimento até o pequeno portão.

Ponho minha cabeça para dentro e observo com cautela, tudo calmo à minha volta, o quintal está vazio e começo a achar que estou vendo coisas. Algo chama minha atenção mais ao longe e vejo Clara saindo do seu quarto de costura. Seus cabelos soltos ao vento, seu corpo envolto de um robe de malha branco e simples, mas que no momento a torna o ser mais sedutor para qualquer homem.

Não penso em nada, minha razão deu adeus há algum tempo e meu instinto me guia fazendo com que eu abra o portão e entre no quintal. Ela não percebe minha aproximação, vejo seu perfil distraído sentado no balanço e cantarolando alguma canção.

Quanto mais próximo estou, mais sou atraído pelo perfume floral que invade minhas narinas e causam um reboleio dentro de mim. O cheiro me conforta, me faz querer sua fonte, me instiga a deslizar meu rosto pelo seu colo, buscando a fonte daquela essência afrodisíaca.

— Por que ele veio, afinal? Eu não entendo... — *Ela está falando sozinha?* — Meu Deus, me dê um sinal de que não estou ficando maluca. — Resolvo atender ao seu pedido.

— Não te acho maluca — falo baixo, logo atrás dela.

— *Ahhhhh!!!* — Seu grito quase me deixa surdo e, levantando rápido demais, acaba tropeçando nos próprios pés e caindo no chão.

— Calma... Clara, sou eu — falo um pouco alto para acalmá-la.

Vou até onde está e a ajudo a levantar. Sua histeria parece ter acabado e fico preocupado com seu rosto quase catatônico.

— Vo... vo... vo...

— Eu. Sou eu, Marcelo. Você está bem? Se machucou?

— Eu... eu...

— Vem, senta aqui. *Deixa eu* ver se machucou alguma coisa. — Com cuidado eu a sento no balanço.

Pego meu celular do bolso e ligo a lanterna para olhar seu corpo. Examino suas pernas, joelhos e braços, procurando qualquer machucado. Fico aliviado quando não encontro nada fora do normal.

Do nada, o celular é arrancado das minhas mãos por ela, e a luz da lanterna cega meus

olhos.

— O que está fazendo aqui? *Tá* me perseguindo? Você é um tarado?

— O quê? Não! — Me afasto, ficando de pé.

— E por que está no meu quintal a esta hora da madrugada?

— Eu estava passando por aqui e vi um vulto no quintal, pensei que fosse um ladrão.

Não consigo ver seu rosto já que ela mira a luz da lanterna nos meus olhos.

— Pode tirar a luz da minha cara?

— Ah, sim. — Ela abaixa o celular.

— Obrigado.

— E o que fazia perto da minha casa? — Ela fica de pé, estendo o celular para me devolver.

— Nada de mais. Estava voltando do bar da Dulce e passei por aqui.

— Mas a fazenda é para o lado contrário.

— E quem disse que estava indo para lá? — minto vergonhosamente.

Ela tem razão em estranhar toda essa situação. Nem eu consigo entender por que vim parar aqui e, ainda mais, por ter invadido sua casa.

— *Tá* certo. Desculpe questionar... só achei estranho...

— Tudo bem. Não precisa se desculpar. Eu acabei agindo por impulso.

— Fico feliz que tenha sido você aqui. — Seu sorriso é tímido.

— Fica? — Dou um passo à frente, me aproximando daquele maldito cheiro floral que me chama.

— Sim... Imagine se fosse um ladrão.

— Pois é. O que me faz pensar que não deveria estar aqui fora sozinha a esta hora.

— Quando estou sem sono, gosto de sentar aqui no balanço para pensar.

Isso desperta minhas lembranças de que ela falava sozinha quando me aproximei e a curiosidade ou esperança de que ela se questionasse sobre mim, atíça meu interesse.

— Sobre o que pensava?

— Ah... eu... nada de mais... nada. — Seu jeito embaraçado me faz sorrir fracamente.

Clara leva suas mãos para trás e isso faz seu peito empinar e o robe que usa acaba abrindo mais a fenda de cima, mostrando um bom pedaço dos seus seios.

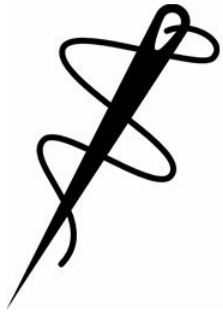
Merda, estou salivando!

— Acho melhor eu ir... — respondo, sentindo minha respiração apertar a garganta.

Dou dois passos para trás, passando as mãos pelo meu cabelo. *Preciso sair daqui agora ou não responderei por mim.* Sinto como se ela fosse uma deliciosa fonte de água para um homem sedento e estou a um passo de me banhar em todo seu corpo, sem pensar em qualquer consequência.

Obrigo meus pés a se moverem e quando estou a uma distância segura, escuto seu adeus fraco. Acabo não respondendo ou sequer lhe direcionando um olhar, com medo de não conseguir controlar minhas ações.

Eu vou acabar fodido nessa merda toda!



Capítulo 5

*“Aprendi com as primaveras a
deixar-me cortar e a voltar sempre
inteira.”*

— Cecília Meireles

Clarinha

Acordo com os passarinhos cantando na minha janela. Essa é a melhor parte de morar em uma cidade interiorana como Palomino, é possível sentir a natureza muito perto, mesmo estando na cidade.

Levanto e faço minha higiene. Ajudo Toninha com alguns afazeres de casa, já que Ritinha saiu para trabalhar, Paulinha está dormindo devido ao bar e Toninha hoje não está de plantão.

Termino minha parte em casa e vou para o quartinho de costura. Encosto a porta atrás de mim e fecho os olhos, suspirando acordada. Ainda não acredito que Marcelo esteve aqui de madrugada.

Justo no momento em que pedia algum sinal divino para que eu pudesse entender o que realmente estava acontecendo, ele surgiu atrás de mim, como um enviado de Deus.

O único problema é que ainda não consigo definir o que realmente está acontecendo. Aparecer aqui àquela hora é realmente estranho, mesmo ele dizendo que foi por um possível ladrão, eu fiquei desconfiada. Só que do nada ele se afastou e partiu, sem nem se despedir e fiquei ainda mais perdida.

— O que ele quer de mim? — pergunto, olhando para o teto e obviamente a resposta não vem.

Tento não deixar minhas emoções e sonhos de uma menina que lê romances demais tomar conta da minha percepção. Livros são uma coisa e a realidade é totalmente diferente.

Preciso tomar como exemplo a história de Ritinha que, mesmo não confessando, se envolveu romanticamente com um Queiroz e agora faz três dias que mal come, mal dorme e mal vive, pois ele sumiu.

Só sei essa última informação porque ouvi ela e Paulinha conversando escondidas outro dia. Sei que é muito feio isso, mas não foi de propósito e, quando escutei o sobrenome temido, não resiste em ouvir.

Se Vinicius, que parece um cara mais tranquilo e indiferente de questões sociais, está mais que enrolado com a minha irmã, imagine o meu caso, que envolve o irmão mais esnobe.

Perdoei a atitude grosseira de Marcelo aquele dia na fazenda, mas isso não quer dizer que esqueci suas palavras ou que não notei a maneira como ele olhou tudo em volta, quando esteve na minha casa.

No fundo, acho que ele tem um bom coração, só precisa vivenciar algumas coisas para mudar sua percepção do mundo.

Escuto um falatório vindo de fora e abro a porta cautelosamente e vejo Ritinha, Vinicius e minha mãe conversando. Na verdade, não é bem uma conversa, minha mãe parece estar passando o sermão do século.

— Fique tranquila, dona Lélia, eu sempre respeitarei sua filha — ele responde, parecendo um menino acuado pela professora.

— Acho *bão*!

— Agora podemos comer bolo? — Paulinha reclama da ponta da mesa.

— Pode — minha mãe concorda, voltando para a cozinha.

— Oi, Viny, como vai? — o cumprimento.

— Oi, Clarinha. Agora *tá* tudo bem. Passei na prova dos oito segundos.

— O quê? — falo, divertida, enquanto Paulinha e Ritinha riem feito bobas.

— Ele pediu a Ritinha em namoro *pra* mãe — Paulinha esclarece, vendo minha cara confusa.

— Ah... e ela deixou? — Estou tão embasbacada que a voz mal sai.

— Sim! — Ritinha ri, alegre.

— Uau! Que maravilha! — comemoro com eles, indo abraçar minha irmã.

Sento à mesa e conversamos sobre vários assuntos. Minha mãe se junta a nós e o assunto se torna a festa de Palomino e sua proximidade. Com tantas coisas a fazer e pouco tempo para executar, ela deixa claro que vai precisar da ajuda das filhas com os doces e até Viny acaba recrutado para ajudar na barraca.

Em vários momentos minha cabeça vagueia para o invasor do quintal nessa madrugada e, tudo que tento me apegar, sobre relacionamentos impossíveis, cai por terra.

O casal mais improvável está junto, indo completamente contrário aos comentários da vizinhança, a crença e costume dos meus pais e ao próprio desejo que ambos tentavam camuflar.

Não sou a mais experiente, mas sempre notei o brilho no olhar de cada um, nas poucas vezes em que eu os vi próximos. Era óbvio que algo iria acontecer, mas um namoro? Nem nos meus sonhos mais encantados, nunca imaginei que isso aconteceria.

Apesar da má fama desses homens, fico muito feliz pela minha irmã. Acho que nunca vi Ritinha tão feliz, viva e determinada. Dizem que quando encontramos a pessoa certa, ela consegue tirar tudo de você e fazer com que exponha seus sentimentos. Isso claramente aconteceu com os dois.

— Vou ao centro encontrar o Marcelo, moça bonita. — Desperto dos meus pensamentos, ouvindo Viny falar com Ritinha.

— Tudo bem. Eu vou voltar para a oficina. Tenho uma Harley para consertar.

— Ah, sim. Ainda preciso conhecer suas habilidades mecânicas. — Eles sorriem um para o outro.

— Quero uma carona — me pego falando, de repente.

— Claro. Vamos sim.

— Aonde você vai? — Paulinha pergunta, curiosa.

— Buscar... fitas! Preciso de fitas para um reparo — invento a primeira coisa que vem à mente.

— Vou aproveitar a carona e voltar para oficina — Ritinha menciona.

— Juízo todos vocês. E você, rapaz, não esqueça que prometeu ajudar na barraca — minha mãe fala para Viny.

— Claro, dona Lélia. Estarei aqui.

Saímos os três, Viny e Ritinha no banco da frente e eu atrás. Meu coração disparado e a sensação de que estou ficando maluca gritando dentro de mim. Não sei por que resolvi fazer isso, mas eu simplesmente preciso vê-lo.

A maneira como Marcelo partiu ontem me deixou intrigada e sinto que só o vendo novamente conseguirei tirar minhas cismas.

Quando Viny estaciona na frente da oficina, vejo Marcelo atravessando a rua ao nosso encontro.

— Já vou indo — despeço-me do casal, que está se beijando no banco da frente e nem me dão trela.

Saio do carro quando Marcelo está próximo e noto sua feição tranquila endurecer.

— Oi, boa tarde, Clara.

— Oi. Eu queria te ver mesmo. Saiu tão estranho de casa ontem, que...

— Fale baixo, por favor — ele fala, olhando para os lados. — As pessoas não precisam saber disso. — Sua voz sai ríspida.

— Saber de quê? — Viny fala, descendo do carro.

— De nada. Podemos ir, Vinicius? Tenho muita coisa *pra* resolver no Haras — Marcelo corta o assunto, sem me direcionar qualquer olhar.

— Tá, beleza. Só deixa eu te apresentar oficialmente minha namorada.

— O quê? — Sua surpresa é palpável.

— Pois é, irmãozinho. Tô amarrado.

— Num tá, não. É livre *pra* fazer o que quiser — Ritinha fala, risonha.

— Mas o que eu quero é você, moça bonita. — Ele enlaça sua cintura, beijando-lhe a bochecha.

— Bom, fico surpreso, mas parabênizo o casal. Espero que façam acontecer. Agora podemos ir?

Ele contorna os dois e vai para o carro, sem nem ao menos se despedir. Continuo parada no mesmo lugar, chocada com o que acabei de presenciar e a decepção bate forte dentro de mim.

Seu comportamento foi tão frio como no dia em que nos conhecemos, sinto meu peito se apertar com a dor que sinto. Como pude fantasiar coisas tão idiotas com um homem como ele?

Quando finalmente encontro os movimentos do meu corpo, abaixo a cabeça saindo dali o mais rápido que consigo. Sinto vergonha por ter sido tão tola, imaginar que ele fosse querer algo comigo, assim como seu irmão com a minha, foi a ilusão mais idiota que tive.

É difícil compreender os sinais, entender o que as pessoas realmente querem, ele parecia interessado, parecia querer, mas no fim das contas, não passavam de gentilezas e talvez arrependimento de suas grosserias.

Eu deveria ter ouvido a razão. Aquela bendita vozinha dentro de mim que sempre sussurrou a verdade, mas minha cabeça fantasiosa quis delirar e eu acabei pagando o pato.

Sinto uma pequena lágrima escorrer pelo canto dos meus olhos e nem eu entendo o porquê disso. Não estou apaixonada. Ele não é o grande amor da minha vida, então, por que dói tanto?

Viro a esquina e trombo em um corpo grande. Sou amparada por suas mãos, para não cair de bunda no chão.

— Cuidado, moço! — Olho para cima e vejo Lucio sorrindo. — Ah, Lucio. Oi.

— Oi, Clarinha. Desculpa, não te vi. — Ele encara meus olhos e franze a testa. — O que houve? *Tava* chorando?

— Não! Nada não! Acho que foi um cisco, por isso não te vi. *Tava* coçando aqui. — Aponto para meu olho e tento fazer a cara mais indiferente possível.

— Por que eu acho que você *tá* mentindo, Clarinha? — Ele cruza os braços, evidenciando seus músculos fortes.

— *Num tô!* Lucio... *tá* sabendo da ... Ritinha? — Resolvo mudar o assunto.

— Sim. *Tô*, sim — Ele suspira. — *Tá* tudo bem, Clarinha. Tem coisas na vida que não é para ser. Mas me fala, onde *tá* indo? Quer carona?

— *Eita!* Precisa não. Esta cidade é um ovo. Na verdade, *tô* indo *pra* casa.

— Eu te levo. Vem!

— Não precisa...

— Vem! Vô deixar você sozinha aqui não. *Vamo!* — Ele não dá brecha para eu recusar e me puxando pela mão, praticamente me arrasta pela rua.

Quando estamos atravessando a rua para chegarmos à sua pampa vermelha, a caminhonete de Vinicius freia na nossa frente. Olho assustada para o carro e vejo dois carrancudos nos encarando.

— Clarinha, precisa de carona?

— Precisa não, patrão. Já vou *deixar ela* em casa — Lucio responde por mim e sai me puxando pelo braço.

Continuo andando, sem pronunciar uma palavra, arriscando um olhar para trás vejo a caminhonete ainda parada e tanto Marcelo quanto Vinicius nos encaram, com cara de poucos amigos.

— *Tá* tudo bem, Lucio? — falo, assim que entramos no carro e ele parece um pouco alterado.

— *Tá!* Só é complicado, Clarinha.

— Eu sei. Mas vai passar, você vai ver.

Lucio olha para mim, sorrindo, liga o motor e partimos dali.

O caminho até minha casa é curto, como eu disse, a cidade é realmente pequena e só peguei carona para ir até a oficina, pois sabia que Marcelo estaria à espera de Viny. Meu pretexto perfeito.

Perfeito!

Olho para o céu lamentando minha falta de inteligência.

Assim que abro a porta do meu quarto, sou empurrada para dentro com força, solto um grito e olho, vendo Paulinha fechando a porta.

— *Tá* maluca? Quer me matar?

— Quero saber o que está acontecendo, Clara Maria. Comprar fitas? Sério?

— Não... sei do que você... *tá* falando. — Me embaralho com as palavras.

Ela se aproxima de mim, fitando meus olhos, sempre que está desconfiada ela faz isso, igualzinho nossa mãe.

— Você está mentindo. Eu sei. O que *tá* rolando entre você e o riquinho metido?

— O Marcelo?

— Ah! Sabia!

— Sabia o quê?

— Você sabia de quem eu estava falando, mesmo quando eu não mencionei o nome.

— Paulinha, por favor, *né?! Riquinho e metido*, você só poderia estar falando de uma pessoa.

Ela para por um momento, meneia a cabeça, ponderando minhas palavras.

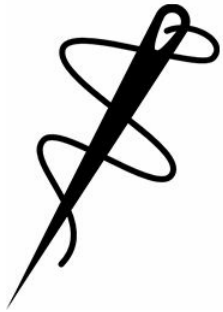
— Tem razão. Mesmo assim, ainda está estranho e eu vou descobrir. — Ela aponta o dedo em minha direção para, logo depois, mirar seus olhos com dois dedos.

Maluca!

Finalmente consigo ficar sozinha, Paulinha desistiu da sua investigação doida e me deixou na santa paz do meu quarto. Olho pela janela, que fica em cima da minha cama, admiro as árvores que consigo ver daqui e fecho os olhos, escutando o barulho dos pássaros.

Minha cabeça anda atormentada demais, no fundo, tudo isso com Marcelo não passou de um engano, nada mais. Não preciso fazer grande alarde com tudo isso, afinal de contas, ele não fez nada além de ser atencioso.

Criei expectativas onde nada existia. E mesmo sentindo um aperto incômodo no meu peito, só quero esquecer e agradeço não precisar mais lidar com esse homem bipolar.



Capítulo 6

*“O amor é como uma flor. Pode nascer
em lugares e momentos inusitados.”*

— Autor Desconhecido

Marcelo

Não sou um homem que costumo me arrepender do que fiz, mas hoje com certeza eu gostaria de apagar meu dia de merda.

Só consigo lembrar o olhar magoado que a morena me lançou quando a tratei com a frieza de um iceberg. Quando notei que ela contaria sobre minha visita na calada da noite, fiquei sem saber o que fazer. Meu irmão poderia ouvir e deduzir coisas que não existem e encheria meu saco.

Ainda não consigo acreditar que eu fiz isso. Quando finalmente me redimi da primeira merda, vem essa e me lança bem longe da arena. Ela, com toda a certeza, não vai querer colocar os olhos em mim, quem dirá falar comigo.

— Desembucha, Marcelo — Viny fala, enquanto dirige o carro.

— Desembucha o quê? Você que deveria me dizer o que aconteceu de ontem para hoje. Te deixei com suas lamentações a cargo do Gui e hoje aparece namorando a Ritinha.

— Nos acertamos. Finalmente. — Ele me olha, sorrindo feito bobo.

— Então isso é sério mesmo?

— Muito sério, irmão. Segui seu conselho e resolvi ceder aos meus sentimentos. Quero Ritinha na minha vida.

— Uau — falo, surpreso.

— Pois é. Agora, não muda de assunto. Quero saber o que Clarinha ia dizer que ninguém podia ouvir.

— Nada. Clara é uma ótima menina, mas é isso. Não quero que ela se iluda com o que não existe.

— E por que ela se iludiria? O que você fez para ela pensar isso?

— Já falei que nada. Toca logo *pra* fazenda. Tenho muita coisa *pra* fazer lá.

— Ah, maninho... deveria pegar o conselho que me deu e usar para si.

— E eu uso. Eu sei exatamente o que quero.

— Se está dizendo. Só tenha cuidado para não machucar a garota.

Ignoro seu último comentário, depois da minha atuação de merda ela, com certeza, não vai mais querer qualquer contato comigo e, se pensar friamente, isso é bom. Só tenho que tirá-la da minha mente e tudo vai voltar ao normal.

Vinicius freia a caminhonete com brusquidão, estava tão perdido nos meus pensamentos que não notei o motivo e, quando olho para frente, uma vontade súbita de sair do carro me toma.

— Que *porra* é essa? — Viny diz o que minha mente grita.

Clarinha está de mãos dadas com Lucio, peão da fazenda, seus olhos estão arregalados, nos encarando. Fecho a cara, não gostando nada do que vejo.

— O que ele faz com ela? — Me vejo falando em voz alta.

— Não sei, mas vou descobrir. — Viny coloca a cabeça para fora do carro e grita — Clarinha, precisa de carona?

— Precisa não, patrão. Já vou *deixar ela* em casa — Lucio responde por ela e eles continuam andando.

— Vai *deixar ela* ir com ele?

— Vou. Ela não reclamou e eles são mesmo vizinhos.

— Mas ela é sua cunhada.

— E daí? Se isso *tá* te incomodando tanto, vá lá buscar ela, Marcelo. — Ele me olha

com um sorriso de lado e eu percebo que cai na sua armadilha.

— Não estou incomodado com nada. Vamos logo, tenho pressa em chegar à fazenda.

— Você quem manda.

Ele toca com o carro e mordo minha boca, algumas vezes, para não gritar para ele voltar e saber o que Clarinha fazia com aquele peão.



Jogo um pouco de feno na baia de Estrela, como a boa fêmea treinada que é, fica quieta no canto, esperando que eu termine. Normalmente eu não faço esse tipo de coisa, temos tratadores na fazenda para isso, mas precisa limpar minha mente de alguma forma.

Muito melhor do que ficar analisando a papelada no escritório, foi vir para fora e respirar um pouco e exercitar meu corpo, para que minha mente desse uma trégua.

Termino de trocar o feno, já havia limpado a baia, vou até Estrela e acaricio sua crina. Sua pelagem brilha em um dourado vivo, dos cavalos da família, ela é a característica da raça.

Saio do estábulo e vejo Lucio arrumando a cerca na divisa do Haras. Estreito meus olhos e vou até ele, preciso saber o que acontece entre os dois. Jurei manter meu time fora de campo, mas não consigo parar de pensar sobre os dois mais cedo.

— Boa tarde, Lucio.

— Tarde, patrão.

Ele continua seu serviço sem, ao menos, me olhar. Chuto algumas pedras no chão e com as mãos no bolso penso em como abordar o assunto.

— Então... você é vizinho da Clarinha, né?!

— Sou.

— Estive lá fazendo reparos na minha roupa do festival.

— Sim. Clarinha é uma costureira de mão cheia. Ela arruma as roupas de todo mundo da cidade. Já faz isso há muito tempo. — Ele para por um minuto, limpando o suor que se formou na testa.

— Pois é. Por isso fui lá. Ela faz um bom serviço.

— Precisa de alguma coisa, patrão?

— Vocês namoram? — Não consigo frear meus pensamentos e lamento profundamente minha sinceridade sem filtro.

— O quê? Não! Clarinha é como uma irmã mais nova.

— OK. Ótimo! — respondo, sorrindo fracamente e viro meus pés, o deixando com uma cara confusa para trás.

O alívio me toma repentinamente, as dúvidas se dissipam e agora só fico com uma preocupação: como convencê-la a falar comigo novamente. Sei que o melhor seria aproveitar essa merda toda e me afastar, mas não dá.

Vinicius teve razão em me dizer para usar o conselho que eu lhe dei. Foi muita hipocrisia eu incentivá-lo a fazer o que seu coração e mente mandavam e não estender isso a mim.

— Namorando? — Escuto a voz de Rômulo alterada quando entro na sala.

— Ah, meu filho. Ela é uma menina de ouro. — Minha mãe abraça Vinicius, que resolveu adotar a cara de bobo desde que começou a namorar.

— Sim, irmão. E estou muito feliz.

— Não consigo entender por quê. É sério isso? Achei que o único a querer essas coisas

seria o Guilherme.

— O que tem eu? — Guilherme questiona, quando termina de descer as escadas.

— Você deveria ser o único pau mandado da casa!

— Olha a boca, Rômulo — minha mãe repreende.

— Desculpa, mãe, mas é verdade. O Viny é o nômade da família, eu sou o pegador, com orgulho, diga-se de passagem, Marcelo é quieto, mas até aí, tudo bem.

— De onde tirou que sou o pau mandado? — Guilherme questiona, irritado.

— Ué. Baseado na última Barbie que resolveu namorar.

— Já terminamos, oh inteligência.

— Finalmente! Agora, Viny, irmão, não adere ao lado maricas da força. Fica comigo, na boa vida, mulheres, farra e bebida.

— Rômulo Queiroz, mais uma palavra desse tipo e juro que te dou uma surra! — minha mãe esbraveja e eu seguro um riso. — Seu irmão finalmente encontrou alguém, deixe-o em paz.

— Marcelo, fala alguma coisa — Rômulo implora e dou de ombros.

— O que posso dizer? Ele seguiu a própria vontade. Temos que respeitar.

— Outro bunda mole — Rômulo desdenha e sai da sala.

— Não dê ouvidos a ele, meu filho. Você está fazendo o certo, seguindo seu coração. Só peço que tome cuidado e saiba valorizar aquela menina. Ela te olha como alguém verdadeiramente apaixonada, pude ver isso. Dê valor ao que tem nas mãos — ela fala, acariciando seu rosto.

— Eu darei, mãe.

— Espero que ele seja o primeiro e vocês — ela aponta para mim e Guilherme —, se

acertem logo com uma boa moça. Quero netos!

— Mãe! — nós três dizemos ao mesmo tempo.

— Vamos com calma, certo, dona Rute? — Viny beija seu rosto. — Agora preciso resolver umas coisas na cidade. Fui, família.

Subo para meu quarto, tiro a camisa suada do esforço braçal de hoje e vou para o banheiro. Ouço meu celular apitando com uma mensagem e volto para verificar.

Uma mensagem de Diana, querendo me ver no fim de semana no clube que mencionou. Digito várias respostas, só para depois apagá-las e olhar para o teto. Em qualquer outro momento, eu nunca recusaria a esse convite, mulheres, bebidas, ambiente exclusivo e muito prazer para compartilhar, seria o ideal.

Quando Rômulo mencionou que sou o irmão mais quieto, segurei uma sonora gargalhada. Só porque não exponho minha vida sexual, eles pensam que sou um santo, o que não é verdade.

Tenho minhas escolhas e vontades, mas não preciso ficar anunciando com alto-falantes, como meu irmão mais velho faz.

— Marcelo, maninho, toma um banho, tira o cheiro de gambá, que você vai comigo na casa da Ritinha hoje à noite.

— O quê? Bater na porta faz parte, Vinicius.

— Para de viadagem. Você vai ou não, comigo?

— Onde? — Finjo não ter dado importância ao que disse.

— Na casa da minha namorada.

— E por que não chama o Guilherme? — questiono, para não parecer tão desesperado.

— Boa ideia... vou falar com ele.

— Não! — falo mais que depressa. — Eu te acompanho.

— Beleza, maninho. — Sua risada debochada mostra que não o enganei como gostaria.

Fico sozinho e sorrio inevitavelmente. Estou tendo mais uma chance, sinto isso, e vou aproveitar da melhor forma. Dane-se que Vinicius esteja me manipulando, sei que está, mas é minha vontade estar perto dela no momento e eu vou aproveitar qualquer oportunidade.



— *Pra* que quer rosas? — Viny questiona, irritado, quando o faço parar no quiosque da praça.

— Porque é educado, idiota. Você não aprendeu nada do que a mãe e o pai nos ensinaram? — Sua resposta é o dedo do meio para mim.

Chego próximo ao quiosque e começo a olhar qual flor seria mais indicada. Cada flor é usada para um momento, tendo seu significado particular e, sei disso porque sempre ouvi minha mãe falar sobre. Vejo um ramo de flores do campo e peço um buquê.

Continuo observando, enquanto espero a atendente montar minha encomenda. Bato meus olhos em umas miniaturas dispostas no canto do balcão e tenho uma ideia. Espero que isso convença aquela morena a me perdoar.

— Posso saber por que demorou tanto? — Viny tamborila as mãos no volante do carro, impaciente.

— Não demorei. Você que está ansioso demais.

— *Pra* que esse buquê?

— Dona Lélia.

— *Humm...* Esperto. Conquistando a futura sogra.

— Cala a boca, idiota. Estou fazendo o papel educado que você deveria fazer.

— Rá! Rá! Rá! Sou simpático, maninho. Não preciso disso. Ganho a sogrinha na lábia.

— Ele pisca um olho para mim e, pela primeira vez na vida, sinto vontade de socar a cara dele.

— Toca logo o carro.

Logo o carro para no meio-fio em frente à casa de Clarinha, sinto meu peito ofegante em expectativa, a sensação de que posso ser escorraçado me toma e um medo do *cacete* cresce em mim.

— Vamos lá, Dom Juan — Viny me chama, descendo do carro.

A rua está bem movimentada, ainda é início de noite e, com o calor deste verão, as pessoas aproveitam o frescor e a brisa para descansar. Paramos em frente à casa e, antes que Vinicius possa chamar, uma senhora se aproxima.

— Boa noite. Vocês são os meninos Queiroz, não é? Todo mundo conhece vocês. Prazer, sou Mirtes, vizinha da Lélia — a senhora nos cumprimenta.

— Boa noite, dona Mirtes. Sim, somos os filhos de Rute — Viny fala, simpático.

— O que fazem por aqui? Encomendando doces? — Seu olhar é fixo no buquê que carrego.

— Não. Vim visitar Ritinha, minha namorada.

— Namorada? — ela praticamente grita e eu dou um passo para trás, assustado.

— Sim. Namorada. Se me der licença, eu vou...

— E você, rapaz? Está namorando alguém daqui também? — ela corta meu irmão e olha para mim.

— Não. Eu só o estou acompanhando.

— Ah... entendi.

— Mirtes! O que faz aí? — Somos salvos por dona Lélia.

— Oi, vizinha. Só conhecendo seu genro. — Ela acena para dona Lélia, que não tem a melhor das feições.

— Se já conheceu, nos dê licença. Meninos, entrem, por favor. — Dona Lélia abre o portão e entramos mais que rapidamente.

Povo estranho.

— Desculpem a vizinhança. São muito curiosos, ainda mais se tratando dos donos da fazenda. — Ela abana os braços, justificando.

— Não tem problema, dona Lélia. Ah, eu trouxe isso para a senhora. — Vinicius toma o buquê das minhas mãos, entregando a ela.

Filho da mãe!

Ele me olha sorrindo e pisca um olho, fecho a cara respirando, fundo e jurando que ele vai me pagar por essa.

— Que coisa mais linda! Obrigada, menino. Vou colocar num jarro e chamar Ritinha.

— Obrigado.

Quando estamos sozinhos, acerto o cotovelo no seu estômago, com força. Se curvando para frente, buscando ar, ele pragueja em meu nome e não dou a mínima.

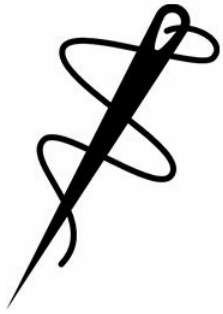
— *Cuzão!*

— Eu? Você roubou minhas flores, idiota.

— Marcelo? O que faz aqui?

Olho para frente e perco totalmente a minha fala. Clarinha está parada diante de mim, vestindo um short minúsculo e uma blusa que não tapa nada que é necessário para manter a sanidade de um homem no lugar.

Estou perdido! Literalmente, perdido!



Capítulo 7

“Nem tudo são flores, às vezes são. Mas relaxa, cactos também dão flores.”

— Autor Desconhecido

Clarinha

Não sei por quanto tempo estamos nos encarando, quando ouvi sua voz na sala saí afoita para confirmar que minha mente não estava pregando uma peça em mim.

Ele está aqui.

— Boa, noite, cunhadinha — Viny pigarreia, me cumprimentando.

— Oi, Viny. Ritinha já vem — respondo, um tanto envergonhada.

— Boa noite, Clara. Estou acompanhando Viny.

— Ah... entendo. — Deixo transparecer minha pequena decepção.

— Clara, minha filha. Ajuda a Toninha com a mesa no quintal, o jantar será servido em breve. — Minha mãe aparece na sala.

— Tá bom. — Sorrio fracamente para eles e saio dali.

Ainda um pouco perdida com o susto de tê-lo aqui novamente, pego a louça no armário para arrumar a mesa de fora. Ajudo Toninha no automático, ela puxa conversa sobre uma criança que atendeu hoje no posto médico, mas não consigo processar uma palavra do que diz.

Minha mente só consegue gritar que ele está aqui e meu coração começa a formular milhares de teorias e em todas o resultado é o mesmo: ele veio por mim.

— Clarinha? Acorda! — Toninha grita e eu me assusto.

— Que isso, Toninha. Precisa gritar?

— Precisa sim! Você está parada um tempão aí, olhando *pro nada*.

— Só tô pensando em umas coisas — disfarço, voltando a arrumar os pratos na mesa.

— Em alguma coisa ou em alguém? Desde que esses forasteiros Queiroz estão rondando nossa família, parece que todo mundo perdeu o cérebro. Até a mãe está encantada com

o Viny, mas eu só digo uma coisa, quando ele aprontar, quero ver se não me dão razão.

Largo o prato na mesa encarando minha irmã. Ela sempre foi fechada, um tanto difícil, mas sua amargura cresceu demais desde que Ritinha se envolveu com um Queiroz.

— O que exatamente você tem contra eles, Toninha? Fala como se algum deles tivesse te feito algo. — Apoio as mãos na mesa, olhando-a, questionadora.

— Abram espaço, panela quente — minha mãe grita, chegando à mesa.

Toninha ignora minha pergunta e volta para dentro de casa. Balanço a cabeça em negação e, antes que eu possa formular minhas teorias sobre isso, vejo Marcelo chegando à mesa junto com os demais.

— Tô morto de fome — Viny comenta, sentando ao lado de Ritinha.

— Que bom, menino. Fiz costela assada com batatas.

— Ah, essas costelas são maravilhosas, rapaz. Você vai lamber os beijos — meu pai comenta, sentando à cabeceira da mesa.

Marcelo toma seu lugar ao lado do seu irmão e coincidentemente de frente para mim. Toninha e minha mãe são as últimas a ocupar a mesa, trazendo algumas travessas.

— Então, Marcelo. O Vinicius comentou que você cuida do andamento do haras. Deve ser bem trabalhoso — meu pai puxa assunto.

— Sim, senhor. Dá um pouco de trabalho e é preciso ter muito cuidado com o andamento. São cavalos premiados e para conseguir um bom retorno nos leilões temos que cumprir todo um processo desde o cruzamento.

— Apesar de morar aqui há muito tempo, nunca subi em um Palomino — meu pai comenta, rindo.

— Não seja por isso. O senhor está convidado a visitar a fazenda quando quiser para

testar suas habilidades — Viny convida.

— Ah, rapaz. No dia em que você entrar embaixo de um carro e se sujar de graxa, talvez eu pense em me aventurar — meu pai brinca e todos riem.

Todos, menos Toninha e eu. Ela mantém uma cara amarrada desde que soube que chegaram e eu estou nervosa demais para manifestar qualquer comentário.

Arrisco um olhar em direção ao Marcelo e vejo que está me observando. O fato de ser pego não o intimida e nem o faz desviar os olhos.

— Já que o senhor não quer se arriscar, quem sabe as meninas queiram. — Marcelo entra na conversa desviando de mim para meu pai.

— Eu topo! — Ritinha se anima.

— Não. Obrigada — Toninha responde, encarando seu prato.

— E você, Clara? — Marcelo pergunta, enquanto eu remexo a comida no prato.

— Eu? Bom, não sei... nunca fui muito animada para isso. Tenho medo.

— Deixa disso. Estaremos lá para ensinar — Viny intervém.

— Acho que podemos ir qualquer dia — respondo, pouco animada.

— Que tal sexta à tarde? — Marcelo sugere.

— Beleza — Ritinha concorda e eu dou de ombros, sem encará-lo.

O jantar transcorre sem problemas, Viny conta algumas peripécias dos irmãos Queiroz quando mais novos, Ritinha comenta sobre coisas que aprontamos ainda novas e todos riem, batendo papo.

— O papo *tá* ótimo, mas vamos à pracinha — Ritinha anuncia, levantando da mesa.

— Sozinha? — minha mãe questiona.

— Claro que não. Viny vai também.

— Leve sua irmã — ela responde no automático e eu a encaro.

Toninha havia saído da mesa, alegando precisar fazer algo e não voltou, logo a única que sobra sou eu.

— Tudo bem. — Ritinha dá de ombros e eu bufo.

A última coisa que eu queria era ir à praça da cidade e ficar na companhia do Marcelo.

Pego meu casaco no quarto, enquanto eles me esperam na sala, faço uma pequena oração pedindo a Deus para que nada de ruim aconteça e eu consiga me controlar perto do Queiroz bipolar.

— Vamos, Clarinha! — Escuto a voz estridente da minha irmã me chamando.

— Tô indo!

Chego na sala, vendo só Marcelo ali parado, com algo nas mãos.

— *Uai!* Cadê eles?

— Já saíram.

— Ótimo. Então vamos!

— Espera, Clara. Tenho algo para você.

— Mesmo? — Sou irônica.

— Acho que estou ficando acostumado a me desculpar. Vi este pequeno vaso na floricultura hoje e pensei em você.

— Um mini cacto? — Estranho quando ele estende o pequeno vaso para mim.

— Sim. Na verdade, acho que eu e esse vaso temos muito em comum.

— Concordo. São *espinhudos!*

— Sim. Somos. Mas isso não desmerece sua beleza e contém muita água, que simboliza as emoções. Segundo Feng Shui, ele representa o guardião e pode ser o símbolo de uma amizade firme e duradoura.

Engulo em seco, encarando seus olhos sinceros. Olho para a pequena planta na minha mão e sinto meu fraco coração amolecer novamente.

— Isso é seu pedido de desculpas? De novo?

— Sim. Uma tentativa. — Ele sorri fracamente.

— *Tá* bom. Vamos recomeçar, então — concordo, tentando não dar muita importância para isso.

Coloco o cacto em cima da mesa e em um clima mais leve saímos de casa, encontrando com Viny e Ritinha caminhando um pouco à frente na rua.

— Mano, *tô* indo para o *apê* com a Ritinha. Podemos nos encontrar na praça em duas horas?

— Sim!

— Não!

Marcelo e eu dizemos ao mesmo tempo e nos encaramos. Ele tem a feição divertida e eu uma apavorada.

— Clarinha, por favor. — Ritinha pega as minhas mãos com os olhos *pidões*.

Sei bem o que pode acontecer se eu negar seu pedido. Ritinha sabe ser infernal quando lhe convém.

— *Tá... tá* bom — bufo, concordando.

— Maravilha! Até mais tarde. — Viny puxa Ritinha para o carro.

Meu coração fraqueja algumas batidas e começo a lamentar terrivelmente ter

concordado em vir sem lutar. Não consigo ficar poucos minutos perto desse homem sem me derreter inteira, duas horas será uma verdadeira tortura.

— O que quer fazer? — Escuto sua voz e fecho os olhos.

Beijar você é opção?

— Eu não sei. Duas horas é muito tempo. *Pra* que eles precisam de tanto tempo assim?

— Fecho os olhos, assim que percebo o que falei e lamurio pela ingenuidade em minhas palavras.

— Bom. Eles querem aproveitar um tempo sozinhos. — A voz divertida de Marcelo me faz olhá-lo.

Seu sorriso é evidente, no mínimo, achou graça da inocência do meu comentário somado ao meu rosto mortificado pela gafe.

— Faz sentido. Vamos caminhar até a praça? — sugiro, sem jeito.

— Pode ser.

Caminhamos em um silêncio incômodo por um tempo. Ele tem as mãos no bolso, caminhando ao meu lado, enquanto tenho os braços cruzados à minha frente, mais rígida que uma rocha.

— Uau! — Escuto sua voz surpresa e busco o que o admirou tanto.

— O que foi?

— Eu nunca tinha vindo a praça à noite. Quer dizer, uma vida inteira de lá para cá na fazenda, mas nunca me permiti desfrutar de um ambiente assim.

— Talvez ela não fosse requintada o suficiente — respondo e logo me toco da grosseria que cometi. — Desculpe.

— Não por isso. Eu mereci. De certa forma, tem razão. Muitas coisas na minha vida eu

não desfrutei por achar que não convinha e hoje começo a rever certos... conceitos. — A forma como ele olha para mim, dá a entender que existe muito mais além dessas palavras.

Sai dessa, Clara!

— Isso é bom. Mudar é bom e dar oportunidade para o novo também.

— Estou trabalhando nisso. Aliás, acho que estou observando o novo agora. — Seus olhos me fitam com intensidade e eu pigarreio.

— O coreto! Vamos lá. — Tento andar, mas sua mão segura meu braço, antes que eu consiga me afastar.

— Espera. Acho melhor caminharmos... um pouco mais...

— *Tá...*

Ele me solta, relutante, e voltamos caminhar lado a lado. Por vários momentos prendo a respiração, tentando acalmar o alvoroço que meu coração resolveu causar, atrapalhando totalmente qualquer pensamento coerente que eu pudesse formular.

— O que gosta de fazer? Digo, para se divertir?

— Ah, gosto de ler.

— Romances?

— Sim. E você? O que faz?

— Nada de mais. Saio com os amigos. Vou à boates.

— Hum...

O assunto volta a morrer entre nós, e penso que duas horas desta forma, será bem complicado passar.

— Já namorou? — Sua pergunta me surpreende e eu paro meus passos, encarando-o.

— Não. Nunca. E você?

— Namorar, não. Pelo menos, nunca apresentei ninguém à minha mãe.

— Ah... mas já teve casos... tipo... mulheres que saía...?

— Sim. Isso sim. Mas nunca alguém que valesse apresentar à minha família.

Começo a pensar no tipo de mulher ele sai, para que nenhuma seja digna de ser apresentada.

— Entendo. — Torno a cruzar os braços à minha frente.

— Clara. Eu não sei fazer essa coisa de passear e olhar as estrelas. Nunca me interessei por uma mulher tão jovem quanto você. Na verdade, elas sempre foram mais velhas do que eu. Sou um homem objetivo e não tenho a menor ideia de como levar uma amizade quando, sinceramente, eu quero a todo momento morder a boca da minha amiga.

Acho que meus olhos estão tão arregalados que a qualquer momento eles podem saltar do meu rosto. Sua sinceridade crua me choca e o misto de euforia e confusão tomam conta de mim, fazendo qualquer palavra engasgar na garganta.

Em um passo ele alcança meu corpo, solta minhas mãos que ainda estavam cruzadas, passa seus dedos pela minha cintura, me encaixando em seu aperto.

Sua boca desliza pela minha face e fecho meus olhos, sentindo a quentura do seu contato me aquecer por inteira. Um beijo contido é dado na minha bochecha, descendo seu caminho ele beija meu queixo e quando sua mão sobe, agarrando os cabelos da minha nuca, eu abro os olhos vendo o céu azul límpido dos seus olhos.

— Eu gostaria de ser sutil, mas não dá... — E a eletricidade se choca em nosso beijo.

Seus lábios degustam os meus, sua língua pede passagem e eu cedo em um gemido, não conseguindo ter controle da situação. Meu corpo se torna uma marionete e posso sentir meus pés

deixarem o chão com a intensidade do que sinto.

Só quebramos o beijo quando o ar fica escasso demais e precisamos tomar fôlego. Ambos respiramos com dificuldade, suas mãos ainda me prendem em seu agarre e um sorriso idiota não abandona meu rosto.

— Uau... — digo, simplesmente.

— Roubou minha fala. Você tem um gosto viciante. — Ele passa a língua no próprio lábio e o calor no meu corpo aumenta.

— Posso dizer o mesmo.

Marcelo me solta cedo demais e eu estranho sua mudança de atitude. Olho para trás e vejo um casal passando por nós, volto a encará-lo e noto seu desconforto.

— Algum problema?

— Só não quero que pensem coisas demais, Clara.

— Foi só um beijo, Marcelo. Acha que vão anunciar nosso casamento se virem? Por favor — respondo, ríspida.

— Não é isso... É só que...

— O quê? Acha que vou pensar que somos namorados? Que quero andar de mãos dadas com você por aí? Pois tenho uma novidade *pra* você: eu não quero!

Ele me encara, desacreditado pelas minhas palavras. Forço ao máximo para disfarçar minha mágoa e principalmente para não demonstrar grande coisa pelo que acabou de acontecer.

— Desculpe... eu só pensei que...

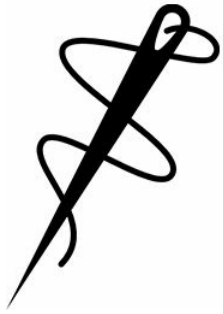
— Você está pensando demais, Marcelo. Eu entendi, você está afim de mim e eu afim de você. Ninguém precisa saber disso.

— Sim! Isso! Exatamente o que penso.

— Então estamos resolvidos quanto a isso.— respondo, como se não fosse grande coisa.

Um aperto retorce meu coração e tento a todo custo ignorá-lo. Não quero que ele perceba a importância que dou para o fato dele ter interesse em mim.

Não sei se é a melhor decisão, mas sinto que esse pode ser o caminho para alcançar e entender esse homem confuso.



Capítulo 8

“Paciência é o intervalo entre a semente e a flor.”

— Autor Desconhecido

Marcelo

Quando ouvi as baboseiras do meu irmão sobre o quanto é incrível beijar sua namorada e que nada no mundo o fez sentir tanto prazer quanto o toque dela, pensei que estava cego de amor.

Agora, depois de beijar os lábios carnudos dessa menina de olhar profundo, sentir a maciez da sua carne em minha boca e o maldito gosto incrivelmente saboroso da sua língua, reformulo a teoria para algo relacionado com essas irmãs.

Talvez elas detenham algum feitiço, hormônios aguçados, treino na arte de seduzir e encantar homens, qualquer palhaçada que explica o furacão que sinto enredar todo meu corpo em uma euforia sem limites.

Expor minha vontade desde o primeiro momento em que a olhei, foi um risco que não consegui evitar. Temia ser chamado de maluco e ignorado de uma vez por todas por ela, mas contrariando todos os meus receios, ela foi receptiva e me surpreendeu ainda mais no que disse após nos beijarmos.

Ela não pareceu chateada com minha reticência aos outros nos virem e concordou com o fato de que ninguém precisa saber disso e, muito menos, nos rotular pelo que fazemos. Era tudo que eu precisava ouvir para continuar a vê-la e entender melhor o que está rondando minha mente desde que a conheci.

— Terra chamando Marcelo. — Sinto um tapa acertar minha nuca e protesto.

— Que foi?

— Tá aí, suspirando e olhando para o nada, desde que entramos no carro.

— Pensando. Só isso.

— Realmente a morena dos olhos negros é encantadoramente linda, apesar de eu

preferir a outra morena de olhos claros.

— Não seja idiota.

— Você que não seja babaca e saiba onde está mexendo. A menina é virgem.

— Eu sei disso.

— Sabe? Como? Não vai me dizer que... Marcelo, que vergonha, irmão. O pai deve estar se revirando no túmulo. — Sua voz exageradamente alarmada me faz rir, mesmo a contragosto.

— Cala a boca. — Dou um soco no seu braço, brincando. — Eu não fiz nada de mais, mas não precisa ser um perito para ver a inocência daquela menina.

— E é isso que tanto te preocupa?

— Sim. Não. Sinceramente, eu não sei. Eu só não quero que ela se iluda com algo que nunca vai existir.

— Tá parecendo alguém que eu conheço falando. Ah, é... esse era eu.

— Engraçadinho. Isso é totalmente diferente.

— Tudo bem, irmão. Continue se iludindo enquanto pode.

Ignoro seu último comentário, dando fim a esse assunto. Não quero propagar nenhuma história romântica entre Clara e eu. Nos beijamos e foi bom demais e com toda certeza irei repetir a dose.

Ainda não sei como isso vai funcionar. Sou um homem sexualmente ativo, gosto de uma mulher disposta a tudo e, sendo bem sincero, Clara Maria não tem o perfil que toparia fodas causais, isso se a teoria de ainda ser virgem não for verdade.

Estou ferrado! Literalmente ferrado!



Hoje o dia não poderia começar da pior maneira. Estou enfurnado dentro desta sala a manhã inteira, tentando mostrar o controle de estoque do Haras para Vinicius, que só sabe divagar sobre a sua “moça bonita”.

Já perdi as contas de quantas vezes chamei sua atenção para a tela do computador à sua frente, em que uma enorme e organizada planilha contém todos os dados que ele precisa aprender, a fim de me aliviar um pouco das obrigações.

— Pela última vez, Vinicius, você entendeu isso? — Aponto para a tela com o controle das rações.

— Eu entendi na primeira, mano. Não sei qual o estresse — ele responde, girando sua cadeira e, com brusquidão, eu a paro.

— Foca, nessa merda. Você precisa aprender isso para que eu não tenha que me preocupar e possa dar atenção aos outros afazeres.

— *Tá nervosinho demais pra quem deu umas beijocas ontem, maninho.* — Ele manda beijinhos estalados para o ar, fazendo graça.

— Vai se *foder*! — solto, irritado.

— Olha ele... Nunca te vi assim, Marcelo.

Ando no escritório de um lado para o outro. Meu nível de estresse ultrapassando a borda e a vontade incontestável de socar a cara do meu próprio irmão aumentando a cada minuto.

Não preguei o olho a noite inteira, ora pensando na boca carnuda e deliciosa da Clara, seu beijo convidativo e viciante, ora pensando em uma forma de levar isso sem me comprometer. Por todos os meios que pensei, a conclusão foi a mesma: isso nunca vai funcionar.

Quando finalmente peguei no sono só tinha uma certeza cercando minha mente e ela

acordou ainda mais latente hoje. Teria que cortar o mal pela raiz e não procurar mais a Clara, nem falar com ela, pensar ou ter qualquer contato.

Claro que isso se tornou impossível com meu irmão falando a cada minuto da sua namorada, que é irmã dela, e ainda me provocando.

— Eu decidi não ver mais a Clarinha — soltei de uma vez, não conseguindo segurar.

— Ué? Por quê?

— Isso não daria certo nunca, Vinicius. Ela é inocente demais e eu não quero nada sério. Estou bem assim.

— Pelo jeito, você não *tá* lidando muito bem com isso. Está visivelmente alterado.

— Você que me deixa assim! Preciso fazer um monte de coisas e estou aqui, tentando te ensinar e você não foca.

— Já disse que aprendi na primeira. Você que é metódico demais.

— Maravilha. Então dê entrada nessa pilha de notas de compras e aquela outra pilha — aponto para um amontoado no canto da mesa —, são as saídas que devem ser lançadas na data correta.

— Sim, senhor. Senhor. — Ele presta continência para mim.

Ignoro sua tentativa de piada e resolvo sair dali, antes que concretize meus anseios e socasse a cara do meu próprio irmão.

Em passos apertados passo pelos corredores do Haras, não dando atenção a um tratador que tenta me parar para falar sobre algo. Minha cabeça parece um redemoinho de ideias, vontades e negações que estão me pondo no limite.

Chego ao estábulo e abro a baia da Estrela, minha energia está tão densa que minha égua treinada estranha minha presença e relincha, batendo a pata quando tento tocá-la.

— Ei, calma, garota. Calma! — Alcanço sua crina e acaricio.

Aos poucos, ela se acalma e sinto minha confusão diminuir. O incômodo ainda existe, mas sei que cavalgar pode colocar algumas coisas em ordem na minha cabeça. Não penso demais e logo encaixo a sela da Estrela e saio cavalgando pelo Haras, alcançando a estrada da cidade.

Estrela entende minha necessidade e aumenta seu galope, meu peito tamborila no compasso de suas patas. O ritmo frenético acelera minha adrenalina e absorvo prazerosamente uma dose de aventura, que faz meus tormentos pararem de me torturar.

Deixo minha mente vazia, limpo qualquer pensamento questionador, as piadas do meu irmão e até as porcarias que já causei até aqui. A única figura que permanece em minha mente é a morena de sorriso sedutor e boca carnuda, fazendo sua magia dentro de mim e me deixando sonhar por um momento, com tudo que quero fazer com ela.

Quando dou por mim, estou chegando nos arredores da cidade, algumas pessoas me olham chocadas, reconhecendo a mim e ao cavalo de raça característica, passando pelas ruas.

Tentando fugir da atenção eu entro em uma rua lateral, na verdade, ela é tão apertada que mais se parece com um beco e Estrela para seus passos, talvez tão fascinada quanto eu, com a beleza do lugar.

Flores. Muitas flores. No chão, nas paredes, pilastras e em todo o lugar. Algumas trepadeiras transpassam de um lado a outro no beco, fazendo um arco florido por todo ele.

Desço da égua e prendo seu reio em um ferro para que não saía por aí. Entro no beco, ainda fascinado e olhando tudo à minha volta. Olho para cima admirando a folhagem que cobre todo o lugar e é automático me lembrar de Clara Maria. Tenho certeza de que ela amaria este lugar.

Como se o universo quisesse brincar com minha sanidade, quando baixo meus olhos, encontro sua figura parada à minha frente. Estática e tão surpresa quanto eu, Clara permanece

imóvel e, como se uma luz iluminasse minha mente, entendo que é um sinal.

Ela tem que ser minha e de mais ninguém. Como isso funcionará, eu não sei dizer, mas de qualquer jeito, a terei para mim.

— Clara? Você aqui? — pergunto, sorrindo.

— Eu... o que faz aqui?

— Perguntei primeiro — falo, me aproximando e pegando uma mecha do seu cabelo.

— Eu sempre venho aqui. Esta é a rua das flores.

— Engraçado. Achei este lugar por acaso e só consegui pensar no quão ele combina com você.

Seu sorriso tímido aparece e, como um viciado, eu não resisto buscando seus lábios para, mais uma vez, sentir o gosto mais viciante que já provei.

Minha língua abre passagem com pressa e invade sua boca, buscando por sua dose de satisfação. Meus braços transpassam sua cintura e seu agarre em minha nuca me tira de órbita.

Ergo seu corpo e giro, ainda beijando-a. Sua língua parece tão faminta quanto a minha e, pelos pequenos gemidos que solta, sei que está afetada com nosso contato.

Estou excitado! Pra cacete!

— Vamos sair daqui — falo, entre os beijos.

— Para onde, seu maluco?

— Qualquer lugar — falo, soltando-a no chão.

— Tá. Eu topo — ela concorda, sorrindo, e meu sorriso se abre mais uma vez.

Não me lembro de ter sorrido tanto como tenho feito desde que a conheci. Isso é novo e bem motivador.

Seguro sua mão, puxando-a em direção à Estrela. Seus passos param, assim que ela percebe como iremos sair daqui.

— Jura? — ela pergunta, mais para si.

— Está com medo, morena? Prometo não lhe deixar cair — brinco, beijando seus lábios e ela sorri, nervosa.

Subo na égua dando espaço para que ela sente na minha frente. Jamais eu perderia a oportunidade de sentir sua bunda roçando na minha virilha por um bom tempo.

Em um impulso, Clara sobe e se encaixa exatamente onde eu queria, sentada de lado, com aquela bunda maravilhosa encaixada em mim. Acho que sou capaz de gozar em menos de meio metro de passeio.

— Aonde vamos?

— Passear — respondo e viro Estrela para a estrada de saída da cidade.

Mantenho a égua em passadas curtas, quero prolongar o máximo possível este passeio. Meu pau se tortura a cada roçar de Clarinha nele e, por Deus, estou quase gemendo feito um tarado.

— Podemos ir até a fazenda e depois lhe trago de carro.

— Tudo bem.

Faço-a mudar sua posição e encaixar as duas pernas no cavalo, assim posso galopar e ela não corre o risco de cair. A nova posição deixou sua bunda ainda mais encaixada em mim e começo a pensar que terei um tempo bem ruim para não passar vergonha.

Próximo da fazenda, eu desvio o caminho e entro na estrada secundária. Quero algum tempo com ela e, quem sabe, conseguir satisfazer um pouco desse desejo insano que toma minha mente.

Nos aproximamos de um lago onde tratamos alguns cavalos, não costuma ser muito usado e aqui na baixada, ninguém vai nos ver facilmente.

— Vamos dar de beber à Estrela e logo chegamos à fazenda.

Desço e a ajudo a descer. Seu corpo se esfrega no meu e, pela sua cara, sei que sabe exatamente como estou excitado agora.

— Você é muito provocadora, Clara. — Minha voz rouca denuncia minha condição.

Colo sua boca na minha com urgência, suas mãos seguram meu pescoço, mas nada me prepara para a sensação das suas pernas ao redor do meu quadril. Nosso beijo pega fogo e, soltando um rosnado, começo a mexer minha virilha de encontro ao seu centro.

— Água... — Ela solta sua boca da minha e eu não entendo o que quis dizer. — Água para Estrela — ela esclarece, ofegante.

Respiro fundo, soltando-a do meu corpo. Tiro o cabresto da égua e a deixo na margem do lago. Olho em direção de Clara, que se mantém quieta, observando, faço sinal com o dedo a chamando e, quando está próxima, sento no tronco seco de árvore atrás de mim.

— Senta aqui. — Dou um tapa na perna e ela entende o que quero dizer.

Ela usa um short jeans curto, uma blusa leve de algodão branco e não poderia ser mais convidativo para rasgá-la. Claro que não farei isso, mas a vontade permanece à margem.

Clara senta de frente para mim, se encaixando no meu quadril perfeitamente. Se eu não pensar em algo realmente pavoroso eu gozarei tão rápido quanto um adolescente.

— O que vai fazer comigo, Marcelo? — Seu sorriso é um misto de vergonha e esperança.

— Nada de mais. — Alcanço sua boca, dando uma leve mordida no lábio.

— Você está...

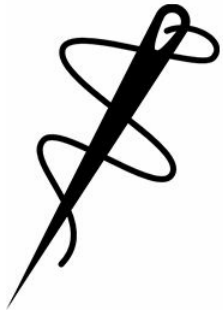
— Extremamente excitado? Sim! E *porra*, eu estou controlando *pra caralho* para não gozar nas calças.

Uma gargalhada estrondosa irrompe sua boca. Ela joga a cabeça para trás, ainda rindo, e isso faz seus peitos subirem e praticamente se esfregarem na minha cara.

Não resisto e acabo descendo meus lábios sobre o pano da sua blusa e, como previa, ela está sem sutiã. Mordo o tecido acertando em cheio seu bico, o que a faz engasgar e voltar à posição inicial rapidamente.

A graça acabou e em seus olhos eu só consigo enxergar a expectativa e tesão que transbordam de mim. Desta vez ela acabou tomando partido e, segurando meu rosto com força, uniu nossos lábios de volta ao beijo quente que estávamos ainda há pouco.

Eu, com certeza, estou comprando minha passagem em primeira classe para o inferno!



Capítulo 9

“Que do meu caos, nasçam flores.”

— Autor Desconhecido

Clarinha

Meu corpo se move sozinho, a insanidade do momento toma conta das minhas ações e só quando ouço seu gemido baixo, percebo que estou rebolando em seu colo.

Por um curto momento cogito em parar toda esta loucura, deixando a vergonha se fazer presente. Isso parece tão errado quanto é bom e resolvo arriscar e continuar esfregando meu corpo junto ao seu. Está muito prazeroso o atrito de nossos jeans, sua mão desce até minha bunda e apertando ainda mais nosso contato, sinto minha intimidade molhar.

— Clara... — Sua voz baixa entre os beijos desesperados me incentiva a continuar mais e mais.

Uma bola de fogo e necessidade cresce em meu ventre e pelo que percebo, ele está gostando disso tanto quanto eu. Suas mãos massageiam minha bunda e os apertos se tornam cada vez mais intensos, fortes e prazerosos.

Marcelo leva nossos corpos no chão, ao lado daquele tronco velho e em meio à grama. Seu corpo cobrindo o meu com cuidado e, nunca perdendo o contato dos nossos lábios, começa a se mover.

Ele esfrega sua virilha na minha e eu posso sentir algo grande e duro, muito duro. Ele está excitado e isso me deixa ainda mais louca de vontade de entregar meu prazer a ele.

— Eu preciso saber... o quão molhada está... — ele diz, ofegante.

Tombando seu corpo um pouco para o lado e mantendo uma perna no vão das minhas, Marcelo abre meu short, usando só uma mão e logo eu sinto seus dedos tocando lá embaixo.

— Ah... — Não consigo falar.

Com cuidado, ele acaricia minha vagina com a ponta dos dedos, sinto-o escorregar com facilidade ali, em movimentos cautelosos e constantes. Minha cabeça gira e todo o fogo que sinto

entra em fervor, se concentrando em uma área muito específica.

Uma que já conheço bem e que, por algumas vezes, me deixei levar alcançando o prazer.

Sou uma garota novata em tudo isso com um homem, mas eu já sei os pontos do meu corpo que despertam meu desejo.

Porém nada me preparou para intensidade de senti-lo fazendo isso e com uma maestria que causa certo desconforto. Com certeza muitas mulheres já testaram suas habilidades, quantas já estiveram em suas mãos?

Sua boca suga meu colo e eu dispenso esses pensamentos, foco no agora e na vontade que meu corpo sente de se libertar dessa clausura.

— Você vai gozar *pra* mim, Clara — ele determina e eu o encaro.

Minha perdição se concretiza e no mar azul ou verde, eu não sei dizer agora, me entrego. Seus dedos serpenteando meu ponto, meu corpo convulsionando e tudo se libera.

— Marce... lo — solto, em um aperto, não conseguindo conter.

Sua boca toma a minha em um beijo afoito, na medida em que seus dedos vão diminuindo o ritmo e acalmando meus espasmos. Ele separa nossos lábios, ofegando igual a mim e, sentindo algo molhado na minha perna, afasto meu corpo para ver.

— Você me fez gozar feito um adolescente, morena. — Meus olhos arregalam quando vejo a umidade na sua calça.

Olho para ele chocada e um sorriso sacana desponta em seus lábios.

— E agora? — pergunto, assustada.

— Agora vamos para a fazenda e torcer para ninguém me ver assim. Seria a vergonha do século.

Marcelo parece muito tranquilo e relaxado e eu só consigo pensar o quão constrangedor pode ser se encontrarmos alguém pelo caminho.

Subimos na Estrela e voltamos para a estrada, devagar. Um sorriso cúmplice enfeita nossas faces e ora ou outra Marcelo cheira meu pescoço e beija ali. Meu corpo reage a cada toque, como se há pouco já não tivesse tido um orgasmo.

Meu Deus! Eu sou uma desavergonhada!

Espanto as críticas que provavelmente farei a mim mais tarde, só quero aproveitar o momento. Sei que não temos promessas de amor, nem mesmo de algo que vá durar e entrei nisso consciente.

Demorei tempo demais para me arriscar com algo e sinto que Marcelo é o homem certo para me mostrar tudo que tenho a descobrir.

— Chegamos. Vá com Estrela até a baia e entregue ao tratador. Eu vou subir correndo e trocar a roupa.

— Tudo bem.

Marcelo desce da égua com agilidade e, assim que me ajuda a descer, parte para o casarão, nem ao menos, se despedindo. Olho em volta, notando poucos peões em seus afazeres e entendo que o momento passou. Estamos perto dos outros e nada pode ser explícito.

Respiro fundo e não deixando meus medos agirem por mim, faço como foi pedido. Entrego Estrela na baia da família Queiroz e volto para o campo. Avisto Lucio num cercado afastado, domando um cavalo.

Fico curiosa e resolvo me aproximar. Terei que esperar por Marcelo mesmo, que seja me distraindo com Lucio.

— Clarinha? — Lucio chama, assim que me aproximo.

— Oi. Sim, sou eu.

— O que faz aqui, menina?

— Tô aprendendo a andar a cavalo.

— Desde quando se interessa por isso?

— *Uai*, para tudo se tem uma primeira vez, Lucio.

— Sei... — ele fala, desconfiado.

— O que *tá* fazendo?

— Tô domando esse potro. O bicho é *tinoso*.

— Tem nome?

— Ainda não. Esse vai *pra* leilão.

— Ah. Entendi. Posso entrar?

— Pode. Claro.

Passo no vão da cerca de madeira e devagar me aproximo de Lucio. Ele tem o cavalo preso a uma corda e um relho na mão.

— Isso não o machuca?

— Não. Claro que não. Ele está usando uma professora e o relho não é para bater e, sim, direcionar.

— Professora?

— É uma focinheira. Usada somente na doma. Assim não machuca o cavalo quando é novo e não sabe como agir.

— Entendi.

— Quer passar a mão nele?

— Posso? — Sorrio, animada.

— Claro que pode.

Lucio puxa a corda e o potro, um pouco relutante, vem para perto de nós. Recuo um passo usando o corpo de Lucio como escudo. Ele segura o que chamou de professora mais justo e acaricia o bicho que parece meio agitado.

— Acho melhor eu não me aproximar.

— Tem perigo não.

— Se você diz. — Dou alguns passos para perto e o cavalo empina — Ai! — Pulo para trás.

— Clara! — Escuto um grito atrás de mim e olho assustada.

Marcelo está passando pelo vão da cerca e vem a passos apertados em nossa direção.

— Ow. Calma, amigo. Calma — Lucio tenta acalmar o potro, que agora parece ainda mais incontrolável.

— Clara, vem *pra* cá! — ele esbraveja, caminhando em nossa direção.

— Eu só vim ver... — respondo, assustada, me aproximando dele.

— Você está bem? — Ele segura meu rosto com as duas mãos, analisando minha feição.

— Tô...

Parecendo não acreditar, ele se afasta olhando para mim, acho que procurando por algo fora do lugar, volta a me encarar e seu olhar duro faz meu coração se apertar.

— Você poderia ter se machucado.

— Mas...

— Sem “mas”. Vai e me espera no carro.

— Marcelo, eu...

— Agora, Clara. — Seu olhar duro e a voz ríspida não deixam margem para qualquer discussão.

Caminho a passos cautelosos para fora da cerca e arrisco um olhar para trás, vendo Marcelo esbravejar e bater os braços em direção do Lucio. Penso em voltar e defender meu amigo, mas desisto da ideia.

Ele parecia realmente chateado com algo. Acho que se irritou por eu estar tão exposta na fazenda, talvez pensou que falei algo para Lucio e deletei nosso encontro escondido.

Vejo seu carro parado na saída da garagem e rapidamente entro nele. Deus me livre ele subir e ainda me ver dando sopa por aqui.

Acomodo-me no carona e espero pacientemente, até que o vejo caminhando apressado em minha direção. Sua cabeça gira em volta, observando tudo, talvez procurando por alguém que possa ter me visto.

Marcelo entra no carro, batendo a porta. Sem mencionar qualquer coisa, dá partida e sai dali em alta velocidade. Busco rapidamente o cinto de segurança, afivelando-o em torno de mim.

Arrisco um olhar em sua direção algumas vezes e sua feição ainda é fechada. Sua respiração curta mostra que ainda não está calmo e eu não sei como agir.

— Você... você está bravo? — arrisco perguntar.

— Sim.

Aguardo, esperando por algo mais, uma explicação ou justificativa e nada. Curto e direto, ele continua dirigindo, sem sequer me olhar.

Quando estamos próximo da entrada da cidade, não aguento mais o silêncio e acabo

falando tudo que tenho em mente.

— Escuta aqui, seu bipolar. Se não queria que ninguém me visse com você, não deveria ter me levado para a fazenda da sua família. Eu só estava matando tempo, enquanto te esperava, e achei que perto do Lucio, que é meu amigo, não teria problema — falo, cruzando os braços na defensiva.

— Do que você *tá* falando? — ele pergunta, ainda ríspido.

— É isso mesmo que ouviu!

— Você entendeu mal, Clara. Eu não... droga!

— Não grita comigo! — Aponto o dedo em sua direção.

— Eu não tô gritando com você!

— Agora está! — Enfatizo sua atitude.

Em um respirar fundo, ele fala:

— Eu não fiquei bravo com isso. Só me apavorei quando te vi tão próxima de um potro não adestrado. Eles podem ser perigosos e, num vacilo, você poderia sair machucada.

Minha face emburrada suaviza e eu olho em sua direção, que agora encarava a minha, vez ou outra.

— Ah...

— Chamei a atenção do Lucio. Isso não pode acontecer. Um acidente ali é inadmissível.

— Entendi. Desculpe — lamento o ocorrido e, inevitavelmente, meu coração reclama o fato de ele não ter se importado com o perigo que eu poderia correr.

Qualquer um que estivesse ali o faria tomar a mesma atitude, mas claro que fantasiei, mesmo que, por alguns segundos, que todo aquele show era por mim.

— Não precisa se desculpar. Lucio sabe as regras. Ele é o culpado.

— Não puna ele. Por favor.

— Se importa tanto assim com ele? — Sinto sua voz incomodada.

— Claro. Ele é como um irmão para mim.

— *Humm...*

Sua face carrancuda volta e, mesmo não entendendo direito por que de tudo isso, resolvo me abster de questionamentos. Esse homem é completamente instável e Deus me livre de entrar na mira da sua ira.

— Para aqui. — Mostro a entrada do beco onde ele me pegou e ele para o carro.

— Aqui?

— Sim. O movimento de pessoas aqui é mínimo e foi onde me pegou. Vou pegar umas flores e ir para casa.

— Eu te levo.

— Não precisa. Adorei nosso passeio. Obrigada. — Beijo seu rosto confuso e saio do carro.

Caminho alguns passos e quando arrisco um olhar para trás, vejo-o ainda parado, encarando-me.

Aceno um adeus e continuo andando, um sorriso gigante enfeita meu rosto e sinto que consegui sair vitoriosa, apesar de tudo.

Viver um dia de cada vez e sem promessas ou espera de algo a mais no final de cada momento, é a melhor maneira de não criar expectativas ou fazê-lo ficar apreensivo com algo.

Uma gérbera vermelha chama minha atenção e, ainda sorrindo, paro para observá-la. Sinto meu braço ser puxado com força, fazendo eu me chocar no peitoral já conhecido de

Marcelo.

Seu olhar ainda confuso me encara e eu continuo sorrindo.

— Nunca mais saia sem se despedir. — Sua boca cobre a minha, dominando o beijo.

Uma mão segura minha cintura com firmeza, enquanto a outra entrelaça meus cabelos, deixando-me totalmente exposta para suas vontades.

Sigo o beijo, sentindo o formigamento já familiar pinicar meu ventre, seu corpo se aperta ainda mais ao meu, o ar começa a faltar e quando penso que ele vai evoluir o beijo, sou abandonada.

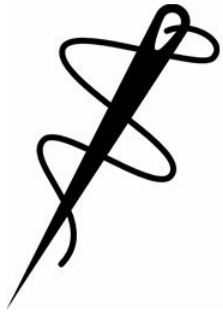
Ele se afasta alguns passos, me encarando. Seu sorriso contido denunciando que atingiu seu objetivo: me deixar fora de órbita.

— Eu te acho, morena. — Com isso, ele parte.

Continuo com o sorriso depois que o carro se vai. Toco meus lábios com suavidade, sentindo um leve ardor da mordida que ele deu no final.

Sua promessa, com certeza, me fará sonhar até que o momento chegue.

Respiro fundo, sacudindo a cabeça e retomo o que estava fazendo antes de o bipolar Queiroz invadir meu caminho.



Capítulo 10

“As mudanças, por mais dolorosas que sejam, às vezes nos fazem florescer.”

— Autor Desconhecido

Marcelo

Passo pela porta do casarão e ouço uma movimentação na sala de TV, minha cabeça ainda girando com tudo que aconteceu entre Clara e eu nesta tarde e o pavor que senti vendo-a próxima do perigo.

A vontade que senti era de bater em Lucio por ter permitido ela ficar tão próxima de um cavalo selvagem. Onde ele estava com a cabeça de permitir isso? Quando eu a avistei tão próxima dele, desci correndo pensando que poderia se machucar, ser ferida por uma imprudência daquele peão.

— Olha quem chegou. Nosso irmãozinho pegador de *virgenzinhas* — Rômulo faz graça, assim que percebe minha presença na sala.

Ele e Guilherme estão jogados no sofá, assistindo a alguma coisa na televisão. Ignoro seu comentário idiota e sento na poltrona ao lado.

— E aí, Marcelo? Vai contar o que a irmã mais nova da namorada do nosso irmão estava fazendo aqui? — Guilherme questiona.

— Ela veio entregar as roupas que mandei arrumar para a festa de Palomino. Só isso.

— Engraçado, isso, *né?!* Porque a mãe disse que suas roupas já estão prontas há dias. — Rômulo tomba a cabeça, encarando-me.

— Era uma que faltava. O que *tá* acontecendo aqui? Vocês viraram a *porra* dos vigias da fazenda?

— Calma, mano. Só ficamos curiosos. Você nunca foi de estar próximo a ninguém da cidade e, de repente, a menina não sai da sua vista — Guilherme justifica, apaziguando minha irritação.

— E que gatinha, hein? Se não fosse tão novinha, eu pegava fácil. — Rômulo fecha os

olhos, como se estivesse imaginando a minha morena nua.

— Ela não é *pro* teu bico, pervertido. E pode parar de fantasiar ela nua, Rômulo! — esbravejo, me levantando e ele gargalha.

— Esse já foi abatido — ele comenta, levantando e jogando uma almofada, que consigo desviar, antes de sair da sala.

— Babaca — resmungo baixo, ainda irritado.

— Marcelo. Você sabe que aquela menina não é para brincar, certo? Ela é a irmã mais nova das meninas, inocente, pelo pouco que sei, e não seria justo você jogar com ela.

— Fica tranquilo. Eu não tenho nada com ela e nem pretendo ter, Guilherme.

— Ótimo.

— Fala família! — Viny grita, entrando na sala.

— E aí, Dom Juan? Aonde vai? — Guilherme cumprimenta nosso irmão.

— Ver minha marrenta. Onde mais seria? Tô planejando um fim de semana fora para nós.

— E a mãe dela vai permitir? — pergunto, curioso.

— Claro que vai. Eu tenho a nossa sogra no papo, maninho. — Faço uma careta para sua colocação.

— Pelo jeito, as coisas vão bem com vocês dois. Fico feliz, Viny. Você merecia uma mulher à altura.

— Obrigado, Gui. Você logo encontra a sua — Vinicius comenta, tocando o ombro do nosso irmão.

— Acho que já encontrei. Só ela que não enxerga.

— Quem é? — Vinicius e eu perguntamos juntos.

— Depois que ela souber, eu conto a vocês.

— Não sendo a Paulinha maluca, *tá* tudo certo. Apesar de que a Toninha é bem azeda. Quer saber, chega de Queiroz ciscando por lá. Já basta o Marcelo.

— Eu não estou ciscando em nada — me defendo.

— Ah, não? Engraçado que viram você na estrada a cavalo com a Clara. Como isso foi acontecer? — Vinicius cruza os braços à sua frente, me encarando, inquisidor.

— Ué, mas ela não veio até aqui entregar uma encomenda? — Guilherme se levanta, imitando a posição de Viny e pergunta, divertido.

— Já falei para cuidarem da vida de vocês. Que merda! — Me levanto e saio o mais rápido que consigo da sala.

Não quero ser alvo de especulações, mesmo sabendo que minha atitude impensada de mais cedo daria margem para todos falarem muito de mim. Perdi a cabeça mais uma vez, isso tem se tornado comum quando estou em perto daquela morena, minha falta de raciocínio me cega e só consigo enxergar as possibilidades de estar com ela, tocá-la e aproveitar cada momento.

Subo as escadas de dois em dois degraus, pensando em alguma maneira de conseguir aplacar essa avalanche que toma meu peito sempre que penso nela. Isso não é normal, muito menos, saudável, tenho que encontrar alguma normalidade para restaurar meu equilíbrio.

Abro o chuveiro e dispenso minhas roupas rapidamente, tomo meu banho lenta e calmamente, deixando a água lavar meu corpo e esperançoso para que escoe alguns pensamentos pelo ralo.

Tenho consciência de tudo que meu irmão disse, ela não é para brincar, não posso fazer o que é meu costume, ter somente um caso e nada mais. Cedo ou tarde isso irá se virar contra

mim e o menor pensamento de feri-la não me deixa nada confortável.

Saio do banho, enrolando uma toalha em meu corpo, pego no closet uma pequena mala e jogo algumas roupas nela. Volto para o quarto e encontro Vinicius deitado na minha cama.

— Não bate mesmo, não é?

— Para de viadagem. Aonde vai? — Vejo sua feição fechar, vendo a mala na minha mão.

— Vou até a capital.

— Assim, do nada?

— Eu tenho um compromisso lá, lembrei esta tarde.

— Antes ou depois de você estar com a Clarinha? — Vinicius senta na cama e sua postura mostra irritação.

— Qual é, Vinicius? Já falei *pra* cuidar da sua vida e, Clara e eu não temos nada.

— Você está fazendo besteira e sabe disso.

— Problema meu — respondo, finalmente encarando seus olhos.

Sem dizer uma palavra, ele levanta e sai, deixando minha miséria tomar conta dos meus pensamentos. A dúvida semeada na minha mente começa a germinar, mas como sempre fiz tudo de acordo com as minhas convicções, continuo com o plano.

Pego meu celular e mando uma mensagem para Diana, avisando que chegarei tarde na capital e quero vê-la no clube que mencionou da última vez que nos vimos. Ela aceita, assim como previa, visto uma roupa mais formal, camisa social preta, calça escura e meu casaco preto.

Recolho a pequena mala, pretendo ficar até semana que vem por lá, assim terei tempo suficiente para me desvincular dessa loucura e deixá-la perceber que nada está acontecendo de fato.



— Achei que não ligaria mais — Diana fala, logo após me cumprimentar com um beijo na boca.

Normalmente eu não permito esse contato tão próximo quando saímos na noite, mas devido às circunstâncias resolvo deixar a coisa rolar. Sorrio fracamente e ergo a mão para o barman me servir um uísque.

— Estou cheio de coisas na fazenda.

— *Tá certo. Esta boate é ótima, você vai amar. Até fiz amizade com umas meninas daqui, tenho certeza de que convenço uma delas a sair conosco hoje.*

Balanço a cabeça, concordando, corro meu olhar em volta e noto o lugar bem cheio, mesmo para um dia de semana, as pessoas transitam à nossa volta, alguns grupos se formam, uns dançam, outros conversam.

O lugar predomina o preto e dourado. As luzes negras e lasers correm o teto do salão, formando desenhos geométricos nas paredes, uma batida intensa toca no sistema de som e ela me causa uma pequena dor de cabeça.

O barman serve minha dose e eu a tomo de uma vez pedindo outra em seguida. O lugar já cheio começa a ficar mais apertado, as pessoas estão ainda mais próximas e um desconforto começa a tomar minha paz.

— Muito cheio aqui.

— Ainda é cedo. E nem está tão cheio — Diana comenta, olhando em volta.

Observo a mulher à minha frente, Diana deve estar na casa dos quarenta, mas seu corpo e face jamais diriam isso. Claro que é notável não ser mais uma menina, mas está longe de não

atrair a atenção masculina.

Ela é madura, tem firmeza nas atitudes e um olhar que entrega sua determinação. Uma loba que sabe exatamente o que quer e o que pode dar, isso, para homens como eu, é um prato cheio.

Só que, por algum motivo, hoje nada disso atrai minha atenção. Sua maquiagem pesada, o vestido curto e colado, os saltos matadores, nada disso desperta minha libido. Quando seus olhos encontram com os meus, percebo tudo que não está se encaixando nesta noite.

Não é o mar negro do olhar mais doce que me encara, a boca não é carnuda o suficiente e nem sequer desperta uma faísca para mordê-la, não são os cabelos pretos e lisos que adornam seu rosto. Essa simplesmente não é ela. Não é a minha morena.

— Não posso fazer isso. — Solto o copo no balcão e Diana me encara, confusa.

— O quê? Do que está falando, Marcelo?

— Eu preciso ir embora.

— Mas acabou de chegar. O que *tá* havendo? — Ela segura meus braços.

— Percebi que não deveria estar aqui. Só isso.

— Pensei que teríamos uma noite quente, Ma. Faz tempo que não ficamos juntos.

— Sem cobranças, Diana. Esse é e sempre foi o acordo. Eu não *tô* a fim. — Solto seus braços de mim e, com um beijo em seu rosto, me despeço, saindo dali.

Seu semblante demonstrava desconforto e isso não me afetou em nada. Ela sabia os termos desde o início e me conhece muito bem para saber o quanto odeio qualquer cobrança.

Ainda não tinha passado no apartamento para deixar a mala e, pelo visto, nem vou passar. Pego o caminho que fiz até aqui e volto imediatamente para Palomino.

Passo a mão no cabelo, indignado com a confusão que estou me metendo. Ainda não sei

por que vim aqui e, muito menos, por que estou voltando, só sei o quão errado todo aquele lugar e Diana pareceram para mim, e só a imagem da minha morena tomava minha mente, fazendo eu me sentir culpado de estar aqui sem ela.

Devo estar mais maluco que Vinicius. Ele, pelo menos, chegou a provar do desejo antes de se entregar a um relacionamento, apesar de tudo ter sido muito rápido, ainda sim, pareceu coerente.

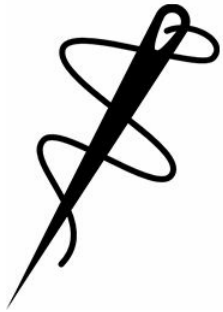
Mil possibilidades rondam minha cabeça, as ideias mais malucas bagunçam minha mente e em todas elas meu sorriso cresce à medida que a esperança desponta no meu peito.

Ainda penso que alguma magia ronda aquela família que enreda os irmãos Queiroz em torno delas, não é possível.

Quase quatro horas para chegar na capital e não precisei de vinte segundos em um lugar para entender que tudo que desejo e preciso está em casa, na minha cidade, morando próxima de mim.

Se é assim que os apaixonados agem, então estou *fodido* em admitir que a morena me pegou de jeito e, mesmo ainda não a tendo inteira para mim, eu sei que ela será perfeita.

Ela é perfeita.



Capítulo 11

“Há flores em tudo que eu vejo.”

— Flores, Titãs

Marcelo

O dia raiava no alto das colinas quando encostei meu carro no meio-fio em frente à casa da Clara. Dirigi a noite toda praticamente e não conseguiria ir para qualquer lugar que não fosse aqui.

A rua ainda está quieta, as pessoas ainda não começaram mais um dia e eu estou afoito para que minha morena acorde cedo. Não posso esperar nem mais um minuto para fazer o que pensei na volta para Palomino.

Desço do carro e vou até a porta no fundo do quintal, tenho esperança de vê-la por ali. Ainda não consigo acreditar na loucura que estou prestes a fazer, mas nada parece tão certo na vida, quanto tomá-la para mim.

Logo vejo-a saindo pela porta da cozinha, como pensei ela levanta cedo, chegou o momento, é agora ou nunca. Bato palmas e isso chama sua atenção para mim.

Clara franze o cenho, olhando para o portão e, logo que me reconhece, vem correndo e sorrindo em minha direção.

— Marcelo? O que faz aqui? — pergunta, abrindo o portão.

— Eu precisava te ver. — Não espero e a abraço.

Seu cheiro característico entra em meu sistema e todo o alvoroço que senti ontem na boate e vim cultivando pelo caminho se extingue.

— Me solta, Marcelo. Meus pais já estão de pé e logo vão sair aqui fora.

— Que bom, pois é com eles mesmo que quero falar.

— Como assim? — Ela me olha, confusa.

— Clara Maria! Quem está aí? — Escuto a voz de dona Lélia e solto Clara no chão.

— Sou eu, dona Lélia. Desculpe a hora, mas será que posso ter uma palavra com a senhora e o seu Jaime?

— Menino Queiroz? Uai, claro que pode. Deixa o menino entrar, Clara.

Olho para minha morena, que tem os olhos assustados, não entendendo nada do que está acontecendo.

Estou apostando todas as minhas fichas que ela ficará tão feliz com tudo isso, quanto eu estou animado.

— O que você está fazendo, Marcelo? — ela pergunta baixo, quando abre passagem para eu entrar.

— Logo você vai ver — respondo, caminhando ao seu lado.

— Senta, menino. Vou chamar o Jaime. Clara Maria, serve um café para ele. *Tá todo estrupiado*, parece que nem dormiu à noite.

— De fato, não dormi. Agradeço. — Sento-me, enquanto as duas vão para dentro.

Não tarda para que Clara volte com uma bandeja com café, leite, bolo e algumas coisas. Meu estômago protesta me lembrando que estou sem me alimentar desde ontem e, até então, não tinha dado falta.

— Marcelo, o que você vai fazer? — ela sussurra, enquanto serve o café.

— Vou pedir permissão para te namorar.

Clara bate a mão no copo e acidentalmente derrama o café quente na minha camisa. Levanto rápido e grito com o líquido queimando meu peito.

— Ai, Meu Jesus. Desculpa! — Ela tenta me tocar.

— *Tá quente!* — reclamo, puxando a camisa para fora do meu corpo.

— Uau, que visão para uma manhã. — Escuto ao fundo e vejo Paulinha vindo até nós.

— Bom dia, Paula. Caiu café na camisa e por isso...

— *Eita*, menino! Por que *tá* sem camisa aqui? — Dona Lélia se aproxima com seu Jaime, fazendo cara de poucos amigos.

Isso não está indo como imaginei.

— Mãe, eu derrubei café fervendo nele, sem querer — Clara intervém.

— Coitado! Pega uma camisa do seu pai *pra* ele.

— Não precisa, dona...

— Deixa disso, menino. Senta aí, disse que tinha que falar comigo e minha mulher. O que foi? — Seu Jaime se senta à cabeceira, me encarando.

— Bom... eu... queria pedir a vocês dois a permissão para namorar a Clara. — Minha voz sai falha, feito um moleque sem colhões.

Meus irmãos tirariam sarro de mim por toda vida se vissem isso.

— O QUÊ? — O grito da dona Lélia me assusta.

— *Eita*, que esse tem mais peito que o Viny — Paulinha comenta.

— Bom... — seu Jaime tenta dizer, mas se cala.

— MINHA FILHA É UMA CRIANÇA, SEU MOLEQUE. — Dona Lélia abana os braços.

— Ela já tem dezenove anos, dona Lélia.

— Isso não interessa!

— Calma, Lélia. Vamos ouvir o rapaz.

— Mais um Queiroz aqui não! O que acontece com vocês? Resolveram tomar todas as minhas filhas?

— Não! Eu... na verdade, eu gosto muito da sua filha e quero a permissão de vocês para poder namorá-la.

— Vou arrancar os cabelos da Clara! Ah, menina!

— Mãe, por favor. A Clara já é adulta.

— Jaime, fala alguma coisa! — Ela aponta para o marido.

— Assim que você terminar de gritar, mulher. Só estou esperando — ele responde calmo, não se importando com a alteração da mulher.

— Dona Lélia. Eu quero sua filha muito bem. Estou aqui respeitando a sua família e informando que quero namorá-la.

— Tá aqui a camisa. — Clara se aproxima, me entregando uma camiseta branca.

— Clara, sente-se — seu Jaime pronuncia, se servindo de um pouco de café. — Você também, rapaz.

Sentamos lado a lado, dona Lélia se mantém em pé, encarando Clara como se fosse esganá-la. Paulinha sorri de orelha a orelha, atenta a tudo à sua volta e eu começo a pensar se foi uma boa ideia vir tão cedo.

— Quando isso começou, Clara Maria? — dona Lélia pergunta.

— Nada começou, dona Lélia. Estou aqui, pois tenho interesse nela e nem a informei que faria isso — falo, segurando sua mão.

— Isso é verdade, Clara? — é a vez do seu Jaime intervir.

— Sim — ela responde baixo.

— E você quer namorar esse menino?

— Quero. — Um sorriso tímido surge em seus lábios e o meu se alarga.

Pareço o ganhador da loteria com a confirmação de que ela espera isso tanto quanto eu.

— Não vejo mal nisso, então. Tem minha benção — seu Jaime decreta.

— Meu Deus. Atirei pedras na cruz. Tenho certeza — dona Lélia lamenta.

— Parabéns, maninha — Paulinha festeja.

— Podemos conversar a sós? — sussurro para ela, que concorda com a cabeça.

— Pai, vou levar Marcelo até o carro.

— Tudo bem. Mas da próxima vez, te aconselho a vir depois do almoço, menino.

— Pode deixar, senhor. Obrigado pela confiança — agradeço e cumprimento o homem.

— Até mais, dona Lélia.

Ela só abana a mão, visivelmente mal-humorada com o pedido, acho que a família Queiroz não é tão bem vista por ela. Desconfio que isso tenha a ver com a fama que meus irmãos levam na cidade.

Saímos pela porta da sala e eu a ergo em meus braços, girando nossos corpos, enquanto nossos lábios se unem em um beijo envolvente e úmido. Ela sorri e eu a acompanho.

— Não acredito que fez isso sem falar comigo antes. O que deu em você?

— Caíram algumas fichas e eu sabia que tinha que fazer isso.

— Você está péssimo. Não dormiu?

— Não. Na verdade, passei a noite dirigindo.

— Por onde? — Ela sorri, curiosa, e meu peito se aperta.

Falar onde estava, o que pretendia fazer, antes de cair a ficha e vir atrás dela não vai ser muito legal. Dificilmente ela entenderá, eu mesmo no lugar dela não levaria na boa, então resolvo omitir essa parte.

— Por aí. Sem rumo. — Sorrio e beijo sua boca mais uma vez.

— Melhor me colocar no chão.

— Por quê? Somos namorados agora.

— Sim. Mas é melhor não irritar minha mãe, ela não aceitou muito bem.

— Percebi isso. Vou deixar você cuidar do seu dia. Preciso dormir um pouco.

— Mais tarde nos vemos?

— Com certeza. — Dou mais um beijo em sua boca convidativa.

Dou alguns passos para trás, sem soltar sua mão, parece complicado demais deixá-la aqui. Estou me sentindo um idiota, mas é tão bom tudo isso, que não me importo.

— Pode me soltar agora. — Ela sorri, boba.

— Pois é... — Solto sua mão e com um aceno de cabeça saio dali.

Melhor partir antes que eu cometa a segunda loucura da minha vida e rapte minha mais nova namorada.



Acordo na hora do almoço, totalmente revigorado. Cheguei à fazenda e caí na cama, exausto pela minha loucura noturna. Apaguei em poucos minutos com os pensamentos na minha morena.

Desço as escadas, animado, cantando alguma canção que coloquei no meu aplicativo na hora do banho. Encontro com Vinicius a caminho da sala de jantar.

— Viu um passarinho verde? Aliás, não acreditei quando a mãe disse que já estava de volta.

— Coloquei a cabeça no lugar, irmão. Pedi Clara em namoro para seus pais essa manhã.

— MAS QUE PORRA! — ele grita, abraçando meu pescoço e bagunça meu cabelo.

— Que boca, na hora do almoço. Vinicius Queiroz — minha mãe o repreende.

— Mãe, nosso menino está namorando. — Viny faz voz de menina quando fala.

— Cala a boca. — Empurro-o para longe.

— Ah, não acredito. Finalmente, meu filho. — Ela vem me abraçar — E como Clara reagiu? Você falou com os pais dela, não é? — Olho espantado para minha mãe.

— Como você sabe que é ela?

— Meu filho, sou sua mãe. Eu soube no minuto em que colocou seus olhos nela, naquela visita que nos fizeram, que algo aconteceria. Só não imaginei que seria tão cedo.

— Sim, mãe. É ela.

— Quem? — Rômulo pergunta, entrando na sala junto com Guilherme.

— Seu irmão pediu Clara Maria em namoro — minha mãe anuncia, radiante.

— Parabéns, maninho — Guilherme me cumprimenta.

— Ah, cara! Não acredito! *Perae*, já volto. — Rômulo sai correndo.

— O que deu nele? — Viny pergunta.

— Vai saber. Está falando do Rômulo, ele nunca faz muito sentido.

— Tô morto de fome — Guilherme anuncia, sentando-se à mesa.

— Já vou buscar as travessas. Sentem-se.

— Então caiu em si? — Gui pergunta.

— Digamos que precisei ir até a capital e dirigir a noite toda para isso acontecer.

— Uau! Estou impressionado.

— Isso é sério, *né*, Marcelo? Não quero ter problemas com a minha marrenta.

— Claro que é sério. Eu não brinco com essas coisas — respondo, ofendido.

— Pronto! — Rômulo entra na sala, espirrando um frasco para todos os lados.

— Que *porra* é essa? — Vinicius questiona.

— Repelente! Não quero pegar essa merda que vocês têm. — Ele espirra em si e esfrega os braços.

— Você é um idiota, Rômulo — Guilherme dá voz aos meus pensamentos.

— Idiota nada. Essas *porras* desonraram nossa solteirice e agora só sobrou você *pra* me acompanhar. Prepara teu pau porque temos que fazer serviço dobrado na cidade.

— O que disse, Rômulo? — Minha mãe fecha a cara para meu irmão.

— Disse que temos muito trabalho esta semana, mãe.

— Sei.

— Podemos comer? *Tô* com fome! — Viny anuncia, pegando um belo pedaço de frango e coloca em seu prato.

— Convide as duas para virem me visitar. Quero conhecer minhas noras melhor.

— Tudo bem, mãe — Vinicius e eu respondemos juntos.

— Cambada de paga pau — Rômulo resmunga.

— Um dia chega sua vez, Rômulo — minha mãe decreta.

— Nem que a vaca tussa e dance o quadradinho em cima da mesa, dona Rute.

Todos rimos da forma exagerada do meu irmão se pronunciar. De todos nós, ele com certeza sempre foi o mais puto e acho pouco provável que alguém consiga fisgá-lo, a ponto de

sossegar o pegador.

Rômulo conquistou uma fama que se alastrou para todos nós, a mulher para domá-lo tem que ser muito mais difícil na queda que ele.

— Amanhã as meninas vêm aqui, mãe. Prometemos ensiná-las a montar. — Lembro-me da promessa feita no jantar outro dia.

— Que ótimo, filho.

— Todas vêm? — Guilherme pergunta, interessado.

— Sim. Todas.

— Até a azeda da Toninha? — Rômulo faz uma careta.

— Deve vir. Ela eu não tenho certeza.

— Oh, mulherzinha mal com... — ele engole sua frase, quando a mãe pigarreia de cara feia —... amada.

— Não entendo sua implicância com ela — Vinicius comenta.

— Vai dizer que ela é simpática? Ela só falta jogar água benta em mim cada vez que me vê.

— Talvez seja sua má fama, irmão — Guilherme justifica.

— Não tenho culpa de ser bom de cama e todas querem tirar uma lasca.

— Todas, *vírgula* — Vinicius se prontifica.

— Nem todas, mesmo, Rômulo — reafirmo.

— OK! Só as namoradinhas de vocês que não. Mas o resto quer sim.

Guilherme se remexe na cadeira, desconfortável, lembro-me do seu comentário sobre a mulher que é apaixonado e penso que talvez ele ainda não revelou nada sobre ela porque a moça

deva ter uma queda ou até saiu com Rômulo.

Que merda!

— Chega desse assunto. Quero saber se estão com tudo certo para o próximo leilão.

— Tudo encaminhado, mãe. Só falta terminar as vacinas na semana que vem — Rômulo explica.

— Já cuidei disso com Lucio — justifico.

— Que bom. Acho uma boa ideia levar as meninas, elas podem me fazer companhia.

— Muito homem junto. Não vai dar certo — Vinicius anuncia.

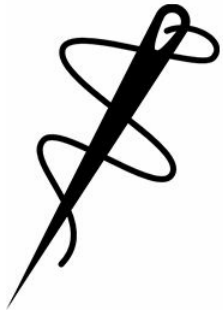
— Para de machismo, que não criei filhos para isso — dona Rute adverte.

— Vou convidar Clara, mãe. E você convida sua namorada. Estaremos lá, de qualquer forma — encerro a discussão.

Apesar de pensar o mesmo que meu irmão, e não, isso não é machismo, mas é verdade que muitos homens estarão lá e, obviamente, tanto Rita quanto Clara chamarão atenção de cada par de botas naquele lugar.

— Irmãozinho, não tem fé no próprio taco? — Rômulo ri, debochado, fazendo Vinicius lhe mostrar o dedo do meio.

Minha mãe ralha com os dois e todos começam a rir e tirar sarro um do outro na mesa. É sempre assim. Não conseguimos ter um momento de paz, sem que um perturbe o outro ou irrite nossa mãe com tanta idiotice.



Capítulo 12

*“Plante hoje a semente da flor que você
deseja colher amanhã.”
— Mayara Benatti*

Clarinha

A felicidade que sinto é tanta que não aguento ficar quieta e começo a pular no portão de casa, comemorando o acontecido.

Quando vi Marcelo no portão a essa hora da manhã, milhões de coisas passaram pela minha cabeça, mas em hipótese alguma imaginei que ele estaria aqui para pedir permissão de me namorar.

Depois do nosso encontro maluco de ontem, passei à noite me questionando o que realmente estava acontecendo. Claro que da minha parte, eu já sabia que estava apaixonada, por mais que tentasse viver um dia de cada vez, cada atitude dele atingia em cheio meu coração, fazendo a esperança aumentar gradativamente.

O que acabava colocando meus pés no chão era me lembrar das suas atitudes avessas e a maneira como não gostaria que ninguém soubesse de nós dois.

Engraçado como em tão pouco tempo ele saiu da condição oculto para um pedido de namoro aos meus pais. A loucura é tanto que nem, ao menos, conversou comigo antes, eu poderia ter negado.

A quem quero enganar? Eu nunca teria negado.

Essa certeza o fez tomar a atitude e isso não poderia me deixar mais feliz. Poder viver meus sonhos românticos, agora sem qualquer restrição, é libertador.

— Clara Maria! — Escuto minha mãe chamando e lamento.

Meus ombros caem à medida que vou entrando em casa e prevendo o tormento de lidar com os chiliques dela.

Dona Lélia nunca gostou dos forasteiros Queiroz, como sempre os chamou, lidar com o recente namoro de Ritinha tem sido complicado, mas é da Rita Maria que estamos falando, ela

sempre foi a mais alienada da família.

— Sim, mãe? — Entro na cozinha e vejo minha mãe com as mãos na cintura.

— *Diacho!* O que foi isso menina? Desde quando tu *tá* enrabichada pelo forasteiro mais novo?

— Mãe... eu...

— Uai, mãe. A senhora *deixou ela* ir comigo na pracinha. Lá eles ficaram conversando. Não é óbvio? — Ritinha, que tomava café à mesa, responde por mim.

— *Tô* falando com a sua irmã, Rita Maria. Você começou tudo isso! — Ela aponta para Ritinha, furiosa.

— Foi isso, mãe — concordo rapidamente com Ritinha.

— E, do nada, esse forasteiro se encantou com esse *zoião* jabuticaba e resolveu vir te pedir em namoro?

— Nossa caçula é linda, mãe. Quem mandou fazer filhas bonitas? — Paulinha entra na cozinha, abraçando minha mãe pela cintura.

— Isso é verdade. — Um meio sorriso surge em seu rosto, amolecendo sua postura.

Paulinha, como sempre, sabe o que falar para amansar a fera. Bastou falar bem das suas filhas, que dona Lélia se derrete inteira e esquece qualquer pendenga.

— Deixa a menina namorar, mãe. Você mesmo sempre reclamou que ela ficava enfiada demais nos livros e no quartinho de costura.

— *Tá certo! Tá certo!* Mas já aviso, Clara Maria. Se aquele forasteiro mirim te magoar, eu bato nele com a minha vassoura.

Minhas irmãs e eu entramos em uma crise de riso com a promessa de dona Lélia. Solto um obrigada disfarçado para Paulinha e ela pisca em resposta.

— Eu vou para a oficina. Se Deus quiser, hoje eu termino a moto do irritante do meu namorado. — Rita levanta da mesa e passa pela minha mãe, dando-lhe um beijo estalado.

— Bom, eu preciso ir à cidade comprar umas coisas. Vai rolar uma festa no bar neste fim de semana. Quer me ajudar, Clara?

— Oi? — Eu estava distraída e não me atentei com o que Paulinha disse.

— Acorda, menina. Vai ajudar sua irmã.

— Tô indo. Vem, Paulinha.

Saímos as duas, rindo da minha mãe, que tinha o humor mais oscilante que um cavalo xucro.

Depois de trocar de roupa, saímos de casa, Paulinha contando como será a festa e até eu fico animada em ir, uma coisa que nunca aconteceu antes.

— Será que seu namorado deixa? — pergunta, debochada.

— Para com isso. — Bato meu ombro no seu, acanhada.

Ainda é recente demais, louco demais e estranho demais para eu me acostumar com toda essa mudança.

— É verdade. Agora você tem um namorado e, confesso que o acho meio metido para ir a uma festa como a do bar.

— Ele não é assim... — Tento defender, mas depois da encarada de Paulinha, não tem como negar — *Tá!* Ele é um pouco seletivo.

— Faz-me rir, Clara Maria. Ainda não sei como você conseguiu dobrar aquele cara. Ele nunca olhou para o lado aqui na cidade, admiro que tenha fisgado o homem tão rápido. — De repente, ela para na rua, me segurando pelos braços e eu a encaro, surpresa. — Você não prometeu sua virgindade, *né?*

Sinto um calorão se apoderar do meu rosto, meus olhos estão tão arregalados, que temo que saltem e rolem pela rua.

— Não diga besteira, sua doida! — Me solto do seu aperto.

— Desculpa! Só pensei que para ele querer te namorar tão rápido, as coisas estavam aceleradas entre vocês.

— Não tem nada acelerado, Paula. Ele só gosta de mim e resolveu assumir.

— Mas que é estranho, isso é.

Não respondo nada pelo seu comentário, continuo caminhando ao seu lado e meus pensamentos duvidosos voltam a povoar minha mente.

Paula tem razão, eu mesmo acho tudo isso contraditório demais, ontem ele estava estranho quando me deixou na rua das flores e, mesmo ele negando que sua irritação era por Lucio ter me visto em sua companhia, não acreditei de verdade.

Ele sempre se mostrou reticente perante outras pessoas, sua negativa sempre foi clara e lembro da sua facilidade em concordar com as minhas palavras sobre as coisas ficarem somente entre nós. Na realidade, ele pareceu aliviado por ouvir isso de mim.

E hoje, eu simplesmente acordo com um pedido de namoro, que nunca imaginei que aconteceria. Marcelo parecendo o homem mais seguro e certo do que queria e eu sendo sonhadora, me deixei desfrutar do momento.

— Está pensando demais, Clara Maria. Eu não queria colocar caraminholas na sua cabeça.

— Não é nada. Só estou lembrando de umas linhas que faltam na minha caixa de costura. Preciso repor — justifico qualquer coisa.

— Se ele amanheceu à nossa porta e falou direto com o pai e a mãe é porque a coisa é

séria. Apenas aproveite e descubra no que isso vai dar.

Encaro seus olhos cúmplices e, mesmo negando, Paulinha sabe o quanto sou insegura com coisas relacionadas ao coração. Sorrio fracamente em resposta, recebendo um abraço lateral da minha irmã mais maluquinha.

A melhor parte de ser a caçula é que sempre pude usá-las como espelho e exemplo e, mesmo a mais intransigente, Antonia, nunca me negou colo quando precisei.



— Vamos embora, Paulinha? Tenho coisa demais *pra* fazer — reclamo, quando ela entra na quinta loja na rua central.

— Para de reclamar. Tenho que achar as peças certas para decorar o balcão.

— *Tá*, mas é a última. Te largo sozinha e vou embora.

— *Eita! Lasqueira!* Me deixa procurar as coisas em paz.

Ela entra na loja sozinha e resolvo esperar do lado de fora. Quem sabe, assim, faz as coisas mais rápido e termina logo suas compras.

Observo a rua principal, algumas pessoas caminham, os comerciantes conversam à porta e um sol fraco transpassa a copa de algumas árvores.

Vejo uma caminhonete branca vindo ao longe, espero que se aproxime, mas já imaginando ser o carro de Vinicius. Ele dá sinal e a encosta no meio-fio próxima a mim.

— Cunhada! Perdida por aqui? — Sua voz imponente verbera pela janela do carro.

— Esperando a Paulinha sair da loja.

— Se quiserem uma carona... — ele oferece, solícito.

— Não, agradecida. Estamos perto de casa.

— Então vou para a oficina. Quero ver sua irmã terminar minha moto — ele fala, parecendo um garoto esperando por seu brinquedo e eu rio.

— *Tá* bem. E Marcelo? Ele... chegou bem em casa?

— Pois é, chegou sim. Nem acreditei quando minha mãe disse que o maluco voltou da capital essa madrugada.

Franzo as sobrancelhas, em confusão. Quando ele mencionou ter dirigido por aí, não sabia que foi tão longe.

Na capital?

— Que bom. *Deixa eu* entrar e apressar minha irmã. Boa sorte com a moto.

— Valeu, cunhadinha.

Vejo seu carro arrancando dali e minha mente começa a processar milhares de possibilidades para o que acabei de ouvir. Por que ele foi até a capital? E principalmente, o que o fez voltar em tão pouco tempo?

— Pronto! Achei o que queria. Podemos ir? — Continuo olhando para onde o carro do Vinicius foi. — Clara? O que foi?

— Oi? Nada. Vamos embora.

— Você não tem que comprar linhas?

— Não. Deixa *pra* lá.

Paulinha dá de ombros e me segue pela rua.

Logo chegamos em casa e eu corro para o quarto de costura, fecho a porta, soltando uma longa respiração. Minha cabeça ainda gira no que Viny disse, o pessimismo rondando meus pensamentos.

Olho para minha velha máquina de costura e como diria minha mãe: “nada melhor que o trabalho para afugentar pensamentos ruins”, e é isso que faço. Sento na minha cadeira e começo a trabalhar nas costuras que preciso entregar.

Marcelo disse que nos veríamos mais tarde e então poderei abordar o assunto e entender o que aconteceu realmente. Não deve ser nada de mais, afinal, ele sempre está indo à capital, isso não significa que algo ruim tenha acontecido, preciso tirar a paranoia da minha cabeça.

Mergulho nos tecidos, peças, linhas e consertos, ocupo minha mente com trabalho e, aos poucos, vou me desligando de tudo à minha volta.

O sol já se põe quando encerro minhas tarefas, alongo meus braços, ainda sentada, minha coluna castigada pela posição que fiquei trabalhando. Saio pela porta e vejo um carro parando na porta dos fundos de casa.

Marcelo!

Corro para o portão e quando o abro, vejo meu namorado descendo do carro, não espero mais um segundo e vou até ele, pulando em seu pescoço logo que o alcanço.

— Uau! Que recepção, maravilhosa! — Marcelo sustenta meu peso em seus braços.

— Saudade — falo, simplesmente.

Marcelo encara meus olhos por um momento e logo nossos lábios se unem, buscando o conforto dessa euforia. Sua língua toca a minha e, como sempre, a eletricidade acende todo meu corpo, seus lábios macios degustam dos meus e um fraco gemido escapa de mim.

— Melhor pararmos, antes que o show fique indecente a essa hora. — Ele sorri.

— Está certo. Vamos entrar?

— Vamos. Pensei em te chamar para jantar fora.

— A é? Onde? — Uma animação toma conta de mim.

— Tem um restaurante muito bom a caminho da cidade vizinha. Eles servem uma massa excelente.

— Adoro massa. Vem, vamos pedir para os meus pais.

— Pedir? — A careta que ele faz é engraçada.

— Logico. Você é meu novo namorado e eles ainda têm que se acostumar com isso.

— Certo. Vamos lá, então. Sua mãe já está melhor? — Pego sua mão e o puxo para dentro.

— Sim. Ela vai aceitar, não se preocupe.

Passamos pela porta da cozinha e logo minha mãe surge com uma travessa de bolo na mão.

— Menino Queiroz?

— Boa noite, dona Lélia. Eu vim convidar a Clara para jantar fora.

— De jeito nenhum!

— Claro que pode. Lélia, meu amor, deixe os dois passarem um tempo juntos. São namorados.

Meu pai entra na cozinha, me defendendo, sem que eu precise me manifestar. Ele é realmente incrível.

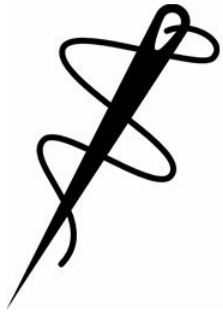
— *Tá bão!* Mas às dez, aqui.

— Obrigada, mãe. Vem, Marcelo, me espera na sala, que eu só vou tomar um banho rápido.

— Leve seu tempo, morena.

Saímos da cozinha e eu ainda podia ouvir minha mãe resmungando algo para o meu pai.

Preciso me lembrar de agradecer meu pai mais tarde.



Capítulo 13

*“Seja cacto quando preciso, porém floresça
quando chegar a sua hora.”*

— Autor Desconhecido

Marcelo

Puxo a cadeira para Clara sentar e quando ela o faz, vejo seu vestido subir um pouco, deixando suas pernas à mostra. Esse vestido florido que está usando despertou a besta dentro de mim desde que a vi na sala de sua casa.

Ajustado no busto, desce levemente cobrindo parte das suas pernas, seu jeito de andar balança o vestido e aquela bunda deliciosa fica extremamente convidativa para minha mão.

— Você está maravilhosa — abaixo em seu ouvido e sussurro o elogio.

— Obrigada. — Sua resposta vem baixa e percebo seu pescoço se arrepiar.

Tentação demais para um homem.

Puxo uma cadeira, sentando ao seu lado, preciso ter acesso a ela e a esse par de coxas, que está tirando meu juízo por todo o caminho até aqui.

— Vou pedir o prato da casa. Você vai adorar.

— Tudo bem. Tenho certeza que sim.

— Pois não, senhor. — O garçom se aproxima.

— Gostaria do prato da casa para mim e para a senhorita.

— E para beber?

— Água com gás, para mim. E você Clara? Vinho, talvez? — pergunto.

— Não. Quero um refrigerante.

— Com massa? Acho que não cairia bem. — Rio.

— Então o que sugere, senhor engomadinho? — ela pergunta, irônica.

Torço os lábios para o seu comentário ofensivo, mas entendo seu ponto.

— Refrigerante, então.

— Tudo bem. Eu trago em breve.

O garçom sai, mas não sem antes conferir minha namorada da cabeça aos pés.

Babaca!

— Desculpe por aquilo. Força do hábito.

— Tudo bem. Você é metido e eu já sabia disso. — Ela ri da minha cara de espanto.

— Metido? Tudo bem. Acho que terei de ressaltar minhas qualidades para você. —

Apoio em sua cadeira e me aproximo roubando um beijo da sua boca esperta.

— Você tem muitas qualidades, Marcelo. Isso eu também sei.

— Você sabe de muitas coisas, morena.

— Só não sei o que foi fazer na capital ontem à noite.

Olho surpreso para Clara, seus olhos estão curiosos, com certeza ela está preocupada com isso. Mentir não é opção, nunca foi, mas não precisa ser toda a verdade.

— Ontem, depois que te deixei na rua, fui para a fazenda e fiz uma pequena mala. Eu estava confuso, Clara, não sabia o que era certo. Você consegue tirar minha concentração, por sua causa faço coisas que nunca imaginei possível e isso me assusta.

— Você também faz isso comigo. — Seguro sua mão, sorrindo fracamente.

— Eu fui para a capital ontem à noite, pretendia ficar uns dias por lá, tentando te esquecer um pouco, diminuir essa intensidade que sinto toda vez que estamos juntos. Achei que seria a melhor coisa a fazer.

— Eu te entendo. — Ela aperta minha mão, me confortando. — Mas o que te fez voltar na mesma noite? Foi de lá que veio dirigindo e parou na minha casa, não foi?

— Sim. Foi de lá. Bastou eu chegar à capital, estar em um ambiente que me fazia bem, me sentia eu mesmo, para entender que nada mais fazia sentido. Eu só via você, só queria você, morena.

— Ah, Marcelo. — Clara me puxa, beijando meus lábios com ardor.

Ficamos trocando carícias, até que nossa comida chega à mesa.

Incrível como Clara e eu temos assunto, não me lembro de ter conversado tanto com alguém de diversos assuntos diferentes e esperar ávido por seus comentários espirituosos.

— Eu não gosto muito do Rômulo. — Ela faz uma careta ao final da frase.

— Pudera. Meu irmão mais velho consegue ser inconveniente e devasso demais para ser tolerado.

— Já soube de tantas histórias dele, que fico até envergonhada.

— Posso imaginar. Pode pedir a conta? Eu vou ao banheiro e podemos ir.

— Tudo bem.

Dou um selinho nos seus lábios e vou para o corredor lateral onde fica o banheiro. Na saída, vejo dois garçons rindo de algo, eles ainda não me viram, então não tomam cuidado com o que dizem.

— A morena é gostosa *pra* cacete!

— Cara! Com certeza ela vai faturar bem esta noite. Imagina, só?! Pegando um Queiroz!

— Quem dera se eu tivesse esse pau de ouro. — Os dois caem na risada.

Cerro os punhos, minha mandíbula trinca meus dentes com a vontade que estou de socar os dois idiotas à minha frente. Passo pelo da ponta e acerto meu ombro com vontade nele, olho para trás e vejo ambos engolirem em seco.

— Já pedi a conta — Clara comenta, assim que chego à mesa.

— Esqueci que aqui tem uma ótima sobremesa. Vou pedir uma só, para dividirmos e aí podemos ir.

— Tudo bem. Amo doces — responde, animada.

Ergo a mão solicitando o garçom, o cara tem a decência de parecer incomodado.

— Queremos uma torta holandesa.

— Tudo bem, senhor. — Ele tenta sair, mas não permito.

— Ah, certifique-se que ela chegue aqui inteira. — Rio, sarcástico. — Claro que você fará isso, não é mesmo? É seu trabalho. Me servir.

Sinto um cutucão na minha perna e olho para Clara, vendo-a totalmente chocada com as minhas palavras.

— *Pra* que isso? — ela sussurra e dou de ombros.

Ela não precisa saber da podridão desses idiotas.

— Aqui está, senhor. — Ele serve a torta e solta a colher ao lado do prato.

— Você jogou a minha colher? — pergunto, ríspido.

— Não... eu não...

— Você é um babaca idiota, que só tem a função de servir mesas e ainda tem a audácia de agir displicente?

— Marcelo — Clara sussurra, mas eu não dou ouvidos.

— Caras como você deveriam só limpar privadas, afinal, merda por merda, você com certeza já é uma. — Pego minha carteira, jogando algumas notas de cem sobre a mesa. — Venha, Clara, vamos embora daqui.

Ela parece atônita, sem saber como agir e quando passa pelo garçom envergonhado, pede desculpas em voz baixa, caminhando para fora do restaurante.

— O meu pau de ouro com certeza teria qualquer mulher, mas eu ainda consigo ter o mínimo de hombridade para ter a que vale a pena. Você não merece as desculpas dela.

Esbarro em seu ombro mais uma vez antes de sair daquele lugar.



Tamborilo meus dedos no volante, estamos quase chegando na entrada da cidade e Clara não mencionou uma palavra desde que entramos no carro.

Daqui posso sentir sua indignação trepidar, acho que eu nunca a tinha visto tão nervosa e eu sei o motivo. O babaca do garçom.

— Vai ficar quieta, morena? — Arrisco um olhar e vejo-a de braços cruzados, olhando para fora.

Nenhuma resposta, como eu previa.

— Clara, eu tive meus motivos para agir daquele jeito, *tá*?

— É mesmo? E o que pode justificar aquela grosseria sem tamanho, Marcelo?

— Escutei o cara falando merdas sobre você quando saí do banheiro — solto de uma vez.

Ela solta um “oh” e finalmente vejo pela minha visão periférica ela me encarando.

— E o que foi que ele disse?

— Que você era gostosa e que com certeza estava comigo porque sou um Queiroz. Ele usou palavras bem mais pesadas, mas em suma foi isso.

O silêncio volta a reinar no carro e segue assim, até que o estaciono na lateral da sua casa. Desligo o motor e viro meu corpo, encarando minha morena, que ainda não parece feliz com minha cena do restaurante.

— Não vai dizer nada, morena?

— O que quer que eu diga? Você me defendeu e eu até acho isso legal, mas, Marcelo, você humilhou o rapaz na frente de todos.

— Preferiria o quê? Que eu socasse a cara dele?

— Sim. Não. Não sei. Olha, eu entendo sua raiva, também fiquei quando me contou, mas não gosto quando deixa a soberba falar em suas ações.

— Inacreditável! — Arrumo minha postura e encosto minha cabeça no banco, fechando os olhos.

— As pessoas são assim, Marcelo. Muitos vão dizer que estamos juntos por esse motivo. O que vai fazer? Humilhar todo mundo, ostentando o quanto tem nos bolsos?

Ainda de olhos fechados, torço os lábios para o que diz e, mesmo usando a razão, ainda sinto raiva e vontade de fazer pior com aquele infeliz.

— Você tem razão — concordo, tombando a cabeça para o lado.

— Eu sei que tenho. — Ela sorri, contida.

Contrariando a todas as minhas expectativas depois dessa briga, Clara solta seu cinto e, com cuidado, ela levanta do seu banco passando uma perna transpassando por mim e senta encaixada no meu colo.

Abro os olhos, assustado, levo a mão até o banco e aciono a alavanca correndo-o para trás. Clara sorri e segurando meu rosto, se aproxima de mim, beijando meu queixo.

— Morena... — lamento, quando meu pau desperta.

Sua boca cobre a minha e a pouca sanidade que ainda me resta evapora. Minhas mãos serpenteiam suas pernas e logo infiltro seu vestido até chegar na sua bunda, macia e quente, acaricio e dou um aperto forte.

— Ah... Ma... — Interrompo sua fala, mordendo seu lábio.

Meu quadril começa a se mover junto com o seu, meu sangue bombeando para uma região bem necessitada e eu preciso sentir isso, pele com pele. Agora.

— Me deixa tirar a calça...

— Mas... Marcelo... aqui?

— Não vamos fazer nada de mais, eu juro. Só preciso sentir você melhor.

Clara se afasta o suficiente para que eu possa abrir meu jeans e puxar meu pau para fora da calça. Meu tesão é tanto que o sinto molhado na ponta.

— Nossa... é... grande. — Ela engole em seco e eu só consigo imaginar essa boca pecadora me sugando com força.

— Quer tocar? — Ela me olha com expectativa.

— Sim. — Ela morde o canto da boca e meu esforço triplica para não a foder aqui e agora.

Calma, Marcelo!

Pego sua mão, ela está nervosa, consigo perceber, tento soar natural, sem demonstrar pressa. Fecho seus dedos em torno do meu pau e a ajudo a movimentar calidamente para cima e para baixo.

Merda, eu vou gozar feito adolescente!

Nunca na minha vida uma punheta pareceu tão malditamente sedutora, nenhuma mão conseguiu passar essa maciez e calor, parece que ela foi feita para minha medida. Ela inteira foi

feita para mim.

Levo minha mão até o meio das suas pernas, escorrego dois dedos por dentro da calcinha e começo a brincar com seu clitóris.

Escorregadia pra caralho!

Clara começa a gemer e a rebolar nos meus dedos, olho para ela, que tem os olhos fechados e a boca presa entre os dentes e é a coisa mais erótica que já vi. Meu pau pulsa com a cena, seus dedos continuam se movendo e a pressão ali aumenta.

— Quero gozar *pra* você, morena.

— E eu *pra* você, Marcelo. — Ela ofega.

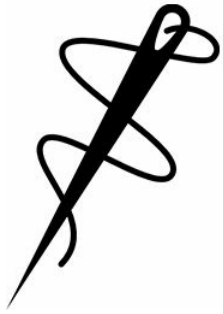
Continuo movendo meus dedos, brinco com ela, acaricio onde sei que seu prazer vai chegar bem rápido e quando sinto seu corpo estremecer, seguro sua mão no meu pau e aumento o ritmo.

Gozo em nossas mãos, gemendo seu nome em lamúria e preciso segurá-la para que ela não caia sentada em cima de mim.

— Você vai acabar comigo, morena. Escreve o que estou dizendo.

Clarinha sorri, travessa, e volta para seu lugar no banco. Abro o porta-luvas, pegando alguns lenços de papel e limpo a lambança que fizemos, guardo meu pau, que ainda protesta querendo muito mais, mas por hoje não vai rolar mais nada.

Clara merece algo especial e que tudo aconteça no seu tempo. Eu serei esse cara, o sortudo que vai ensiná-la todo o prazer que pode sentir e, como recompensa, a terei entregue, desfrutando do seu prazer e sendo o espectador único disso.



Capítulo 14

*“Teu amor sorriu pra mim. Brotou em meu peito
como flores, em um jardim em plena primavera.”*

— Mayara Benatti

Clarinha

Acordei com os passarinhos cantando na minha janela, um sorriso gigante nos lábios e a sensação de tudo está perfeitamente no lugar.

Depois da pequena aventura com meu namorado no carro, entrei para casa com esse sorriso e ele não me abandonou mais. Mesmo meus sonhos foram inundados pelo seu sorriso largo, seus braços fortes e confesso que protagonizei mais alguns feitos íntimos na imaginação, que não vejo a hora de tornar real.

Tudo está acontecendo tão rápido que estou assustada, ele não é o homem perfeito na armadura brilhante, mas de alguma forma se tornou perfeito para mim.

Contradizendo todos os seus defeitos, Marcelo consegue superar minhas expectativas. Depois do restaurante e a forma como tratou aquele garçom, cogitei a possibilidade de dar fim ao relacionamento. Só que mais uma vez ele me surpreendeu, justificando sua atitude pela falta de respeito do rapaz. Mesmo assim, deixei claro que não gostei do que fez, usar sua posição para pisar em outra pessoa não é legal, mesmo essa pessoa sendo um idiota julgador.

Olho para o lado e vejo o mini vaso de cactos que ele me deu. Lembro-me da sua justificativa sobre ele ser duro por fora, porém, emocional por dentro, mais uma vez tentei ser complacente e aos poucos mudar esse jeito meio esnobe dele.

— Clarinha, a mãe mandou você levantar— Toninha fala, quando entra no quarto.

— Já estou levantando. Hoje vamos à fazenda Queiroz, andar a cavalo.

— Bom proveito. — Ela torce o nariz quando menciono a fazenda.

— Você poderia ir, Antonia. A Rita e a Paula vão também.

— Dispensou.

— Por favor, Toninha. Você indo, a mãe fica mais tranquila.

— Claro! Já que eu sou a única que ainda tem cérebro nesta casa e não caí nos encantos dos forasteiros.

Abaixo a cabeça, constrangida.

— Eles nunca te fizeram nada. O que custa? Eu quero muito ir — quase imploro para ela.

— Não gosto deles! Nenhum deles! — ela reafirma.

— Pensa com carinho, irmã. Por mim? — Tento fazer a cara mais pidona que consigo.

— Vou pensar. — Pulo, batendo palmas e sei que já a convenci.

Sempre foi assim, eu faço cara de choro ou de coitadinha e sempre convenço qualquer uma delas a fazer o que eu quero.

— Vou avisar a mãe — aviso, saindo do quarto antes que ela desista.

A manhã passou voando e quando dei por mim já estávamos almoçando no quintal dos fundos, minha mãe de cara amarrada, depois que Toninha confirmou que irá nos acompanhar, fazendo-a ser obrigada a ceder sem brigar.

Assim que meu pai saiu para a oficina, Ritinha e eu demos uma arrumada na cozinha e corremos nos arrumar. A última a se trocar foi Toninha, pela orientação da Paulinha todas vestimos calças jeans justas, porém, confortáveis e blusas simples.

— Meninas, os forasteiros chegaram — minha mãe grita de algum lugar da casa.

Sou a primeira a sair correndo, seguida por Ritinha, Paulinha e Toninha vem mais atrás, tranquila.

Abro a porta e vejo Viny no volante da sua caminhonete e Marcelo no carona. Meu pobre coração falha uma batida e o sorriso que tem me acompanhado por esses dias se

intensifica.

— Olá, moças. *Bora* cavalgar? — Vinicius fala de dentro do carro e sorri de um jeito estranho para Ritinha.

— Pela misericórdia, eles são gostosos *pra* caramba — Paulinha sussurra atrás e Rita e eu a encaramos. — Desculpe, mas é verdade!

Ela dá de ombros e acabamos rindo.



Marcelo torna a mostrar os estábulos para minhas irmãs, Ritinha e eu já conhecemos, mas não contamos essa parte. Vemos todos os cavalos da família e ele aproveita para instruir o tratador para selar os cavalos dos irmãos, que serão os que vamos cavalgar

— Eu não vou subir nisso, não — Paulinha anuncia.

— Para de ser boba, vai ser legal — Ritinha justifica.

— Você vai gostar, Paula, fique tranquila — Marcelo tenta convencê-la.

— Eu monto com você, Paula. — Olhamos para trás e vemos Guilherme se aproximando.

— Acho que não é uma boa ideia — ela fala, receosa.

— Vem, morena. Vamos selar a Estrela.

Marcelo segura minha mão e vamos para a baia da Estrela, ela está calma, como sempre a vi, Marcelo pega a sela e inacreditavelmente a égua se vira, facilitando o trabalho do seu dono.

Fico no canto, observando Marcelo interagir com seu animal, ele parece calmo, tranquilo, nada do homem impositivo e arrogante de ontem. Ele acaricia a crina da égua e, como

se soubesse que está sendo observado, olha na minha direção, dando um sorriso e piscando para mim.

Babei.

— Vamos passear. — Ele puxa a rédea e a égua obedece.

— Acho que já saíram. — Olho para os lados, não vendo minhas irmãs em volta.

— Que bom — Marcelo fala, me puxando para seus braços.

Seus lábios cobrem os meus em um beijo que começa terno e gradativamente aumenta a pressão, meu coração acelerando as batidas, ofego em seus braços e sua língua continua a me atizar.

— *Eita!* Larga! — Escutamos a voz do Vinicius e Marcelo me solta, relutante.

— Como se você não estivesse fazendo isso com a sua namorada — ele comenta e Viny gargalha.

— Ah, maninho. Eu *tava* fazendo muito mais que isso.

— Vinicius! — Ritinha esbraveja e acerta um tapa no braço dele.

Sinto meu rosto esquentar e Marcelo segura meu queixo, dando mais um beijo antes de sairmos para o campo.

Vemos perto do redondel Paulinha e Toninha acompanhadas de Guilherme e Lucio.

— Vou para o pasto com a Ritinha. — Viny tem a feição fechada e todos sabem o motivo disso.

Marcelo e eu descemos e nos juntamos aos demais. Paulinha está assustada e Guilherme entra no redondel para ajudá-la a montar.

— Quer ajuda, Toninha? — Lucio oferece à minha irmã.

— Não precisa. Eu sei montar.

— Sabe? — Fico espantada.

— Sim. Sei. — Ela pega a rédea do cavalo das mãos do Lucio e, num impulso, sobe o cavalo.

— Eu vivi para ver a cabrita em cima do reprodutor da fazenda. — Escuto atrás de mim e olho, vendo Rômulo próximo de nós.

— Cala a boca! — ela esbraveja.

Rômulo ri sem parar e eu fico sem entender a piada. De onde ele tirou esse *cabrita* para chamar minha irmã? Eles nunca se falaram antes.

— Vem calar, cabrita. — Ele abre os braços e ela rosna. nervosa.

— Eu sabia que essa era uma péssima ideia. — Ela tenta descer do cavalo, mas percebendo sua agitação, ele empina.

— Socorro! — Toninha grita.

— Ow! Ow! — Lucio tenta segurar a rédea do bicho.

— Enamorado! Calma, rapaz. — O cavalo escuta a voz de Rômulo e se acalma.

— Me tira daqui — Toninha pede, afoita.

— Calma, cabrita, assim ele fica agitado.

Toninha passa a perna, tentando descer rápido e quase cai no chão, se não fosse por Rômulo segurando-a.

— Te peguei, cabrita. — Ela o empurra, o que o faz rir.

Toninha sai batendo o pé e olho para a cara dos demais, sem entender tudo o que aconteceu.

Marcelo dá de ombros e me ajuda a subir na Estrela, entramos no redondel onde Paulinha passeia devagar, sendo puxada por Guilherme.

Passamos o resto da tarde ali, aprendendo a montar, trotar e dar o comando certo aos animais, para que fossem por onde os guiassem.

No fim do dia, Vinicius e Ritinha voltaram do passeio particular, desconfio que ela foi fazer coisinhas com seu namorado e o pensamento me causa inveja. Olho para Marcelo e o vejo me observando, seus olhos parecem curiosos, talvez pensando a mesma coisa que eu.

— Vamos? — Toninha chama ao longe.

Depois do episódio com Rômulo, ela resolveu sentar em um banco embaixo de umas árvores e ficou nos observando.

— Melhor mesmo. Ainda vou para o bar — Paulinha concorda.

— Você consegue ficar um pouco mais? — Marcelo pergunta, assim que me ajuda a descer da Estrela.

— Acho que sim.

Vou até as minhas irmãs que estão reunidas próximo à caminhonete.

— Eu vou ficar — comento, tímida.

— Claro que não! Você volta comigo, Clara Maria — Toninha impõe.

— Pode ficar, Ritinha fica também, assim a mãe não vai encher a paciência — Paulinha intervém.

— Paula! — Toninha protesta.

— *Deixa elas aproveitarem.* Pelo amor de Deus, que se um desses gostosos quisessem minha companhia, nunca que eu iria embora.

Todas rimos e, mesmo a contragosto, Guilherme leva as duas embora, deixando Ritinha

e eu na fazenda.

Marcelo conversa com o Vinicius e logo os dois vêm até nós.

— Vem, moça bonita. Vamos para o meu *apê*. Te vejo mais tarde lá, Marcelo. — E os dois partem, deixando a mim e meu namorado com um sorriso cúmplice no rosto.

— O que tem em mente, Marcelo?

— Só coisas boas. Vem, quero te mostrar um lugar.

Entramos no seu carro e ele segue por uma pequena estrada lateral ao estábulo e não muito longe dali, fico maravilhada com a vista. Uma espécie de casa na árvore ou cabana, não sei dizer, está iluminada com pequenos lampiões.

— Nossa... que coisa mais linda...

Ele para próximo e quando eu desço vejo melhor os detalhes. Várias flores espalhadas pelo lugar, coloridas, muito parecidas com as que vejo na rua das flores na cidade. Pequenos lampiões no chão e apoiados nos troncos em volta.

Algumas luzes estão penduradas por pequenas redomas de vidro, a cabana não é totalmente fechada, alguns véus em branco cobrem os espaços vazados. Entro na frente, absorvendo tudo à minha volta, vejo uma cama baixa, não muito grande, ocupando quase todo o espaço.

Olho para trás, encarando seus olhos, ele parece ansioso, talvez até tenso.

— Eu pensei em te criar um conto de fadas — ele justifica, dando de ombros.

Meus olhos correm à nossa volta, cada detalhe montado e idealizado por ele, o cuidado nos detalhes e a importância de construir algo só nosso.

— Eu amei... — Olho-o, sorrindo.

— Não quero que pense que é *pra* rolar algo, Clara. Eu só queria um lugar especial para

ficarmos juntos.

— Eu sei, mas... eu quero... ficar... com você. — Meus dedos se entrelaçam à minha frente, denunciando meu nervosismo.

Ele se aproxima, cobrindo minhas mãos com as suas, seus olhos procurando pelos meus, meu coração batendo descompassado, mas a certeza de que ele é o meu escolhido está mais do que clara.

— Tem certeza? Clara, podemos só ficar aqui. Um tempo sozinhos. Eu não fiz tudo isso para transar com você.

— Não estou pensando nisso, Marcelo. — Levo minhas mãos até o seu rosto, acariciando sua barba rala.

Sua boca desce cálida, lenta e convidativa, quando seus lábios tocam os meus ele é sutil. Totalmente diferente das outras vezes, Marcelo é cauteloso, suas mãos seguram minha cintura com sutileza, como se ele esperasse por meu aceite para cada passo.

Afasto dele, puxando a barra da minha blusa, tirando-a pela cabeça. Marcelo imita minha atitude, puxando sua blusa pela gola e dispensando-a num canto. Ambos tiramos nossas calças e botas ao mesmo tempo, nunca perdendo o contato do olhar.

Quando estamos só de roupas íntimas nos encarando, ele pega minha mão e me leva para uma pequena porta que tem atrás de si, que eu ainda não tinha visto.

— Um banheiro? E com chuveiro? — pergunto espantada, logo que entro.

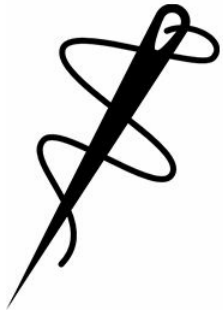
— Um banho cairia bem, não acha? — Sorrio, concordando com ele.

Claro que não gostaria de ter minha primeira vez suada e cheirando a cavalo.

— Não sou um príncipe encantando, Clara. Estou bem longe disso. Mas eu quero ser aquele que torna tudo especial para você, então se alguma coisa não estiver da forma que sonha,

me deixe saber, tá bem?

Ele mal sabe o quão perfeito está sendo. Perfeito demais para mim.



Capítulo 15

*“Podem cortar todas as flores, mas não
podem deter a primavera.”
— Pablo Neruda*

Marcelo

Entramos no chuveiro, ainda com as roupas íntimas, mesmo Clara tomando as iniciativas, eu sei que isso está sendo vergonhoso para ela.

Idealizei este lugar quando vi seu rosto se iluminar na rua das flores na cidade, tinha certeza de que ela amaria isso aqui. Chamei uma organizadora que conhecia da capital e pedi para que arrumasse a velha cabana que meus irmãos e eu nunca terminamos.

Não sou igual aos meus irmãos, que mantêm um apartamento na cidade para seus casos esporádicos. Nunca me envolvi com ninguém daqui e, sinceramente, não quero ficar parecendo um adolescente com Clara, dentro do carro na rua, correndo o risco de alguém vê-la.

Sinto que sou o cara mais sortudo do mundo de ganhar sua confiança para isso, mesmo quando planejei tudo, tinha em mente que ficaríamos mais à vontade aqui e, com o tempo, ela se sentiria confortável para avançar para algo.

Isso tudo está muito acima do que imaginei, mas nunca irei reclamar por isso.

Pego o sabonete e, com cuidado, esfrego suas costas. Aos poucos, sinto-a relaxar em minhas mãos, só assim me permito tocar o feixe do seu sutiã e soltá-lo. Seus braços se movimentam e calmamente ela o tira.

Continuo a esfregar suas costas e passo a mão com o sabonete por seu ombro, deslizando para o meio dos seus seios. A essa altura meu pau já está mais do que desperto, com uma das mãos puxo seu quadril para perto de mim e esfrego minha virilha nela.

Sou bem mais alto que Clara e consigo facilmente descer minha mão pela sua frente até infiltrar sua calcinha. Seus braços seguram nos meus e ela tomba a cabeça no meu ombro absorvendo as sensações.

Tudo acontece tão devagar, apesar de por dentro eu parecer um vulcão próximo a

explodir, consigo levar as coisas no seu tempo e, confesso que está sendo um espetáculo assistir a isso.

Solto o sabonete e mantenho minha mão trabalhando na sua boceta, ela aperta ainda mais meus braços, minha língua saliva por um gosto, só uma pequena dose.

Desço um joelho no chão ficando cara a cara com sua bunda magnífica, aproveito e deslizo minha língua pela sua curvatura, dando uma pequena mordida no final.

— Ah...

Seu gemido me incentiva, seguro seus quadris, virando-a de frente para mim. Subo minhas mãos para o cóis da sua calcinha pequena e preta — *tinha que ser preta* —, encaro seus olhos, pedindo a permissão que preciso, pois depois daqui não terá mais volta. Eu vou até o fim.

Clara tem o rosto banhado pelo desejo e, com um leve acenar de cabeça, tenho meu consentimento. Deslizo a peça por suas pernas e encaro sua linda e pequena boceta à minha frente.

Meu pau protesta dentro da cueca, pedindo por sua prova daquele paraíso, tenho que respirar algumas vezes para me acalmar e, com cuidado, me aproximo beijando-a bem ali.

Levo dois dedos até seus lábios, separando-os, e logo minha boca prova do seu gosto. Meu peito arfa em contemplação. Nada parece ter um gosto melhor na vida do que seu prazer. Clara se inclina, encostando as costas na parede e jogando os quadris para frente, facilitando meu acesso.

Começo a lambar sua entrada devagar, aos poucos ganhando ritmo e aumento a pressão quando sugo seu clitóris. Sua mão vai para o meu cabelo, segurando com firmeza, isso só me incentiva a continuar.

Os gemidos contidos já se tornaram audíveis e quando a sinto lubrificada, insiro um dedo no seu canal. Ela não protesta, então sei que posso continuar.

Não leva muito tempo para que seu corpo comece a estremecer e eu aproveito para sugar tudo que ela libera no seu orgasmo.

— Delicioso — falo, dando um último beijo ali, antes de ficar de pé e desligar o chuveiro. — Vamos para a cama.

Pego Clara no colo, unindo nossas intimidades e sinto meu pau pulsando, pedindo por liberação.

Toalhas são dispensáveis e deposito seu corpo molhado na pequena cama. Fico de pé e tiro minha cueca, deixando meu membro saltar livre, firme e duro feito rocha. Pego uma camisinha ao lado da cama e visto-a em mim.

— Isso porque não pretendia nada, não é? — ela faz graça.

— Um homem pode sonhar, Clara Maria — justifico, cobrindo seu corpo com o meu.

Clara engancha suas pernas em mim, meu pau se encaixa perfeitamente em sua entrada e, mesmo querendo retardar isso, já não consigo mais controlar. Beijo sua boca com afinho e aproveito para entrar nela de uma vez.

— *Humm* — ela protesta e eu travo.

— O que foi? *Tá* doendo? Quer que eu pare? — pergunto, preocupado.

— *Tá*, mas não para. *Deixa eu* só me acostumar.

Ela volta a me beijar e, aos poucos e mais devagar do que meu pau deseja, eu volto a me movimentar. Apertada como o inferno e quente demais, sinto meu pau pulsar e pedir por mais, rapidamente chegando ao limite.

— Vou gozar, Clara.

— Sim... — Ela geme e a cena de tê-la embaixo de mim, se contorcendo e fazendo meu pau sentir esse aperto delicioso, me joga fundo e eu gozo.

— Marcelo? — Escuto sua voz baixa me chamar.

Ainda estamos unidos, não tive coragem de sair de dentro dela.

— Sim, morena. — Encaro seus olhos languídos.

— Acho que estou apaixonada por você. — A sinceridade dela me atinge como um raio.

Sem conseguir dizer nada eu a beijo. Um beijo de agradecimento, de descoberta e de promessas de que tudo será diferente para nós daqui por diante.



Entro no bar da dona Dulce. Engraçado que depois de conhecer Clara, tenho feito diversas concessões sem nem, ao menos, perceber.

Acho que pisei aqui umas duas vezes e só para encontrar algum dos meus irmãos. Nunca fui de interagir com o pessoal da cidade e tudo agora é novidade para mim.

Marquei de encontrar com Clara aqui hoje. Ela virá com suas irmãs e eu com os meus. Ontem, depois do que rolou, ficamos ainda um tempo juntos, nos curtindo, até ela dizer que precisava ir embora, mesmo eu protestando um pouco.

— As meninas não chegaram ainda. Vem, vamos sentar no balcão. — Viny passar por mim e Guilherme, ocupando uma banqueta.

— Acho que vou esperar na porta — aviso.

— Para de ser babaca. Elas sabem se cuidar. — Guilherme me puxa para onde Viny está.

— Pedi cervejas. — Faço careta e ele vê. — É o que tem, maninho.

— Tanto faz. Vou ao banheiro.

Saio do salão e vou até o banheiro do bar e acabo trombando com uma moça que saía do feminino.

— Desculpe — falo, sem encarar a mulher.

— Marcelo? Finalmente te achei. Estou ligando no seu celular desde essa tarde.

— Diana?

Merda! Merda! Merda!

— Sim. Estou passando pela cidade a caminho de uma convenção, resolvi parar por aqui e ver o que tem de tão bom que te prende. — Ela solta uma risada e me abraça.

— Não tem nada, Diana.

— Nada? Eu vi bem como saiu da boate aquela noite. Mesmo te prometendo um sexo a três, você fugiu de mim. Isso foi bem rude — ela fala, manhosa.

— Diana, eu...

— Marcelo? — Fecho meus olhos quando escuto a voz doce da Clara me chamando.

Olho para trás na esperança de que ela não tenha ouvido nada e sinto-me desmoronar. Seu olhar marejado mostra que ouviu tudo e está entendendo da pior forma.

— Clara. *Deixa eu* explicar...

— Você... mentiu... — Ela leva a mão à boca, abafando um soluço e me desespero.

— Não. Eu... deixa eu te contar.

— Quem é ela, Marcelo? Sua nova amiga de foda? — Diana fala, rindo.

Porcaria!

— Cala a boca, Diana. Clara é minha namorada!

— Namorada? Mas você não namora.— Ela parece indignada.

Olho para Clara, que tem os olhos ainda mais assustados.

— Clara, eu não menti *pra* você...

— Só não disse toda a verdade, não é?

Tento tocar seu braço e ela se afasta.

— O que está acontecendo aqui? — Paula aparece ao lado da irmã.

— Paula, me tira daqui — Clara suplica para a irmã, que não espera por nada e sai dali, abraçando-a.

— *Porra!* — Viro para Diana apontando o dedo no seu rosto. — Você não veio aqui por acidente, merda nenhuma! Queria me controlar, saber o que eu estava fazendo, mesmo eu avisando que isso nunca seria dessa forma.

— Eu não tenho culpa se mente para a menina, Marcelo.

— Eu não minto!

— Não é o que parece — ela responde, irônica.

— Pega suas coisas e suma desta cidade. Não quero mais ver sua cara, Diana.

Seus olhos chocados ficam me encarando, eu não dou a mínima, lhe dando às costas e saindo dali, a passos largos.

— Aonde a Paulinha levou a Clara? — pergunto para os meus irmãos.

— Não sei, seu idiota. A Ritinha gritou comigo, dizendo que todo Queiroz deve ser igual e saiu com as duas irmãs daqui. A Clara estava chorando. Que merda você fez? — Viny cutuca meu ombro, alterado.

— Não enche, Vinicius. Clara viu uma ex aqui e entendeu tudo errado.

— Maravilha! Meu irmão mais novo fodendo meu namoro.

— Calma, os dois! — Guilherme entra no meio.

— O seu namoro? Clara não quis nem me ouvir. Merda! — esbravejo.

— Senta a bunda, os dois, e, Marcelo, conte exatamente tudo que aconteceu.

Viny e eu respiramos fundo, sento na banqueta ao seu lado e começo a contar tudo que ocorreu desde a tarde que deixei Clara na rua das flores. Meu desespero é tanto que relato até meus sentimentos, dizendo o desconforto que senti na capital e a urgência que quis voltar para minha morena.

— Cara, você *tá* apaixonado mesmo — Guilherme atesta o que eu já sabia.

— Jura, Einstein? — debocho. — Ai! — reclamo do tapa que recebo na nuca de Vinicius.

— O que vamos fazer? Eu preciso da minha marrenta de volta, Marcelo. Conserta essa *porra*! — Viny reclama.

— O seu caso *tá* fácil de resolver, Viny. Ritinha só *tá* defendendo a irmã. Logo ela volta atrás. E você, Marcelo, aconselho a deixar esta noite passar e procurar Clara amanhã e conversar.

— Será que vai funcionar? — pergunto, esperançoso.

— Provavelmente não, irmãozinho. Você vai ter que se rastejar pela garota. Lembre-se de que é o primeiro namorado, sendo assim, a primeira decepção.

Merda!

Fiz promessas de ser o homem a realizar suas primeiras vezes, nunca imaginei que seria o primeiro a quebrar seu coração.

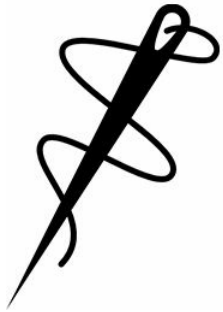
Saio dali, cabisbaixo. Agradeço por não ter mais visto Diana, ou eu iria contra todos os meus princípios e esganaria a mulher na frente de todo mundo.

Meu peito aperta com a pressão do desespero, quando finalmente encontro sentido com

alguém, quando me descubro apaixonado e querendo viver isso ao máximo, a merda da vida me dá uma rasteira.

Entro no meu carro, batendo a porta com força, apoio meus braços no volante e tombo minha cabeça ali, sentindo o peso de todas as minhas ações me cobrando.

— Morena, o que eu faço?



Capítulo 16

“Os espinhos dela são uma defesa. Nem todo mundo merece suas flores.”

— Autor Desconhecido

Clarinha

Meus olhos inchados de tanto chorar não aplacam o buraco que se abriu no meu peito, desde que ouvi a conversa de Marcelo com aquela mulher.

Paula me tirou de lá antes que minha dignidade terminasse de se desfazer, simplesmente porque a única coisa que eu conseguia pensar em fazer era chorar.

— Calma, Clarinha. — Ritinha afaga meus cabelos.

Estamos na sua cama e tenho a cabeça apoiada no seu colo. Por sorte, quando chegamos a mãe e o pai já tinham ido se deitar e não viram meu estado calamitoso. Resolvi ficar neste quarto para que Toninha não descubra o que aconteceu, provavelmente ela viria com suas falas feitas de: “eu avisei”, “eles não prestam”, sabia que isso aconteceria cedo ou tarde” e, minha dor e humilhação já são grandes o suficiente para aumentar a dose.

— Por que ele fez isso, Ritinha? — Outro soluço e mais lágrimas saem de mim.

— Eu não sei. Não dá *pra* entender. Ele esteve aqui aquela manhã, te pedindo em namoro.

E a dúvida continua pairando, mesmo a raiva tendo tomado conta de mim e a mágoa estar presente, ainda sim, continuo procurando o motivo para tudo ter acontecido dessa forma.

— Se acalme. Amanhã vocês conversam com calma e...

— Não! — Levanto do seu colo imediatamente. — Eu não quero falar com ele. Não quero olhar *pra* ele. Com certeza vai inventar alguma história para me enganar, Ritinha. Eu não quero fazer papel de boba de novo. — Minha voz embarga no final.

— *Xiu...* calma. Tudo bem, se você não quer falar com ele, então não vai falar. *Eita*, que eu arranco o coro dele — Ritinha promete, me abraçando.

Deito novamente em seu colo e não falamos mais no assunto. Na realidade, não tem

nada a ser dito, ele mentiu, enganou, esteve fingindo por todo esse tempo, me tratando como mais uma conquista.

Mulheres. Ele ia dormir com mulheres aquela noite. No plural.

Fecho meus olhos, fazendo uma pequena prece a Deus, pedindo principalmente por sua misericórdia, para que eu consiga passar por esse tormento e que não saia com cicatrizes profundas demais.

Hoje o dia começou da pior forma possível, pela manhã levantei com uma dor de cabeça terrível, para ajudar mal saí da cama e dei de cara com Vinicius na sala, conversando com Ritinha.

Passei pelos dois, cumprimentando-o baixo, não queria tocar naquele assunto e principalmente, que ele visse meu rosto acabado e sofrido. Passei pela cozinha ainda mais rápido, sem responder o que minha mãe perguntou e corri para o quartinho de costura.

Encostei na porta e as lágrimas voltaram a banhar meu rosto, sem que eu pudesse evitar, escorreguei devagar pela porta, sem acreditar no que está acontecendo.

Por que dói tanto?

Nós mal nos conhecemos, um namoro que durou alguns dias, mesmo começando sem pé nem cabeça, sentia que era algo especial, parecia... perfeito, mesmo sendo todo errado.

— Isso que dá ler tanto romance, Clara Maria — repreendo-me, levantando do chão.

Não posso permitir que esse sofrimento tome conta de mim, não é justo comigo.

Olho pela janela e minha mente voa para nossa noite de amor. Bom, ao menos, para mim, foi assim, naquela cabana eu entreguei mais do que minha virgindade, coloquei meu coração e alma em uma bandeja e ofertei ao diabo.

Agora minha ficha começa a cair. Eu era a virgem da cidade pequena, que

provavelmente ele ainda não tinha em seus feitos sexuais e, viu em mim a chance de alcançar.

Tola!

Fecho os olhos e ainda posso sentir a forma como ele me tocou nos lugares certos, com calma, sutileza, esperando pelo meu momento para continuar a fazer, continuar a me dar prazer. Seus olhos cravados em mim, aquele céu azul que habita sua íris, ainda mais intenso naquele momento, buscando por algo dentro de mim.

— Deus, me ajude — solto um lamento.

Abro meus olhos e meu corpo inteiro se arrepia vendo a figura que destruiu meu coração parado à minha frente. Entro em choque, pensando que minha mente está pregando uma peça nos meus olhos, ergo minha mão, abanando minha frente, achando que a miragem irá se dissipar.

— Clara... — Sua voz rouca se pronuncia e meu queixo cai.

— O que faz aqui? — Minha respiração acelera e todo o desespero que senti ontem volta com força total.

— Me deixa explicar, morena. Não foi do jeito que pensa...

— Cala a boca! — grito, enfurecida. — Não sou sua morena. Não sou sua amiga. Não sou mais nada sua. Vai embora! — Finalmente minha ira surge e solto tudo.

— Não! Me deixa falar! Você precisa me escutar. — Ele dá um passo em minha direção e eu recuo.

— Não ouse. — Levanto o dedo em riste alertando.

— Clara, por favor, seja racional. — Ele une as mãos à sua frente, pedindo.

Encaro seu rosto por um momento e toda sua imponência, que sempre lhe foi característico, parece ter sumido. Claro que a beleza está presente, sempre estará, mas seus olhos

parecem atormentados, o cenho franzido o deixa mais fechado, carrancudo.

— Não tenho que ser nada. Eu lhe dei tudo. Fui honesta. E você só brincou comigo. Eu era o troféu da vez, certo? Pois, bem. Já pegou seu prêmio. Agora vai embora, Marcelo.

Seu olhar chocado me encara por um tempo, segundos, mas a intensidade é tanta que tudo parece se eternizar.

— Você nunca foi um troféu, Clara. Eu realmente me apaixonei por você e tudo aconteceu tão rápido, que me assustei, só me dando conta quando saiu ontem daquele bar chorando. Eu nunca quis te machucar e se me deixar explicar... talvez a gente possa...

— Não termine sua frase. Confiança é a base para qualquer coisa na vida, por isso, ela caminha junto da honestidade, Marcelo. Você conseguiu plantar dúvidas dentro de mim e, mesmo que diga que nada aconteceu na capital, não acho que eu seja capaz de acreditar e confiar novamente.

Minha voz surpreendentemente saiu limpa e dura, mesmo o coração em frangalhos e uma vontade absurda de gritar e dizer o quanto ele é um idiota, não quero lhe dar esse gosto.

— Eu vou conquistar sua confiança de novo, morena. Ou não me chamo Marcelo Queiroz.

— Ah, seu moleque! — Escuto a voz da minha mãe no quintal.

— Corre, Marcelo, ela tem uma vassoura — Viny grita logo em seguida.

Ambos olhamos em direção ao alvoroço, minha mãe atravessa a porta da cozinha e vem direto para ao quartinho, empunhada de uma vassoura, abanando-a para o ar.

— Mãe! — Saímos do quarto e me coloco entre minha mãe com a vassoura e um Marcelo assustado.

— Sai da frente, minha filha, eu vou abrir a cabeça desse forasteiro de merda — ela

grita, incontrolável.

Ritinha tenta segurá-la pela cintura, enquanto Vinicius puxa Marcelo em direção ao portão dos fundos.

— Dona Lélia, eu posso explicar — Marcelo tenta argumentar.

— Eu vou te matar! — ela grita.

— Marcelo, vai embora! Viny, tira ele daqui! — chamo a atenção dos dois, que parecem apavorados com a minha mãe.

Vinicius puxa Marcelo, relutante, pelo braço e logo os dois conseguem sair pelo portão.

— Me larga, Rita Maria!

— A senhora já está mais calma? — ela pergunta, ainda agarrada à sua cintura.

— Só me acalmo depois que você, dona Clara, me contar o que esse forasteiro te fez.

— Mãe...

— Nada de mãe. Vamos sentar na cozinha e eu quero saber de tudo, *tim-tim por tim-tim*.

Respiro fundo e não havendo outra solução, aceito meu calvário. Ela finalmente solta a sua arma para matar Marcelo e parte para a cozinha.

Sento na cadeira à sua frente, sua mão treme, nervosa, não sei o que ela escutou, mas provavelmente sabe de muita coisa para ficar neste estado.

— Como soube?

— Isso não interessa. Quero saber por que saiu chorando da festa ontem. O que ele fez?

— Então a senhora não sabe o motivo? — Estranho.

— Não. A Mirtes me encontrou na varanda agora há pouco e falou que viram você entrando, chorando, com a Ritinha e a Paulinha ontem. Não sou boba, minha filha, aquele

forasteiro te chateou com alguma coisa. Não importa o que é, o que importa é que eu arranco o couro dele se aparecer aqui de novo.

Solto uma respiração cansada, realmente esta cidade não perdoa nada. Qualquer coisa é motivo para fofocas e picuinhas. Impressionante!

— Pois bem...

Começo a contar à minha mãe toda a minha trajetória com Marcelo, Ritinha senta ao meu lado, acho que tentando me passar algum apoio, e eu continuo a contar, ocultando, claro, a parte da nossa noite de amor.

Relato como foi estranho a atitude dele um dia antes de me pedir em namoro e ele simplesmente aparecer aqui no outro dia, dizendo meias verdades e escondendo que esteve com mulheres e, pior, que procurou por elas. Termino de relatar tudo e observo minha mãe muito quieta.

— Minha filha... — ela solta — Você é muito nova *pra* entender esses homens.

— Mãe, ele mentiu! — falo, indignada, quando noto seu tom complacente.

— Ele estava apavorado. Não entendeu? — Olho para ela, confusa — Clara, esse menino Queiroz nunca namorou ninguém da cidade, todo mundo vive dizendo que é o mais metido deles e, do nada, vocês começam a ter um *trelelê*. O garoto ficou apavorado e fugiu *pra* capital, buscando respostas, minha filha. Se pensar bem, ele só dirigiu mesmo, já que passou a noite indo e voltando de lá.

— Você está *defendendo ele*? — Ritinha pergunta, tão inconformada quanto eu.

— Não! Eu sempre estarei do lado das minhas filhas e, sabem muito bem que sou contra esses forasteiros em torno de vocês Mas como seu pai diz — ela solta com pesar —, não podemos decidir por vocês.

— Mas mãe, o que essa mulher veio fazer aqui? Eles devem ter alguma coisa.

— Se tivesse, ele não teria te apresentado como namorada, uai.

Continuo encarando dona Lélia, e me perguntando onde está a mulher que poucos minutos atrás estava disposta a cometer um assassinato.

— Filha. Dá um tempo *pro* seu coração e pensa.

— Quem é você e o que fez com a minha mãe? — Ritinha pergunta.

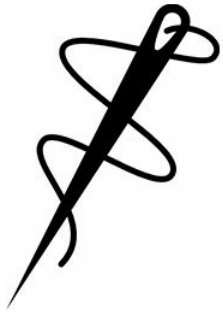
— Para de sandice, menina. — Ela levanta da cadeira, indo para o fogão. — Agora me deixem trabalhar. Tenho muita encomenda de doces.

Levanto da cadeira, tão atônita quanto Ritinha, que me encara e dá de ombros.

Será que estou exagerando?

Vou até meu quarto e pego minha bolsa e meu terço, que deixo pendurado na cabeceira da minha cama, procuro por Toninha, mas não a encontro, então aviso Ritinha que estou indo à igreja, ela provavelmente está lá.

Preciso pensar, talvez minha mãe tenha razão e eu esteja exagerando as coisas, um tempo na igreja pode me ajudar a pensar e decidir qual o melhor caminho.



Capítulo 17

*“Amar é cultivar jardins floridos dentro
do coração.”*

— Mayara Benatti

Marcelo

Chego em casa, desanimado, me jogo no sofá da sala de TV e Viny me acompanha.

— Que merda, Marcelo. Você quase foi assassinado.

— Ela não vai me perdoar — solto, em lamento, olhando para o nada.

— O Gui te avisou para dar um tempo. Ela *tá* com raiva e você foi se enfiar no quintal dela. Dona Lélia quase arranca seu couro.

— Pouco me importa isso. Eu só preciso me explicar, Vinicius. — Tombo minha cabeça no sofá, cobrindo meus olhos com o antebraço.

— E aí, mocinhas? — Escuto a voz do Rômulo entrando na sala.

— Fala, Rômulo — Viny cumprimenta e eu só resmungo um oi.

— O que *tá* acontecendo com a princesa?

— *Tá na sofrência*. Clara terminou com ele e, de quebra, a mãe dela quase rachou a cabeça dele com uma vassoura.

Escuto uma gargalhada estrondosa do meu irmão mais velho e logo Viny o acompanha. Minha raiva cresce, percebendo que meu desespero está servindo de piada para os dois.

— Eu precisava ter visto isso. — Fuzilo Rômulo.

— Obrigado, irmão — respondo, irritado.

— Ah, sem essa. Mas conta aí, por que a *virgenzinha* terminou contigo? Vai me dizer que viu seu pau e se decepcionou.

— Você só fala merda, seu babaca. — Jogo uma almofada nele, que captura com as duas mãos.

— Ela acha que ele a traiu — Viny explica.

— Mas traiu? — Rômulo parece curioso.

— Não! — respondo, indignado.

— Foi burro, então. Não comeu outra e perdeu a que tinha — ele fala, como se fosse o mais óbvio na situação.

— Ela entendeu errado a conversa com uma mulher que eu saía. Pensou que eu tinha ido atrás de diversão na capital, um dia antes de a ter pedido em namoro.

— E você foi?

— Não! Sim! Merda! Eu estava confuso, nunca quis namorar alguém daqui, principalmente tão nova. Sempre curti mulheres mais velhas.

— Safadinho. Pegava as coroas que aceitam qualquer coisa na trepada. — Rômulo sorri de lado.

— Por isso nunca te vi com meninas novas? — Vinicius pergunta, interessado.

— Vocês estão perdendo o foco da coisa. Não interessa o que eu fazia antes da Clara. Eu quero ela. Só ela.

— Que coisa mais fofinha. — Rômulo tomba a cabeça de lado, imitando voz de criança.
— Para de ser chorão, Marcelo. Situações extremas, atitudes extremas. Prova *pra* garota que você a quer. — Ele devolve a almofadada.

Encaro seu rosto e não encontro nenhum traço de deboche, olho para Viny, que parece tão descrente quanto eu com o conselho do nosso irmão mais devasso.

— Ele tem razão — Viny concorda, com um dar de ombros.

Continuo olhando de um para o outro, buscando em minha mente o que posso fazer que seja o suficiente para convencê-la a me ouvir.

Falando dessa forma, parece que é muito fácil, na realidade, eu achei que seria, mas

Clara parece preferir ver o diabo do que a mim.

— Viny, você mandou o rapaz do transporte vir buscar o caminhão? Eu não consegui falar com ele e aquela porcaria de carro de som ainda está atrás do estábulo — Rômulo muda de assunto.

— Não consegui. Esse carro só deveria chegar aqui na semana da festa da cidade.

— Pois é, uma droga.

E como se uma lâmpada se acendesse na minha mente, eu levanto do sofá em um pulo e meus irmãos me encaram, como se eu fosse um retardado.

— É isso! — Me animo.

— O quê? — os dois perguntam, confusos.

— Você sabe dirigir caminhão, não sabe, Rômulo?

— Sei.

— Então traz ele aqui *pra* frente. Hoje a Clara vai me ouvir, querendo ou não.

Os dois me olham, confusos, mas pouco importa. Subo as escadas correndo, já sei o que vestir.

Morena, se você não me ouviu por bem, então será por mal.



O sol bate a pino no alto da minha cabeça, essa porcaria de roupa parece um forno aquecido e provavelmente me tornou o frango a ser assado.

Quando detalhei minha ideia de convencer Clarinha a me ouvir, Vinicius riu, me chamando de louco e disse que provavelmente hoje eu vou morrer nas mãos da dona Lélia. Já

Rômulo topou na hora e disse que garantirá uma vaga de destaque para filmar minha vergonha, já que eu estou me tornando o *maior maricas* da família.

Babaca!

Estou vestindo a roupa do festival, que Clarinha ajustou para mim, nada parece mais apropriado para a ocasião. O caminhão entra nas ruas da cidade e, como eu previa, todos nos olham, curiosos.

Mesmo não sendo um caminhão de grande porte, o fato de um Queiroz estar em cima das caixas de som na caçamba, tendo mais dois na cabine, é o suficiente para que todos queiram saber o que vai acontecer.

— Rômulo, liga o som! — Bato na lataria, chamando sua atenção.

Logo as ruas são preenchidas por uma música, que não foi a que eu escolhi, presto atenção na letra e tenho vontade de esganar meu irmão.

“Não me diga que eu não avisei

Não foi uma nem duas nem três

Falei sério e você brincou

Mas quando eu digo que acabou, acabou

E quando eu digo que acabou, acabou.”

Não é possível, o filho da mãe quer acabar comigo, literalmente.

— *Tá* de sacanagem, Rômulo? — Esmurro a lataria e escuto sua gargalhada.

— Calma, Romeu. Já vou colocar a música mela cueca que você pediu.

Faço uma careta para sua referência, já estou nervoso o suficiente para aguentar a gozação deles.

Fodam-se eles. Fodam-se todos.

Entramos na rua da casa de Clara, Rômulo solta a música certa, *Home - Black Sheldon*, ganha os alto-falantes e meu coração começa a tamborilar em desespero. Esfrego minhas mãos na calça, limpando o suor que se forma nelas pelo nervosismo.

Logo a rua começa a se encher, os curiosos saem de suas casas, querendo saber o motivo do som tão alto. O caminhão para na porta da casa de Clara e minha expectativa aumenta.

Vejo a porta se abrir e por ela passar Rita, Paula, Toninha, dona Lélia e, por último, a minha morena. Todas têm a feição chocada, arrisco dizer que dona Lélia aparenta estar comovida, não sei ao certo e, quando meus olhos pousam em Clara, tudo se apaga.

A música ainda toca quando desço do caminhão, algumas pessoas à nossa volta se achegam, querendo entender tudo isso, meus olhos fincados na menina que roubou minha sanidade e ela parece sem saber o que fazer.

— Clara. Minha morena — falo baixo, mas ela consegue ler meus lábios.

Dando alguns passos vacilantes, ela alcança o pequeno portão de entrada.

— O que você está fazendo, Marcelo? — ela pergunta, olhando em volta.

— Você precisa me escutar. Achei uma maneira para chamar sua atenção.

— Ah, menino, você tem toda nossa atenção — uma senhora baixinha, com os cabelos presos em um coque, se manifesta.

— Fica quieta, Mirtes! Deixa o rapaz falar com a minha filha — dona Lélia intervém.

— Clara. Eu fiquei confuso, fui para a capital querendo me afastar, buscando alguma normalidade do que era acostumado a fazer. Sim, eu saía com muitas mulheres, várias, às vezes de uma vez, às vezes somente uma. — Escuto um “misericórdia” da senhora ao meu lado, mas não dou atenção. — Quando eu cheguei lá, entrei na boate e olhei à minha volta. Tudo parecia completamente diferente, eu me sentia um estranho, as mulheres não tinham meu interesse e então você apareceu na minha cabeça.

— Marcelo... — Ela tenta falar, mas eu interrompo.

— Não! Eu preciso falar. Se depois disso, você ainda não me quiser, tudo bem. Eu vou embora e você não terá mais que olhar na minha cara.

Clara tem seus olhos fixos nos meus. Tento passar para ela toda a verdade que está no meu peito, quero que ela acredite. Na verdade, eu preciso disso.

— Eu precisei ir até lá para me dar conta de que meu lugar era aqui. Ao seu lado. Por isso, voltei na mesma hora, dirigi à noite toda e fiquei na porta da sua casa, esperando o dia clarear para pedir aos seus pais permissão para namorá-la — solto, em um fôlego só.

— Já terminou? — Seus olhos parecem determinados e isso me assusta.

— Não! Eu acho que te amo. Espera... eu... tenho certeza! Eu te amo! Eu amo essa mulher. — Abro os braços, gritando para que todos ouçam.

— É oficial. Meu irmão se tornou *um maricas*. — Ouço Rômulo gritando e as pessoas em volta começam a rir.

Encaro Clara, que parece impenetrável, dando de ombros e passando a palavra para ela.

— Você foi idiota. Diversas vezes. — Concorde com a cabeça — Não sei se isso vai funcionar bem, Marcelo. Somos de mundos completamente diferentes. — Tento interrompê-la, mas ela levanta a mão, me parando. — Me deixa terminar. Você é presunçoso, metido, um pouco esnobe e muito dono de si. — Abaixo a cabeça, prevendo o “não” grandioso que vou ganhar aqui. — Mas é o meu namorado idiota, presunçoso, metido e meio esnobe.

Encaro seus olhos, chocado, um lindo sorriso enfeita sua face e eu sorrio, aliviado. Não conseguindo me segurar mais, alcanço seu corpo e a abraço, girando-a no ar.

— Nunca mais minta ou me esconda nada — ela sussurra em meu ouvido.

— Nunca. Nunca — concordo com ela e tomo sua boca para mim.

Nosso beijo de reconciliação tem o melhor sabor do mundo, tem gosto de casa, de lar. Assovios, gritos e aplausos explodem à nossa volta e me toco da quantidade de gente que está presente.

— Menino. — Escuto dona Lélia muito perto e dou um pulo para trás — Calma, não vou te bater. Clara me contou o que aconteceu e eu entendi. Só não a faça chorar de novo ou eu vou servir colhões Queiroz no jantar — ela adverte e sorri.

Retribuo o sorriso e, em nenhuma hipótese, eu duvido que ela realmente fará isso em qualquer momento.

— Muito bem, garoto! — Paulinha se aproxima. — Se minha mãe não estivesse te ameaçado hoje, com certeza eu faria. — Ela pisca um olho, sorrindo.

— Ainda acho que Clara deve pensar melhor — Toninha comenta com a mãe, próxima de nós.

— *Tá* com inveja, cabrita? Se quiser, eu toco uma música *pra* você. Espera! Eu tenho a perfeita — Rômulo provoca, correndo até a cabine do caminhão.

Logo escutamos a voz de Wesley Safadão e Anitta cantar ao som de Romance com Safadeza. Clara e eu rimos e quando olho para Toninha, ela bufa, batendo o pé no chão. Acho se pudesse, com certeza, esganaria meu irmão.

Vinicius puxa Rita pela mão arriscando alguns passos, Clarinha me olha, esperançosa, mas sempre fui um zero à esquerda dançando a dois, então movimento nosso corpo devagar de um lado para o outro.

Escuto um sonoro “oh” atrás de mim e olho, vendo Rômulo atracado a uma loira seminua.

— Graças a Deus vocês escolheram esses Queiroz. — Vejo dona Lélia fazendo o sinal da cruz e entrando na casa.

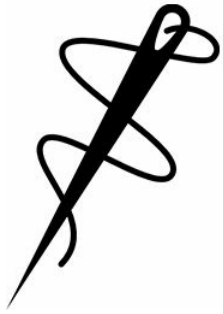
Olho para minha namorada, minha morena, e aproximo meus lábios dos seus, roçando levemente.

— Sabe... eu ainda não ouvi um “te amo” — falo baixo, só para ela escutar.

— E nem vai. — Ela sorri travessa e eu belisco seu quadril.

— Eu tiro isso de você, morena. — Minha promessa alarga seus olhos.

Nem que eu tenha que viver por toda a vida só para conseguir essa declaração, assim o farei.



Capítulo 18

*“Deus plantou e escolheu a mais bela flor de seu jardim
e me deu. E essa flor é você.”*

— Autor desconhecido

Clarinha

Felicidade é algo realmente contagiante. Desde a declaração maluca do meu namorado, agora bem menos metido, não consigo parar de sorrir. Passamos essa semana nos vendo todos os dias, alguns dias aqui em casa e alguns na rua das flores.

Marcelo parece apreciar aquele lugar tanto quanto eu e, claro, aproveitávamos esses momentos para dar uns amassos, como ele diz.

Finalmente chegou o fim de semana, combinamos de fazer algum passeio só nós, espero que minha mãe não surte, já que Ritinha resolveu sair em uma pequena viagem com Vinicius e isso já foi o suficiente para dona Lélia ficar reclamando.

Estou varrendo a varanda na entrada de casa, minhas irmãs estão ajudando minha mãe, ainda é manhã e como é sábado, a rua está bem movimentada. Vejo Tetê saindo da casa dela, algumas senhoras estão na rua e torcem a cara quando ela passa.

— Bom dia, Clarinha — ela me cumprimenta, parando no portão.

— Bom dia, Tetê. Como vai?

— Bem. Bom, não tão bem como você, *né?!* Fisgou o mais novo dos Queiroz e a Ritinha o do meio. Uau! Bem que eu queria fisgar o mais velho.

— Rômulo? — Estranho toda a intimidade que ela fala.

— Sim. Ele é bem quente, mas escorregadio feito quiabo.

— Ou você é fácil demais. — Toninha para atrás dela. — Dá licença? — Tetê olha assustada para minha irmã, que pede passagem.

— Não sou fácil. Só aproveito a vida e não fico com um terço na mão dentro da igreja.

— Que seja. — Ela passa batido por ela e por mim, sem falar mais nada.

— Bom, quando vir Rômulo, mande lembranças. — Ela acena em despedida, seguindo seu caminho.

Termino de varrer a frente e corro para meu quarto, entro e vejo Toninha deitada em sua cama, com o rosto coberto.

— O que você tem? Pensei que estava ajudando a mãe — comento, abrindo o guarda-roupa.

— Dor de cabeça. O que aquela desfrutável queria?

— Na verdade, nem eu sei. Ela comentou que Ritinha e eu somos sortudas e falou algo sobre o Rômulo.

— O que ela disse? — Toninha senta na cama, interessada.

— Você ouviu, até respondeu.

— *Tá*, mas ela falou mais alguma coisa? Os dois estão juntos?

Franzo a testa, achando estranha a curiosidade repentina da minha irmã.

— Por que o interesse, Antonia?

— Nada. Só curiosidade. Quer saber, pouco me importa aqueles dois. — Ela joga os braços para cima levantando.

— Queria saber por que ele te chama de cabrita — comento.

— Ele é um imbecil, Clara. Fala qualquer coisa para provocar as pessoas.

— Bem, ele nunca provocou a mim ou as meninas.

— Bom, eu falo na cara dele o que penso da sua vida libertina e isso provavelmente o incomoda — ela responde, com cara de tédio e sai do quarto.

Fico um tempo parada, encarando a porta e pensando se é possível que Toninha e

Rômulo, de alguma forma, tenham interesse um no outro. Apesar de parecer absurda a ideia, sendo os dois completamente diferentes, sempre que estão próximos, fazem questão de se provocarem.

Acho que o amor que estou sentindo está transbordando para minha razão e vendo possíveis casais onde nunca seria humanamente possível.

Já é noite, tomei um banho e coloquei um vestido verde água solto, de pano leve que tem ótimo caimento. Solto meus cabelos e passo só um batom, não sou uma pessoa muito adepta a maquiagem pesada.

Marcelo já deve estar chegando, combinamos de sair hoje. Apesar da minha mãe relutar um pouco, acho que a atitude exagerada de Marcelo com o carro de som, colocou dona Lélia na zona de fãs dele.

Aqui na rua todos estão o chamando de Romeu e eu sua Julieta. Chega a ser engraçado e um pouco vergonhoso ser o centro das atenções.

— Não fique na porta, Clara Maria. Coisa feia! — minha mãe reclama, passando na sala.

— Ah, mãe. Tô esperando o Marcelo — reclamo.

— Quando ele chegar, que desça e chame. Na hora de fazer declaração de amor, chamou a cidade inteira. Oxe!

Fecho a porta bicuda e vou para a cozinha pegar um copo de água.

— Ritinha já ligou, Lélia? — meu pai pergunta, sentado à mesa, tomando um café.

— Já sim. Disse que *tá* tudo bem.

— Dona Mirtes veio perguntar quando ela volta — ele comenta.

— O que aquela velha quer? Já vai sair difamando minha filha! — a voz da minha mãe

se altera.

— Calma, mãe. Ela só é uma velha sozinha e curiosa.

— Mexeriqueira. Isso sim.

— Boa noite, família! Olha quem eu achei estacionando em frente de casa? — Olho na porta da cozinha e vejo Marcelo acompanhado de Paulinha.

— Oi. Boa noite, dona Lélia. Seu Jaime.

— Noite, filho — meu pai responde.

— Boa noite, menino. Vão sair? — minha mãe pergunta, vendo eu ir abraçar Marcelo.

— Sim. Vou levar Clara para jantar e depois vamos dar uma passada no bar da Dulce.

— Vamos? — pergunto, curiosa, não sabendo das suas pretensões para hoje.

Ele responde dando um beijo no meu nariz e eu rio.

— Ai, que lindo esse casalzinho. Agora eu vou me arrumar, que tenho que chegar antes no bar — Paulinha se despede, saindo da cozinha.

— Vamos? — Marcelo pergunta e concordo com um acenar.

— Tenham juízo. Os dois — minha mãe adverte e concordamos com a cabeça.

Marcelo abre a porta do carro para mim e eu entro, meu vestido que não era tão comprido assim, sobe um pouco e expõe minhas pernas. Sorrio, imaginando a cara do meu namorado quando ver.

— Agora eu quero meu... *Pooo....* — Ele perde a fala quando se vira para mim e crava seus olhos em minhas pernas de fora.

— Que foi? — Enrolo uma pequena mecha do cabelo no dedo.

— Você, morena, quer acabar comigo. Eu sei que sim.

Sua boca cobre a minha em um beijo urgente. Ainda não tivemos um momento a sós depois da primeira vez, nossos encontros têm sido rápidos e sempre em público, o que dificulta um avanço mais íntimo.

— Acho que vamos pular o jantar — ele fala, assim que encerra nosso beijo.

— Eu amo pizza. — Dou de ombros.

— Então, teremos pizza na cabana. — Ele pisca um olho antes de dar partida no carro.



Marcelo acende uma luz no poste e todas as outras luzes da cabana se acendem, iluminando toda a volta. O lugar continua lindo como da última vez que estive aqui, ainda tem a magia e o encanto, confesso que as borboletas daquele dia voltaram com força total para minha barriga.

— Bem-vinda! — Ele abre espaço no véu na entrada, dando passagem para mim.

Entro olhando tudo em volta, Marcelo deixa a pizza numa pequena mesa baixa, que eu nem tinha notado que existia aqui.

Encaro o rosto do Marcelo, que ficou quieto, só me observando. Seus olhos parecem desacreditados.

— O que foi? — falo, me aproximando.

— Aquele dia eu achei que nunca mais teria isso. Pensei que tinha perdido qualquer chance de tocá-la novamente.

— Ah... Marcelo... — Acaricio seu rosto e ele tomba a cabeça na direção da minha mão.

— Eu amo você, morena.

Como da primeira vez, sinto meu coração explodir, meu peito inflar a ponto de me fazer ofegar, pedindo por ar e as borboletas de antes, agora se rebulicam dentro de mim.

Aproximo meus lábios dos seus e lhe dou um beijo delicado, tentando passar todo meu sentimento nesse pequeno gesto.

— Não vai dizer? — ele pergunta e eu rio baixo.

Todas as vezes em que ele disse que me amava, me calei ou desconversei. Não que eu não sinta a mesma coisa, muito pelo contrário, acho que sou capaz de amá-lo por nós dois, se for preciso, mas eu queria que isso acontecesse em um momento especial, assim como este.

Confesso que no dia do carro de som, eu não retribuí as palavras só para me vingar, mesmo que minimamente dele, por ter mentido e depois a coisa toda virou uma brincadeira entre nós dois.

— Ainda não. — Ele me pega no colo e eu grito com o susto.

— Você me deixa maluco, morena. — Sua boca castiga a minha.

A delicadeza acabou e como para provar isso, Marcelo me lança na cama, fazendo uma risada alta escapar de mim. Puxando meu pé, escorrego na cama, fazendo o vestido subir e minha calcinha, na mesma cor verde água do vestido, ficar exposta.

— Puta merda... —solta, abrindo minhas pernas e, se abaixando ali, ele cheira.

Sinto minha intimidade pulsar, meu ventre aquecer e o rosto queimar de vergonha. Ainda vou levar um tempo para me acostumar com tudo isso. É bom demais, confesso, mas a falta de experiência ainda me deixa travada.

A mão dele empurra minha calcinha para o lado e logo sinto sua língua fazendo sua magia em mim. Meu corpo trepida com as sensações que ele desperta, outras intensificam e minha cabeça gira em torno de todo o prazer que me toma.

— Deliciosa — ele fala, entre os beijos molhado que dá ali.

— Ma... Ma... — resmungo, incoerente, sem saber o que dizer.

Seguro o topo da sua cabeça com as mãos e quando arrisco um olhar para baixo, estou rendida. Seus olhos azuis céu estão cravados em mim, enquanto sua língua me lambe por completa e eu explodo.

Tento fechar as pernas, mas ele força, para mantê-la aberta, com seus braços.

— *Ahhh... chega... eu... ahhh* — protesto, empurrando sua cabeça, mas ele se mantém ali.

— Quer. Que. Eu. Pare? — ele pergunta, intercalando com puxões no meu clitóris.

— Sim! — grito.

— Então diz. — Ele para por um segundo, me encarando, e eu o olho, chocada.

Não acredito que ele está usando meu orgasmo como arma para eu dizer que o amo.

— Não! — protesto e ele volta a me castigar.

Tombo minha cabeça para trás, meu corpo tremendo e a sensibilidade da minha vagina sendo castigada pela língua habilidosa de Marcelo. Ele fecha os lábios no meu ponto de prazer em sucção e eu acabo cedendo.

— Amo! Eu amo! Ah! — grito, sentindo meu corpo estremecer em um segundo orgasmo.

Um recorde! Como ele fez isso?

Marcelo abranda seu ataque, tornando a pressão em meras lambidas suaves e quase delicadas.

— Não entendi. Pode repetir?

Levanto a cabeça, encarando-o, indignada. Sua feição está divertida, os olhos risonhos e com aquele toque sacana característico da família Queiroz.

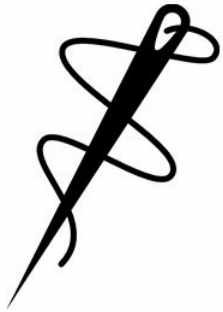
— Eu te amo, seu esnobe — respondo, fingindo raiva.

Marcelo gargalha e escala meu corpo, depositando beijos molhados por onde passa. Quando seu corpo cobre o meu, apoia seus braços em torno da minha cabeça e encara meus olhos.

— Você é perfeita para mim — ele declara, com um sorriso contido.

Melhor definição não existe para este momento. Perfeito. Ele é perfeito, nossa história até aqui foi perfeita e seremos perfeitos, se soubermos lidar com nossos defeitos.

— O imperfeito mais que perfeito!



Capítulo 19

*“Quando eu flor
quando tu flores
e ela flor
nós flores seremos
e o mundo florescerá.”*

— Autor desconhecido

Marcelo

— Mãe? Vamos! — chamo da porta da sala, apressado.

— Calma, florzinha! Até parece que vai casar — Rômulo faz chacota, passando por mim na porta.

— Não enche, Rômulo.

— Dá para os dois pararem com isso? — minha mãe ralha, descendo as escadas.

— Foi ele que começou — ambos respondemos.

Seguimos para os carros, por mais que fôssemos ao mesmo lugar, meus irmãos preferiram cada um dirigir o seu. Total desperdício de combustível, mas na hora de decidir qual carro iria, nenhum dele quis abrir mão.

— Ainda não sei por que o Rômulo está indo. Ele vai estragar tudo — Viny protesta, entrando no seu carro.

— Eu sou a melhor coisa deste bando, não fala besteira — ele se defende.

— Comportem-se, todos. Nem parece que eu dei educação a vocês — minha mãe adverte, entrando no carro com Guilherme.

Saímos em comitiva da fazenda rumo à cidade de Palomino. Dona Lélia fez um convite à minha família para almoçarmos todos juntos este domingo, visto que suas duas filhas agora namoram dois dos Queiroz.

Minha mãe ficou encantada com o convite e exigiu que todos os filhos estivessem presentes, não só os que tinham as namoradas.

Essa decisão me deixou um tanto ansioso, não pela minha família em si, mas pelo meu irmão mais velho e mais devasso. Rômulo não costuma ter filtro e faz o que lhe dá na telha, essa

combinação não parece nada apropriada para estar em torno da minha sogra.

Ainda me lembro dela correndo atrás de mim com uma vassoura na mão e foi bem assustador. A mulher parecia determinada a me matar e isso aconteceu só por saber que sua filha estava chorando por mim.

Sou o primeiro a estacionar em frente à casa de Clarinha, olho para a porta e vejo minha morena saindo, sorridente, para nos receber. Desço do carro contornando-o com pressa e abraço minha namorada, inalando seu cheiro tão familiar.

— Senti sua falta — sussurro, antes de beijá-la.

— *Tá bom, Romeu. Me deixa cumprimentar minha cunhadinha.* — Rômulo me empurra, envolvendo Clara em um abraço apertado demais para meu gosto.

— Já chega! Idiota — Separo os dois.

— Agora, onde está minha outra cunhada? — Rômulo pergunta, esfregando as duas mãos.

— Pode esquecer ou eu chuto suas bolas — Viny responde, entrando na casa.

— Quanta agressividade — Rômulo comenta, rindo.

— Paulinha está aí, Clara? — Guilherme pergunta para minha namorada.

— Sim! *Tá* ajudando minha mãe na cozinha.

— Ótimo! Que bom. — Seu semblante parece ansioso.

— Dona Rute. É um prazer revê-la. — Clara estende a mão para minha mãe, que a recebe com um abraço apertado.

— Ah, minha linda Clara. Eu sabia que meu filho não resistiria a essa meiguice.

— Meiguice? Mãe, ela fez eu comer o pão que o diabo amassou — falo, indignado.

— Tá reclamando de algo, Marcelo? — Noto sua voz subir uma oitava.

— De jeito nenhum — respondo, beijando seu rosto — Vamos? — pergunto, já puxando Clara para dentro.

Chegamos à área externa e eu pasmo, vendo Rômulo com um braço transpassado nos ombros da minha sogra. Vinicius não esconde a careta, enquanto Ritinha, Paulinha e Guilherme riem da cena.

— Boa tarde! — cumprimento, me aproximando.

— Irmãozinho, seu traíra. Por que não me disse que a mais bela da família estava aqui dentro, escondida? Já comi o rabo do Vinicius por isso. — Rômulo finge indignação.

— A boca, Rômulo — minha mãe ralha, enquanto todos tornam a rir. Incluindo minha sogra.

— Não liga, dona Lélia. Meu irmão mais velho não tem filtro — justifico.

— Não tem problema, desde que ele não arranque as roupas aqui — ela adverte.

— Só se a senhora pedir — ele rebate, rindo.

— Boa tarde, a todos! — Todos se viram, vendo Toninha, que está simplesmente linda.

Nossa, eu nunca havia reparado que a mais velha das irmãs era tão bonita. Ela usa um vestido de crochê creme, agarrado ao corpo, indo até o pé, seu cabelo não está bagunçado, como de costume, os cachos estão desenhados tornando o contorno do seu rosto maravilhoso.

— Uau — Viny exclama e Ritinha o cotovela. — Ai! Doeu, marrenta!

— Vai doer mais, se não fechar a boca.

— Ela está linda — comento e olho para Clara. — Mas você é mais. — Beijo seu nariz.

— Não tem problema. Toninha precisa dessa injeção de ânimo e, de fato, ela tá uma gata.

— *Eita*, que a cabrita conseguiu virar sereia. — Rômulo bate palmas, olhando atentamente para o corpo de Toninha.

— E você continua o mesmo escroto — ela responde, fazendo pouco caso.

— Cabrita? — dona Lélia questiona.

— Pois é, dona Lélia. Uma cabrita, que às vezes parece mansa e doce, até bonitinha, mas que do nada é possuída pela ira do diabo e ataca quem está em volta — meu irmão responde o questionamento, porém, seus olhos nunca deixam Toninha.

— E você parece um bezerrão! Uma criança, quer tudo na mão, estabanado, atrapalhado e vive atrás de uma vaca leiteira. — A paciência dela se extingue e ela solta o verbo com Rômulo.

— Ranzinza! — ele rebate.

— Sem-vergonha! — ela acusa.

— Já chega! — dona Lélia intervém. — Vocês vão aprender a conviver por bem ou por mal.

— Concordo com a Lélia. Podem começar se sentando lado a lado e, Rômulo, meu filho, comporte-se. — A maneira como minha mãe olha para Rômulo não deixa brechas para discordar.

Os dois bufam em resposta, mas obedecem ao que foi mandado. Todos nos acomodamos à mesa, seu Jaime é o último a chegar, se desculpando, pois teve uma emergência para atender.

Sentamos intercalados, um irmão ao lado de cada irmã, assim poderíamos interagir melhor, segundo dona Lélia. Aproveitei para apalpar as pernas da minha namorada e, pela cara do Vinicius, ele fazia a mesma coisa com a sua.

Paula não se juntou a nós no almoço, disse que estava indisposta e dona Lélia a deixou no quarto. Guilherme pareceu incomodado durante o almoço, pouco falava e quando era questionado sobre algum assunto, respondia evasivo, como se não soubesse do que falávamos.

— Meu marido estaria muito feliz de estar aqui. Nos conhecemos assim, como esses quatro, Lélia. Foi tudo rápido demais e quando nos demos conta, estávamos casados e esperando por Rômulo — minha mãe comenta, saudosa.

— Jaime e eu também fomos rápidos. Na nossa época, não existia essa coisa de esperar, não é? — Os três riem, concordando.

— No nosso caso vai demorar bastante — Ritinha anuncia, com a face assustada.

— Que isso, mulher? — Viny protesta exageradamente, fazendo todos rirem.

— Mamãe querida, conte com eles para isso, pois seu filho mais velho não pretende se casar, nunca — Rômulo anuncia.

— Como se alguma maluca fosse querer — Toninha fala baixo, mas o suficiente para ser ouvida.

— Pois saiba, cabrita, que têm muitas pretendentes querendo esse corpão aqui — ele responde, virando seu corpo na cadeira, em direção dela.

— Valha-me Deus. Só aquela fila de desfrutáveis mesmo! — Ela olha para ele com desdém.

— Será mesmo? Não sei, não, cabrita. Posso me lembrar de uma que não é tão desfrutável assim... Eu diria que ela é até meio... beata — Rômulo fala, olhando para o nada, sendo cínico ao extremo.

— Cala a boca! — ela esbraveja.

— Dá *pra* parar. Os dois! — seu Jaime ordena e a discussão eminente se dissipa.

— Você está quieta demais — sussurro para Clara.

— Só estou aproveitando o momento. Está tudo tão incrível.

— Perfeito? — pergunto, sorrindo.

— Mais que perfeito, Marcelo.

— Se fosse assim todos os dias de sua vida, até morrer, você ficaria feliz? — A pergunta surge, sem que eu pense sobre isso.

Feito um raio atravessando minha mente, eu olho para ela e às pessoas ao redor e consigo me imaginar daqui muitos anos, fazendo a mesma coisa. Posso adicionar uma ou duas crianças correndo por este quintal, sentados na balanço que um dia foi da mãe e tia deles, fazendo a alegria da família.

Um pensamento totalmente inesperado que serve como um despertar, uma premonição ou chame do que quiser, mas que será o melhor caminho para minha vida de aqui por diante.

— Do que está falando?

— Acho que você sabe, mas eu não farei desta forma. Quando lhe pedir para ser minha para sempre, será como nos contos de fadas, Clara. Como você merece.

— Ah, meu... — ela solta, me abraçando apertado.

— O que está acontecendo? — dona Lélia pergunta.

— Nós vamos nos casar! — ela grita e eu engasgo.

Não era para ser assim!

— O quê? — Minha mãe e dona Lélia se levantam.

— Agora é definitivo! Meu irmão perdeu as bolas! — Escuto Rômulo protestar.

— Um dia. Eu disse que um dia, não muito longe, iremos nos casar — anuncio o que

não tem volta.

— Misericórdia! Clarinha, você está grávida? — Escuto uma voz vinda do portão do fundo.

— Mirtes! — dona Lélia avisa baixo. — O que faz aqui?

— Vi a movimentação na entrada da sua casa e vim cumprimentar a família Queiroz. Eu escutei direito, mulher, sua filha vai casar porque está grávida? — ela comenta, se achegando à mesa e cutucando o prato de batatas.

— Claro que não, Mirtes! Minha filha vai se casar, em algum momento, foi isso que disseram. E não tem gravidez nenhuma! — Dona Lélia volta a se sentar.

— Pois quando o momento chegar, rapaz, saiba que tem minha benção — seu Jaime fala, tocando meu ombro.

— Não antes de mim e Ritinha — Vinicius anuncia e todos, incluindo eu, acabamos rindo. — Qual é a graça?

— Você... conseguir levar ela... para o altar — Clarinha responde, em meio às gargalhadas.

— Nem que a vaca tussa. — Ritinha parece ser a única a não achar graça.

— Marrenta? Poxa! — Viny reclama.

— *Pra* mim já deu. É muita florzinha em uma mesa só. Dona Lélia, seu almoço está maravilhoso, mas eu preciso me retirar — Rômulo anuncia, pegando a mão da minha sogra e deposita um pequeno beijo.

— Vai visitar Tetê de novo? — dona Mirtes pergunta.

— Muito provável que sim. — Ele sorri de lado, piscando para a senhora.

— Também já vou. Obrigado pelo almoço. — Guilherme se levanta.

— Cabrita, nos vemos em outra oportunidade. Vamos marcar um terço — Rômulo fala, quando está longe o suficiente para não ouvir as ofensas de Toninha.

— Desculpe, meu filho. Ele é bom, só tem um humor ácido — minha mãe justifica. — Guilherme, me leva com você?

— Claro, mãe.

Nos despedimos deles e terminamos o almoço na companhia de dona Mirtes, que queria saber a qualquer custo quando será nosso casamento. Viny e Ritinha tiraram a mesa e eu fiz questão de ajudar Clara com a louça, mesmo não levando muito jeito para isso.

— Deixa que eu enxugo, Marcelo — Clara protesta, enxaguando os pratos.

— Não. Você lava e eu enxugo.

Ora ou outra eu aproveitava a proximidade e lhe roubava um beijo, às vezes ela cedia, às vezes me ameaçava com água e, cada vez mais eu conseguia imaginar um futuro assim.

Termino o último prato, jogo o pano de prato na bancada e apoio minhas mãos na pia, prendendo o corpo de Clara entre elas. Seus olhos mostram expectativa, desejo e eu quero ser o homem a sanar todos os seus anseios, sempre.

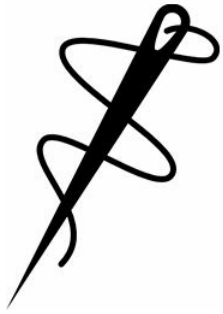
— Eu falo sério. Quero me casar com você. Quero você pela vida inteira.

— Eu também, Marcelo. Eu te amo.

Sua boca busca a minha e logo estamos nos abraçando, apertando e sentindo nossas línguas se consumirem.

Há poucos dias estava chamando meu irmão de maluco por se render tão rápido a uma mulher que não parecia poder lhe oferecer grandes coisas e, no fim, aqui estou eu.

Rendido, apaixonado e louco por uma menina, que mal sabe sobre a vida, mas em tão pouco tempo aprendeu tudo sobre meu coração e o tomou para si, sem direito a devolução.



Capítulo 20

*“Eu te abraçaria, mesmo você sendo um
cacto e eu um balão.”*

— Autor Desconhecido

Clarinha

Já li tantos livros de romances que, sinceramente, perdi a conta. Mesmo sabendo que o mundo lúdico sempre acaba bem e que o mocinho é o perfeito príncipe e a mocinha, mesmo as atrapalhadas, acabam tendo aquela forcinha do destino para chegarem ao seu felizes para sempre.

Algumas dessas histórias trazem os dramas, as dificuldades e tem o sofrimento para evidenciar uma mensagem ou ensinar algo para o protagonista. Nesses casos, meu coração fica apertado e só alivia quando no final, o casal finalmente encontra um meio para o fim.

Nunca imaginei viver meu conto de fadas na vida real. Ainda me pego, por vezes, pensando que tudo não passa de um sonho, um devaneio e que alguma das minhas irmãs irá me acordar e dizer que estou sonhando acordada.

Marcelo era o cara mais improvável para eu me apaixonar, seu jeito esnobe, muitas vezes, grosso, mesmo que sem perceber, seu estilo de vida completamente oposto a mim, só deixava claro o quão errado tudo isso poderia dar.

Contrariando minha razão eu caí, e foi profundo, intenso e incrivelmente maravilhoso. Entregar meu coração a ele não foi algo que eu decidi ou escolhi, simplesmente aconteceu, não tendo direito a voltar atrás.

— Bom dia, morena. — Marcelo me abraça por trás.

Estou descascando goiabas para o doce, hoje minha mãe resolveu fazer um mutirão e exigiu a presença dos genros. Como ela diz: quanto mais mãos trabalham, mais rápido fazemos a coisa toda.

— Bom dia, amor — respondo, sorrindo.

— Adoro quando me chama assim. Melhor ainda se fosse marido — ele sussurra.

— Marcelo... — Tento explicar mais uma vez.

— Eu sei. Ainda é cedo e você quer esperar a festa passar. Tudo bem. — Ele ergue as mãos em rendição, sorrindo de lado.

Desde o almoço no último domingo, Marcelo tem cada vez mais falado de casar, ter filhos e o quanto seria bacana os almoços de domingo aqui ou na fazenda.

Claro que isso fez a romântica apaixonada em mim se deslumbrar e voar alto, sonhando com tudo isso, mas preciso usar minha razão. As coisas estão acontecendo tão rápido que preciso frear e aproveitar mais o momento, mas pelo visto, meu namorado determinado parece não entender essa parte.

— Exato! Não precisamos ter pressa, não é mesmo? — Enxugo minhas mãos no pano e vou até ele, enlaçando seu pescoço.

— Acho que não. — A voz meio desanimada dele corta meu coração.

— Cheguei, moças. Se preparem, pois vou arrasar nesta cozinha. — Viny entra, acompanhado de Ritinha.

— Menos, grandão — Ritinha desdenha.

— Muito bem. O fogão industrial está do lado de fora. Meninos, vamos lá que vocês vão mexer a panela — minha mãe aparece dando as ordens.

— Sim, senhora — Vinicius e eu respondemos, seguindo-a.

Ela explica cuidadosamente como eles devem mexer a panela, nunca deixando de movimentar o fundo para não grudar e queimar o doce. Ressalta sobre o quanto ele é famoso na festa e que todos esperam por nada menos que a excelência.

Os dois parecem cachorrinhos sendo adestrados e ouvem tudo com máxima atenção, conhecendo bem Marcelo, se ele pudesse, provavelmente estaria com um caderno e caneta em mãos, anotando tudo que ela dizia.

Volto para a cozinha, vendo Ritinha parada, olhando para o nada.

— O que foi?

— Vinicius tem falado muito em casamento. Mesmo eu gritando e desconversando, ele tem insistido.

— Ai, o Marcelo também.

— Mas isso é tão natural para vocês dois, Clara. É óbvio que funcionaria perfeitamente. Você nasceu para isso, irmãzinha.

— Eu sei. Mesmo assim, tenho medo. Tudo está perfeito demais.

— No meu caso, tudo está ótimo. Mas só de pensar em aguentar Viny o dia todo na minha cabeça, fico maluca.

— Mas isso que é casamento, não é? — Rimos da minha piada. — Compensamos os defeitos com as qualidades e aprendemos a lidar com o tempo.

— Acho que sim.

— O medo é normal, eu acho. Acho que podemos fazer aquilo que o coração toca e o medo sempre estará presente, sendo nosso freio para a imprudência. Quem disse que existe tempo certo para as coisas acontecerem, Rita?

— Mas isso não é ser imprudente?

— Seu coração diz que ele não é o homem para isso?

— O que o seu diz, irmãzinha? — ela devolve, com um sorriso maroto.

— O meu... ele diz que Marcelo é o homem perfeito e que nunca acharei alguém que possa substituí-lo.

— Então, acho que já tem sua resposta para a proposta dele, não é mesmo? — Ela faz um sinal com a cabeça e olho para onde apontou.

Marcelo está parado na porta da cozinha, seus olhos grudados em mim, um fraco sorriso denuncia que ele ouviu tudo que disse. Acabo por sorrir, envergonhada, ser pega desprevenida dessa forma nunca é legal.

— Você quer mesmo isso, morena? — Ele se aproxima a passos cautelosos.

Meu sorriso se alarga, Marcelo une nossas mãos e tudo em volta se torna um borrão. Ele tira algo do bolso, uma pequena caixa de veludo preta.

O sorriso que eu ostentava sumiu, meu coração disparado pedindo por mais sangue, o ar começando a se tornar escasso em meus pulmões e ele lentamente se ajoelhando à minha frente.

— Meu... — balbucio, perdendo a voz.

— Clara, minha morena, a mais perfeita de todas para mim. Quando vim à sua casa, na tentativa de me desculpar por ser um babaca, eu lhe dei um cacto. Na simbologia, ele representava a grande amizade, mas naquela época, eu já sabia que queria muito mais. Hoje, eu peço que olhe para aquela planta como símbolo do nosso amor. Duro e até espinhoso por fora, para nos proteger de qualquer mal, mas por dentro, guardião de todo o sentimento de amor, cumplicidade e afeto, que temos e vamos continuar construindo, juntos. Quero ser a água que mata sua sede, o Oásis que aclama seu calor, o homem a lhe dar todas as flores que possam enfeitar e alegrar seu dia.

— Que coisa linda... se Viny não fizer algo parecido com isso, eu *mato ele*. — Olho para trás, sorrindo para Rita — Desculpe.

— E então? Aceita cuidar desse cacto comigo? — Os olhos dele transparecem toda a calma para meu coração.

— Sim! Claro que sim! — Algumas lágrimas rolam pelo meu rosto.

Marcelo coloca um lindo anel com uma pedra transparente no meu dedo. Levanta tão rápido quanto consegue e me leva em seus braços, beijando todo meu rosto.

Logo a cozinha está lotada com minhas irmãs e minha mãe nos felicitando, cumprimentando e até Toninha, que normalmente não se manifesta, pareceu emocionada ao me abraçar.

— Desejo toda a felicidade do mundo a você, Clara. Parece que escolheu o Queiroz certo. — Ela sorri, cúmplice, seus olhos marejados.

— Agora é nossa vez, marrenta! — Viny decreta e ela bufa.

— Essa vai ser difícil, rapaz — minha mãe adverte.

— Queria que fosse algo mais especial. Como você merece — Marcelo fala baixo, para que somente eu ouça.

— Mas foi especial. Foi perfeito.

— Aqui? Nesta cozinha? — Ele estranha.

— Você sabe quantas vezes fiquei parada exatamente aqui, olhando para o nada e imaginando quando meu príncipe encantando invadiria minha casa, me colocaria em seus braços e me faria a mulher mais feliz do mundo?

— E ele era assim bonitão, como eu? Perfeito desse jeito aqui? — ele pergunta, divertido.

— Claro que não. Era muito melhor — respondo, provocativa.

— Ah, morena. — Ele aproveita as mãos em minha cintura e começa a fazer cócegas em mim.

— Para! Para! — Tento me livrar e não consigo.

— Fala! Anda! Ou eu não vou parar.

— Tá... bom... Tá! — Ele finalmente para seu ataque.

— Em nenhum dos meus sonhos, o príncipe chegou perto de ser tão perfeito para mim

como você é. Eu te amo, Marcelo.

— Também te amo, morena.

E assim começou, a minha verdadeira história de amor e que pretendo levá-la por toda a vida.

Sei que nada será fácil, provavelmente terei momentos de raiva, em que planejar o assassinato do meu namorado, quase marido, será bem interessante, mas a vida é assim.

Opostos se atraem tanto quanto os afins, o destino sempre dando seu jeito de encaixar tudo, faz as surpresas da vida serem interessantes.

No homem mais errado encontrei o cara mais perfeito e esse é só o começo da nossa vida aqui em Palomino.

Fim

Sobre a Autora

Agatha Waleska F T Santos, pseudônimo Agatha Santos, tem 30 anos, casada, sem filhos, umbandista na alma e no coração. É natural de Taubaté, interior de São Paulo. Formada em Administração de Empresas e ex-gerente administrativa no ramo de varejo de combustíveis. Sempre gostou de leitura, mas sua paixão se enraizou com a Série Cinquenta Tons. É uma devoradora de romances eróticos e há pouco mais de dois anos descobriu o encantamento pela escrita. Sua primeira obra é a Série Se Entregando ao Amor, Agatha gosta da alegria da vida e é a favor de que aquilo que faz a pessoa feliz a torna alguém melhor.

<https://www.facebook.com/autoraagathasantos>

<https://www.instagram.com/agathasantosautora/>